

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS  
CENTRO DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS E DA SAÚDE  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM TERAPIA OCUPACIONAL**

**OCUPAÇÕES INFANTIS E PANDEMIA DA COVID-19: A PERCEPÇÃO  
DAS MÃES**

Ana Claudia Moron Betti

São Carlos  
2021

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS  
CENTRO DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS E DA SAÚDE  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM TERAPIA OCUPACIONAL**

**OCUPAÇÕES INFANTIS E PANDEMIA DA COVID-19: A PERCEPÇÃO  
DAS MÃES**

Ana Claudia Moron Betti

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Terapia Ocupacional da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar) como requisito para obtenção do título de Mestre em Terapia Ocupacional.

Orientadora: Profa. Dra. Patrícia Carla de Souza Della Barba.

Linha de pesquisa: Promoção do Desenvolvimento Humano nos Contextos da Vida Diária.

São Carlos

2021



## UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS

Centro de Ciências Biológicas e da Saúde  
Programa de Pós-Graduação em Terapia Ocupacional

---

### Folha de Aprovação

---

Defesa de Dissertação de Mestrado da candidata Ana Claudia Moron Betti, realizada em 18/02/2021.

#### Comissão Julgadora:

Profa. Dra. Patrícia Carla de Souza Della Barba (UFSCar)

Profa. Dra. Maria Fernanda Barboza Cid (UFSCar)

Prof. Dr. Maria Madalena Moraes Sant'Anna (FAMESP)

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.

O Relatório de Defesa assinado pelos membros da Comissão Julgadora encontra-se arquivado junto ao Programa de Pós-Graduação em Terapia Ocupacional.

## AGRADECIMENTOS

Agradeço à minha família, aos meus pais e irmãos, por serem minha fortaleza e me incentivarem nesta caminhada. Agradeço à minha irmã Karen, mesmo que em campos tão diferentes, por me inspirar nos caminhos acadêmicos e compartilhar suas experiências sempre. Aos meus sobrinhos Ciccio, Theo e Tom por alegrarem meus dias e por esperarem a Tia Clau terminar de ler aquele capítulo. À minha prima “da saúde” Dani que me incentivou a ser terapeuta ocupacional e continua sempre me apoiando.

Às minhas amigas da vida, Fer, Dani, Paulinha, Lika, Ju, por trazerem leveza e boas risadas nos dias mais difíceis.

Aos meus amigos dos clubinhos da T.O., Isabela, Tatiane, Amanda, Giorgia, Adriana, Lígia, Bruno, Simone, Silvinha, Juliana, Mariana, Dinara, que me fazem sentir compreendida e pertencente.

À minha grande professora e amiga Cíntia Bernal pela escuta, acolhimento e tantos ensinamentos e aos meus colegas de trabalho da Clínica Áurica e do Centro de Referência em Educação pela solidariedade e companheirismo.

Às colegas e amigas de trabalho Thaís, Stella, Adriana, Fernanda, Valéria, Gi, Ângela, Fátima, Aleandra, pelo incentivo e pela torcida de vocês.

Às colegas do Grupo de Pesquisa: Terapia Ocupacional e Atenção Integral à Infância, Ana Célia, Bruna, Maysa, Gabi, Dáffini, Carina, Bel, e à Débora por motivar e apoiar meu encantamento pelo desenvolvimento ocupacional.

Aos meus amigos do PPGTO, em especial Lucas e Carol, pelas trocas de áudios desesperados e ao mesmo tempo tranquilizantes. À minha grande parceira Fernanda, desde a matrícula como aluna especial, pelas longas viagens a São Carlos, pelas garrafas de café derramadas no carro, por tantas experiências divididas e tantas conversas fortalecedoras.

Às professoras Maria Fernanda e Madalena pelas ricas contribuições e pela gentileza dos apontamentos.

À minha orientadora, professora Patrícia pela paciência e tranquilidade durante esse processo, por me apontar os caminhos, me motivando constantemente pela pesquisa, que seguirá por mais alguns anos.

“Novas sensações, novos desafios, novas perspectivas e possibilidades, novas habilidades. E aos poucos a ampliação da percepção de que se pode mudar, percepção que se constrói, construção que se instala na rotina e que pode fertilizar associações na trama de outras ou novas experimentações, significadas na troca e no encontro” (MAXIMINO; TEDESCO, 2016).

## RESUMO

As ocupações, objeto de estudo e prática na Terapia Ocupacional, são compreendidas como atividades humanas, cotidianas, que as pessoas realizam de forma individual, em família ou na comunidade, com propósitos e significados. As crianças, à medida que desempenham ocupações, aprendem, dominam e colocam em prática novas habilidades, desenvolvem autonomia e independência e sentimentos de pertencimento e autoestima. Com o surgimento da pandemia da COVID-19, a adoção de medidas de distanciamento e adequações nos formatos de atividades escolares e de trabalho foram tomadas em proporção mundial, como forma de reduzir a propagação do vírus. Questionando as influências do distanciamento social nas ocupações infantis e os desafios e estratégias de enfrentamento encontrados pelas famílias, este estudo teve como objetivo analisar, sob a perspectiva de responsáveis, a influência do distanciamento social na participação de crianças de 4 a 6 anos em suas ocupações e rotinas, durante a pandemia da COVID-19, bem como identificar os recursos disponíveis e utilizados pelas famílias para apoiar e promover a participação neste contexto. A coleta de dados se deu por meio de questionário *online* respondido pelos adultos responsáveis pela criança. Foram obtidas 330 respostas, a partir das quais realizou-se análise estatística (perguntas fechadas) e análise temática (perguntas abertas). A pesquisa alcançou um grupo de participantes pouco heterogêneo, reconhecido enquanto limitação do estudo, todavia impulsionando discussões acerca das rotinas e ocupações das crianças e famílias. Identificou-se que, embora as mudanças de rotina possam ter restringido as oportunidades de ocupações, as rotinas foram estruturantes para a participação nas ocupações. Sobre as famílias, influenciadas pelos contextos socioeconômico e cultural e centrais na construção e sustentação dessas rotinas, destacou-se a sobrecarga das mães com as tarefas domésticas, de trabalho e os cuidados com os filhos; a saúde mental de adultos e crianças e o fortalecimento de vínculos familiares. Foram identificadas oportunidades de acompanhamento do desenvolvimento global de suas crianças, além de observados ganhos na autonomia, independência e participação em tarefas domésticas. Sobre a ocupação escolar e o papel de estudante, discutiu-se sobre as mudanças no desempenho desta ocupação, as influências prejudiciais pela redução do contato social com pessoas da escola, os desafios dos adultos em acumular tarefas e acompanhar as aulas, mas também sobre as possibilidades de acompanhar e participar do desenvolvimento escolar das crianças. Sobre as redes de apoio e informação encontradas pelas famílias, destacou-se o papel do professor enquanto principal fonte de informação identificada pelas famílias e sobre as próprias famílias como principal fonte de apoio emocional. Almeja-se que, enquanto estudiosos das ocupações, possamos reconhecer e valorizar as rotinas e os contextos naturais e favorecer que crianças e suas famílias encontrem sentido e propósito nas suas ocupações, intervindo numa construção conjunta, não como uma orientação padronizada a ser seguida. Sugere-se que estudos futuros busquem maior heterogeneidade relacionada à faixa etária dos participantes, características socioeconômicas, escolaridade, enfoque em discussões de gênero incluindo a sobrecarga materna e escuta da percepção das crianças enquanto protagonistas deste processo.

**Palavras-chave:** Desenvolvimento ocupacional. Ocupações infantis. Infância. Pandemia COVID-19. Distanciamento Social.

## ABSTRACT

Occupations, the object of study and practice in Occupational Therapy, are understood as human, daily activities, which people perform individually, in family or in the community, with purposes and meanings. Children, as they perform occupations, learn, master and put into practice new skills, develop autonomy and independence and feelings of belonging and self-esteem. With the emergence of the COVID-19 pandemic, the adoption of distance measures and adjustments in the formats of school and work activities were taken in a worldwide proportion, as a way to reduce the spread of the virus. Questioning the influences of social distance in children's occupations and the challenges and coping strategies encountered by families, this study aimed to analyze, from the perspective of guardians, the influence of social distance on the participation of children from 4 to 6 years old in their occupations and routines, during the COVID-19 pandemic, as well as identifying the resources available and used by families to support and promote participation in this context. Data collection took place through an online questionnaire answered by the adults responsible for the child. 330 responses were obtained, from which statistical analysis (closed questions) and thematic analysis (open questions) were carried out. The research reached a not very heterogeneous group of participants, recognized as a limitation of the study, however, stimulating discussions about the routines and occupations of children and families. It was identified that, although the routine changes may have restricted the opportunities for occupations, the routines were structuring for the participation in the occupations. Regarding families, influenced by the socioeconomic and cultural contexts and central to the construction and support of these routines, the mothers' overload with domestic tasks, work and care for their children stood out; the mental health of adults and children and the strengthening of family bonds. Opportunities were identified to monitor the global development of their children, in addition to gains in autonomy, independence and participation in domestic tasks. About school occupation and the role of students, we discussed the changes in the performance of this occupation, the harmful influences caused by the reduction of social contact with people at school, the challenges of adults in accumulating tasks and following classes, but also about possibilities to monitor and participate in children's school development. Regarding the support and information networks found by the families, the role of the teacher was highlighted as the main source of information identified by the families and about the families themselves as the main source of emotional support. It is hoped that, as students of the occupations, we can recognize and value the routines and natural contexts and encourage children and their families to find meaning and purpose in their occupations, intervening in a joint construction, not as a standardized orientation to be followed. It is suggested that future studies seek greater heterogeneity related to the age group of the participants, socioeconomic characteristics, education, focus on gender discussions including maternal overload and listening to the children's perception as protagonists of this process.

**Keywords:** Occupational development. Child Occupations. Childhood. COVID-19 pandemic.

Social distancing.

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Etapas da pesquisa	36
Figura 2 - Características das famílias - Região e grau de parentesco com a criança	44
Figura 3 - Características das famílias - Escolaridade e condição de trabalho atual	45
Figura 4 - Características das famílias - Renda familiar mensal	46
Figura 5 - Características das famílias - Ajuda nos cuidados com a criança	46
Figura 6 – Principais atividades escolares desenvolvidas pelas crianças	47
Figura 7 - Impactos gerais sobre as ocupações	49
Figura 8 - Mudanças relacionadas ao sono	50
Figura 9 - Mudanças relacionadas à alimentação	51
Figura 10 - Mudanças relacionadas à higiene	52
Figura 11 - Mudanças relacionadas ao uso de roupas	53
Figura 12 - Mudanças relacionadas ao uso do banheiro	54
Figura 13 - Mudanças relacionadas ao brincar	55
Figura 14 - Mudanças relacionadas à convivência e interação social	56
Figura 15 - Mudanças relacionadas à comunicação	59
Figura 16 - Mudanças relacionadas à realização de atividades escolares	60
Figura 17 - Principais desafios dos adultos ou do ambiente na realização de atividades escolares	61
Figura 18 - Mudanças relacionadas às emoções e comportamentos	63
Figura 19 - Desafios do adulto relacionados às emoções	64
Figura 20 - Estratégias encontradas para enfrentar os desafios relacionados às ocupações	65
Figura 21 - Principais fontes de apoio emocional durante o distanciamento social	66
Figura 22 - Principais fontes de estratégias e informações sobre o desenvolvimento da criança	67



## **LISTA DE SIGLAS**

AOTA	American Occupational Therapy Association
EVAC	End Violence Against Children
NCPI	Núcleo Ciência Pela Infância
OECD	Organisation for Economic Co-operation and Development
OMS	Organização Mundial de Saúde
OPAS	Organização Panamericana de Saúde
UNICEF	United Nations International Children's Emergency Fund
WHO	World Health Organization

# SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO</b>	<b>7</b>
1.1 Participação de crianças nas ocupações infantis	7
1.2 Rotinas e ocupações de crianças de 4 a 6 anos	12
1.3 A pandemia da COVID-19 e as medidas de distanciamento social	22
1.3.1 Distanciamento social e impactos nas rotinas e ocupações	25
1.3.2 Estratégias de enfrentamento aos desafios do distanciamento social	32
<b>2 OBJETIVO GERAL</b>	<b>34</b>
<b>3 MÉTODO</b>	<b>34</b>
3.1 Percurso e etapas da pesquisa	35
3.2 Local de pesquisa	36
3.3 Participantes, critérios de inclusão e exclusão	37
3.4 Aspectos éticos	37
3.5 Procedimentos	37
3.5.1 Elaboração do instrumento para coleta de dados	37
3.5.2 Adequação e validação do instrumento para coleta de dados	40
3.5.3 Coleta de dados	42
3.5.4 Análise dos dados	43
<b>4 RESULTADOS</b>	<b>44</b>
4.1 Caracterização das famílias participantes do estudo	44
4.2 Caracterização das crianças mencionadas no estudo	46
4.3 Atividades escolares e atividades externas durante o período de distanciamento social	47
4.4 Impactos gerais sobre as ocupações	47
<b>5 DISCUSSÃO</b>	<b>67</b>
5.1 Perfil das respondentes da pesquisa	68
5.2 Mudanças percebidas pelas respondentes, nas ocupações e rotinas de crianças durante o distanciamento social	70
5.3 Oportunidade de participação nas ocupações familiares	72
5.4 Mudanças nas rotinas e ocupações escolares e o papel ocupacional de estudante	74
<b>6 CONSIDERAÇÕES FINAIS</b>	<b>78</b>
<b>REFERÊNCIAS</b>	<b>79</b>
<b>APÊNDICES</b>	<b>87</b>
APÊNDICE A - Questionário	87
APÊNDICE B - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido	110
<b>ANEXOS</b>	<b>112</b>
ANEXO A - Aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos	112

# 1 INTRODUÇÃO

## 1.1 Participação de crianças nas ocupações infantis

Adotando o conceito de ocupação como objeto de estudo e da prática em Terapia Ocupacional (AOTA, 2020) e reconhecendo a importância e necessidade de estudos brasileiros que contemplem esta perspectiva no campo da infância, como indicaram Folha e Della Barba (2020), iniciamos com alguns apontamentos referenciais.

De um modo geral, as ocupações podem ser compreendidas como atividades humanas, cotidianas, que as pessoas realizam de forma individual, em família ou na comunidade para ocupar seu tempo e que possuem propósitos e significados diferentes para cada um. As ocupações incluem o que as pessoas querem ou precisam fazer enquanto necessidade básica e o que é esperado socialmente delas. Por meio das ocupações, uma pessoa expressa sua identidade, pertencimento e realiza escolhas com motivação e sentido (AOTA, 2020; FOLHA; DELLA BARBA, 2020; RODGER; ZIVIANI, 2006).

Magalhães (2013) aponta a participação ou não em ocupações, enquanto determinantes do bem-estar, destacando que nem todas as ocupações são significativas ou sinônimo de saúde. Assim, a autora destaca que o principal desafio na Terapia Ocupacional é ampliar as oportunidades ocupacionais das populações a quem nossas práticas se destinam.

No campo da infância, Mandich e Rodger (2006) apresentam a noção de “ser e tornar-se” por meio das ocupações, tendo em vista as mudanças que ocorrem a partir da participação nelas. As autoras apontam que participar de ocupações é fundamental para o desenvolvimento saudável de todas as crianças e que o contexto e os papéis ocupacionais vivenciados (criança, amigo, estudante, “brincante”) permitem que a criança desenvolva sua identidade, sinta-se (e torne-se) produtiva e pertencente.

Folha e Della Barba (2020), defendem a adoção da perspectiva ocupacional na infância como uma necessidade eminente na sustentação das práticas e diferenciação das especificidades da profissão proporcionando um conhecimento e teoria acerca das crianças enquanto seres ocupacionais e admitindo que o desenvolvimento ocupacional é resultado da interação entre a criança, suas ocupações e o ambiente em que vive.

Esta perspectiva também é defendida por Davis e Polatajko (2006), Folha (2019), Folha e Della Barba (2020), Law e colaboradoras (2006), por possibilitar uma compreensão

ampliada da infância, que vai além do enfoque no desenvolvimento de habilidades ou domínios específicos, advindos de outras áreas do conhecimento, nos quais pautou-se e pauta-se as ações da profissão. Reconhece-se a importância de saber sobre o desenvolvimento de habilidades, mas insuficiente para os objetivos a que se propõe a Terapia Ocupacional, pela razão de se referir a características exclusivamente da pessoa e não contemplar a interação das habilidades e capacidades com as ocupações e o ambiente (DAVIS; POLATAJKO, 2006; FOLHA, 2019; FOLHA; DELLA BARBA, 2020; LAW et al., 2006).

Assim, Davis e Polatajko (2006) afirmam que as crianças desenvolvem ocupações que querem, podem e devem participar, incluindo “ser criança”, experimentando e aprendendo e explicam que compreender a infância a partir de uma perspectiva ocupacional significa reconhecer que estas ocupações são influenciadas pelos estágios de desenvolvimento da pessoa, pelas demandas das ocupações que ela participa e pelos suportes e barreiras que o ambiente oferece. Como exemplo, Lane (2012) mostra que aprender a andar de bicicleta demanda habilidades motoras, atencionais e cognitivas da criança, mas também requer suporte e expectativa dos adultos, envolve as dimensões da bicicleta, questões de segurança da criança e do espaço físico onde será pedalado (DAVIS; POLATAJKO, 2006; LANE, 2012).

Assim, a criança desempenha ocupações e papéis relacionados a ela, que vão se modificando durante seu desenvolvimento, num processo dinâmico, requisitando suas competências ocupacionais (relacionadas à criança), o repertório ocupacional (conjunto de ocupações realizadas num determinado período da vida) e o comportamento ocupacional (conjunto de possibilidades de ocupações ao longo da evolução humana, num determinado tempo) (DAVIS; POLATAJKO, 2006).

A partir destas ideias, Davis e Polatajko (2006) conceituam o desenvolvimento ocupacional enquanto mudanças graduais destas interações (pessoa, ocupações e ambiente) ao longo do tempo, crescimento e maturação.

Rodger e Ziviani (2006) afirmam que à medida que a criança participa em ocupações diárias relacionadas à casa, escola e comunidade, a importância e o significado de cada papel ocupacional se transformam.

Teóricas da perspectiva ocupacional como Mandich e Rodger (2006), Rodger e Ziviani (2006), Yee e colaboradoras (2017), afirmam que, participando de ocupações significativas, ou seja, que tenham propósito, significado e utilidade percebida pelo sujeito (AOTA, 2020), as crianças podem aprender, dominar e colocar em prática novas habilidades, desenvolver sua autonomia e independência, tornar-se e sentir-se produtivas, desenvolver autoestima e um sentimento de pertencimento e envolvimento social, fundamentais para o desenvolvimento

saudável e bem-estar de todas as crianças, com desenvolvimento típico ou não (MANDICH; RODGER, 2006; RODGER; ZIVIANI, 2006; YEE et al., 2017).

Autores apontam que as ocupações acontecem além dos espaços físicos, mas sociais e culturais e pessoas, crenças, valores e hábitos qualificam as experiências. As oportunidades oferecidas pelo ambiente e vivenciadas pelas crianças, serão estruturantes da representação que elas terão do que podem fazer, de suas possibilidades (FOLHA, 2019; LANE, 2012; LAW et al., 2006; MANDICH; RODGER, 2006).

Folha (2019) também sinaliza que a adoção da perspectiva ocupacional no campo da Educação e principalmente da infância, possibilita a identificação de oportunidades ou barreiras para a participação em ocupações, relacionadas tanto aos ambientes e atividades, quanto ao desenvolvimento infantil.

No documento da Associação Americana de Terapia Ocupacional (AOTA) encontramos a definição de participação enquanto “envolvimento numa situação de vida”, que ocorre quando há pessoas ativamente envolvidas em atividades com propósito e significado (AOTA, 2020). Rodger e Ziviani a definem pela origem da palavra, do latim, como “fazer parte”, enfatizando o sentido ativo da palavra enquanto compartilhamento, envolvimento, experiência (RODGER; ZIVIANI, 2006).

Law et al. (2006) explicam que a participação de crianças pode ser compreendida tanto como um processo quanto um resultado, pois no primeiro o envolvimento nas atividades cotidianas pressupõe dimensões temporais, espaciais e significados atribuídos pessoalmente dependendo de como e com quem as atividades acontecem. Já no segundo, a participação é objetivo da intervenção de Terapia Ocupacional e um indicador de saúde infantil, bem-estar e desenvolvimento. As autoras reforçam que a promoção da participação de crianças é central para os terapeutas ocupacionais neste campo e que, para aprofundar o conhecimento sobre este processo e resultado, é necessário compreender o contexto e o ambiente em que elas vivem, trabalham e se divertem, bem como conhecer as ocupações infantis e as relações entre pessoa-ambiente-ocupação (LANE, 2012; LAW et al., 2006).

O documento da AOTA (2020) também reforça que, para alcançar participação, significado e propósito nas ocupações, uma pessoa não deve ter apenas função, mas envolver-se confortavelmente com o seu mundo, numa combinação única de contextos e ambientes.

Partindo da premissa de que o desenvolvimento ocupacional está na relação entre a criança, suas ocupações e o ambiente, Darlington e Rodger (2006) mostram que a família em suas singularidades sociais, culturais, espirituais e econômicas, bem como com seus rituais e

rotinas, são centrais neste processo. Enfatizam que nenhuma pessoa pode existir independentemente das relações com outras, e nenhuma pessoa sozinha é capaz de suprir as necessidades de um indivíduo (DARLINGTON; RODGER, 2006).

As autoras problematizam que mudanças historicamente sofridas nas configurações familiares, nos formatos das relações e nas concepções de infância e desenvolvimento influenciam o desenvolvimento ocupacional de crianças. Ademais, frisando a crescente experiência do individualismo em detrimento da coletividade, ressaltam a importância da família como suporte para a criança, bem como dos apoios externos como suporte às famílias. As possibilidades de suporte e apoio às famílias podem se caracterizar em diferentes formas e grau de importância a depender da situação, dentre elas os apoios formais e informais. Os apoios formais abarcam as políticas públicas, ajudas financeiras, disponibilidade de serviços (como saúde, educação, assistência), disponibilidade e acesso à informação - referências sobre onde encontrar ajuda e informações diretas sobre as necessidades das crianças e família, como informação nutricional. Enquanto apoios informais ressalta-se o suporte emocional, principalmente em momentos de crise, e prático, que envolve a realização de tarefas na casa, transporte, cuidados com a criança. Estes apoios podem envolver outros familiares e amigos, o que demanda reciprocidade e uma rede de recursos suficientes para responder diante das necessidades (DARLINGTON; RODGER, 2006).

Retomando a noção de “ser e tornar-se” por meio das ocupações, trazida por Mandich e Rodger (2006), em que as crianças desenvolvem suas identidades a partir das ocupações que vivenciam em seus contextos, consideremos agora, o contexto familiar.

Darlington e Rodger (2006) referem que cada família constrói seu significado de ocupações a partir de suas experiências diárias e é essencial para que possamos compreender quem as famílias querem ser e se tornar e como podem se envolver em experiências significativas juntas. Neste processo, as expectativas, crenças e valores familiares, bem como a composição familiar e os fatores socioeconômicos exercem influência central no envolvimento das crianças em suas ocupações (DARLINGTON; RODGER, 2006; LAW et AL., 2006; MULLIGAN, 2012).

De Grace (2003) afirma que a compreensão da família acerca da natureza do mundo, do desenvolvimento infantil, sobre o que é bom ou ruim, seguro ou perigoso, importante ou irrelevante, influenciam os tipos de oportunidades de experiências vivenciadas ou não pelas crianças, especialmente para crianças menores, pois direcionam onde, quando, com quem e como as crianças participam de suas ocupações (DEGRACE, 2003).

A compreensão acerca do desenvolvimento, das necessidades e das competências da criança também influenciarão seu nível de independência, uma vez que estarão relacionadas às oportunidades e incentivo para participar, aprender e desenvolver habilidades, como por exemplo de autocuidado, de guardar seus pertences (MULLIGAN, 2012; SHEPHERD, 2012).

Dunst, Hamby e Snyder (2009), afirmam que a participação de crianças é frequentemente mediada pelos adultos e que o nível de participação é modelado pela exigência de cada atividade. Aponta-se, nesta pesquisa, que tanto a idade, quanto a condição de desenvolvimento (com ou sem deficiência) exercem influência na participação das crianças e que se deve considerar as habilidades que a criança tem para realizar as atividades de forma independente e as oportunidades oferecidas pelos adultos enquanto iniciação nas preferências da família. Reforça-se que, embora tenham encontrado diferenças entre a participação de crianças com e sem deficiência, em consonância com outros estudos citados, os padrões de participação possuem mais semelhanças que diferenças.

Analisando um contexto mais amplo, no qual a família está inserida, Law e colaboradores (2006) afirmam que o fator econômico está associado a oportunidades de participação em ocupações relacionadas a lazer, recreação, arte e cultura. A falta de recursos financeiros acarreta barreiras que comumente incluem problemas de transporte, despesas, falta de oportunidades disponíveis na comunidade imediata (LAW et al., 2006).

Segundo os autores, as atividades das crianças ocorrem em diversos ambientes físicos, socioculturais e econômicos que desempenham um papel poderoso na formação da participação das crianças nos bairros e comunidades. Estes ambientes não se constituem apenas como cenários para a participação, mas como elementos essenciais e variáveis em termos da natureza e extensão da participação que eles possibilitam. Daí a necessidade destes ambientes oferecerem o suporte ideal para a participação em ocupações desejadas ou necessárias (LAW et al., 2006).

Darlington e Rodger (2006) definem os ambientes físicos pelos quais a criança transita como os elementos não humanos do contexto, que podem favorecer ou prejudicar o desempenho ocupacional por meio de suas características e o tipo de envolvimento que possibilitam. Nesta linha, elas descrevem um mecanismo de ajuste em que as demandas ambientais e os recursos disponíveis são equilibrados com as demandas do indivíduo. A dimensão social do ambiente está conectada com o físico, quando as crianças se envolvem com outras crianças e adultos, o que também influencia o desempenho ocupacional e a aprendizagem da criança (DARLINGTON; RODGER, 2006).

Law et al. (2006) afirmam que o ambiente doméstico, mais conhecido e frequentado pela criança, deve ser um espaço de oferta de apoio físico e social e de segurança, para favorecer com que a criança se envolva em ocupações e desenvolva confiança. O contrário pode reduzir as oportunidades e impactar as preferências e a qualidade da realização das ocupações pela criança. Além disso, o ambiente físico da casa de uma criança, como materiais educativos, também foi identificado como possível suporte para aprendizagem e para transição escolar (LAW et al., 2006).

Além do ambiente doméstico, temos que a vizinhança é, para as crianças, mais do que um ambiente físico; define um universo social e influencia o que elas fazem, gostam e são capazes de fazer. As características como ruas, acessibilidade, condições de segurança e de trânsito, parques e *playgrounds* e a presença de outras crianças na vizinhança podem promover o desejo das crianças de explorar, relacionar-se e também está relacionado à compatibilidade com as crenças e valores das famílias e suas possibilidades em permitir tais explorações sustentadas nas rotinas diárias (LAW et al., 2006; MULLIGAN, 2012).

Dada a natureza complexa da participação em ocupações e da complexidade dos contextos familiares, sociais, econômicos e culturais, faz-se essencial que haja esforços para promover e apoiar este processo, baseados num entendimento da interação dinâmica entre as crianças, seus ambientes e ocupações, reconhecendo as influências de cada aspecto (LAW et al., 2006).

## **1.2 Rotinas e ocupações de crianças de 4 a 6 anos**

Como pano de fundo para discorrer sobre as ocupações na infância, apresentamos um panorama geral sobre rotinas.

Maximino e Tedesco (2016) definem rotina como a distribuição das ações de um sujeito no tempo/espaço, sem referenciar a qualidade desta distribuição. Acrescentam as rotinas, assim como os hábitos, são construídas e modificadas ao longo da vida das pessoas e, de modo singular, compõem modos de vida bastante variados.

As autoras sugerem a compreensão das rotinas enquanto ocupações com sequências estabelecidas, que acontecem em períodos específicos, que podem se caracterizar tanto como tarefas ou obrigações com um sentido negativo, ou contribuir para uma produção bem-sucedida, conferindo conforto, reduzindo gasto energético, de atenção e planejamento (MAXIMINO; TEDESCO, 2016).



Também encontramos no documento da AOTA (2020) que as rotinas são sequências estabelecidas de ocupações, regulares e repetitivas, que fornecem estrutura para a vida diária e podem ser satisfatórias, promocionais ou prejudiciais.

McWilliam e Younggren (2019a) explicam que as rotinas ocorrem comumente em momentos do dia na vida das pessoas, de forma natural e por isso não existem formas determinadas de como devem acontecer. Desenvolvem-se com o tempo, num processo de tentativa e erro que se pauta nas necessidades da família e podem sofrer frequentes alterações por necessidades individuais ou coletivas (MCWILLIAM; YOUNGGREN, 2019a; SHEPHERD, 2012).

Autores como Darlington e Rodger (2006), Mulligan (2012) e Shepherd (2012) afirmam que as rotinas e rituais familiares conferem uma identidade comum entre a família e, por meio de componentes simbólicos e afetivos, preservam o significado e ajudam a manter a coesão e o contato entre seus membros, envolvendo as refeições, lazer, rituais de dormir, tarefas, datas comemorativas. Também conferem estrutura e certa previsibilidade para a vida cotidiana, promovendo conforto, expectativas claras de comportamento e oportunidades de desenvolver hábitos saudáveis. À medida que desempenham seus papéis ocupacionais habitualmente, as crianças tornam-se proficientes e independentes em suas tarefas (DARLINGTON; RODGER, 2006; MULLIGAN, 2012; SHEPHERD, 2012).

DeGrace (2003) aponta as rotinas familiares como força estabilizadora e protetora na família, pois promovem a saúde e bem-estar de seus membros, particularmente em momentos de estresse e consistem num meio para o desenvolvimento da identidade familiar. Para famílias de crianças com autismo, ela identificou dificuldade em estabelecer formas positivas de ocupar o tempo e de engajarem em ocupações significativas e suas rotinas voltadas às necessidades e desejos da criança com autismo (DEGRACE, 2003).

A forma como as rotinas se organizam e estruturam é influenciada pelo meio familiar e social em que as crianças crescem e possui implicações fundamentais para o desenvolvimento e manutenção das habilidades, sendo necessário sono adequado, atividade física, contato social para a saúde e bem-estar da criança (DARLINGTON; RODGER, 2006; SHEPHERD, 2012; ZIVIANI; DESHA; RODGER, 2006).

McWilliam e Younggren (2019a, 2019b) mostram que algumas rotinas podem ser mais ou menos ricas em relação às oportunidades de participação e aprendizagem que oferecem. Eles afirmam que os diferentes níveis de tempo, competência, profundidade e sofisticação em que a criança passa interagindo com adultos, colegas ou materiais é definida como

engajamento, o que está intimamente ligado à participação significativa e é considerado um pré-requisito para a aprendizagem (MCWILLIAM; YOUNGGREN, 2019a, 2019b).

Temos ainda que a quantidade de tempo que as crianças gastam em contextos e rotinas fornecem uma estimativa do grau de participação, porém a qualidade das experiências pode diferenciar os efeitos delas. Como, por exemplo, passar tempo na escola pode resultar em oportunidades de aprendizagem, no entanto, uma experiência de pressão por resultados, pode impactar negativamente sua saúde emocional e conseqüentemente sua participação (ZIVIANI; DESHA; RODGER, 2006).

Nesse sentido, Ziviani, Desha e Rodger (2006), apresentam a noção de equilíbrio relacionada à equivalência de tempo destinado a ocupações produtivas, recreativas e de descanso, e à variabilidade de suas influências positivas ou negativas na saúde e bem-estar físico e psicossocial. O equilíbrio ocupacional é associado à participação em vários parâmetros, por exemplo, quando o descanso adequado promove o envolvimento em atividades estruturadas, físicas e sociais que estão associadas ao bem-estar geral da criança.

A sincronia de ritmos cronobiológicos internos com padrões de atividades é vista como potencialmente promotora do equilíbrio ocupacional e mudanças de ritmo por eventos de vida intencionais ou não (mudanças de turno de trabalho ou nascimento de uma criança) podem causar impactos e perturbações dos ritmos sociais, ciclos circadianos e ciclos de sono-vigília, podendo levar a prejuízos na saúde mental. Assim, considera-se pertinente examinar as mudanças sociais, econômicas e tecnológicas que ocorrem atualmente para investigar seu impacto sobre o equilíbrio ocupacional (ZIVIANI; DESHA; RODGER, 2006).

Assim, equilibrar as ocupações de forma consciente consiste num desafio que é acentuado para as crianças, ao passo que elas possuem menor controle e liberdade de como usar seu tempo, por vezes refletindo mais as crenças dos pais e fatores sociais e ambientais do que suas próprias escolhas e preferências. Sobre as variáveis parentais e ambientais, salienta-se a crescente pressão por produtividade, as rotinas apressadas e questiona-se a forma como os adultos percebem a necessidade desse equilíbrio (ZIVIANI; DESHA; RODGER, 2006).

Embasados pelos conceitos de ocupações, rotinas e suas relações com o contexto em que a criança se desenvolve (AMERICAN OCCUPATIONAL THERAPY ASSOCIATION, 2015; DAVIS; POLATAJKO, 2006; MCWILLIAM; YOUNGREEN, 2019b; RODGER; ZIVIANI, 2006), pretendemos discorrer e explorar as ocupações na infância, mais especificamente no período de 4 a 6 anos, tema deste estudo, transitando entre os contextos familiar e escolar.

Ir à escola é um dos principais eventos da vida da criança e consiste geralmente na primeira separação formal da vida familiar para vivenciarem situações de socialização estruturada, num processo que dura mais de uma década (BRASIL, 2018; CHAPPARO; LOWE, 2012).

Para crianças de 4 a 6 anos, a matrícula de crianças na Educação Infantil passou a ser obrigatória com a Emenda Constitucional nº 59/200926 de 2009. O termo educação “pré-escolar”, deixou de ser utilizado pois dava margem à compreensão de uma modalidade fora, ou que antecedia e preparava para a educação formal (BRASIL, 2018).

Entretanto, a maioria dos estudos e a própria Base Nacional Comum Curricular (BNCC), utilizam a terminologia pré-escolar para se referir à etapa da escolarização. Por isso adotaremos o termo “pré-escolar” para nos referir à etapa e utilizaremos “crianças pequenas” para nos referir às crianças que se encontram nesta fase, como abordado na BNCC (BRASIL, 2018).

Mulligan (2012) discorre que a etapa pré-escolar é um período de maturação explosiva no qual o repertório de habilidades e ocupações serão ampliados à medida que as rotinas diárias são estabelecidas. A autora defende que, nesta fase, as crianças assumem e usam novos papéis em diversos contextos, promovendo grande crescimento físico, emocional e mental e, por estes motivos, também pode ser um período desafiador e gratificante para os pais (MULLIGAN, 2012).

As habilidades básicas de mobilidade, como correr, escalar e pular, podem ser vivenciadas com maior intensidade nesse período e tornarem-se ocupações valiosas. A maioria das ocupações básicas de autocuidado, como alimentação, ir ao banheiro e vestir-se, são aprendidas e estabelecidas no contexto das rotinas diárias. Aprimora-se as habilidades sociais e emerge o desejo de autonomia e autocontrole, embora ainda precisem da segurança, direção e supervisão de adultos (MULLIGAN, 2012).

Nesta fase, as crianças participam na escola de muitas das ocupações similares às que participam em casa e os objetivos das propostas pedagógicas como complementares às aprendizagens no contexto familiar, ampliando o universo de experiências, conhecimentos e habilidades das crianças, favorecendo o estabelecimento de relações sociais, desenvolvimento da autonomia e comunicação. Salienta-se que o cuidado vem sendo concebido como indissociável ao processo educativo, que deve ser oferecido de forma segura e de boa qualidade para crianças, consolidando, por meio de experiências divertidas e agradáveis, o papel ocupacional de estudante (BRASIL, 2018; MULLIGAN, 2012).

A ocupação escolar compreende que as crianças desenvolvem os papéis de estudantes, "brincantes", "auto cuidadoras" e membros da comunidade em vários momentos durante o dia escolar, e cada função atribui um conjunto específico de tarefas, motivações e expectativas (CHAPPARO; LOWE, 2012).

Folha (2019) apresentou em seu estudo, três grandes eixos buscando caracterizar os elementos que compõem a Educação Infantil, bem como favorecer sua compreensão a partir de uma perspectiva ocupacional: ambientes, rotinas e atividades realizadas. A autora destaca a necessidade e importância de uma perspectiva ocupacional para a educação, o que nos permite identificar oportunidades, suportes, barreiras e influências para a promoção da participação de crianças nas ocupações escolares.

Destaca-se a importância das rotinas educacionais como facilitadoras do engajamento ocupacional infantil e admite-se que a oferta de oportunidades ocupacionais na rotina e nos contextos naturais de vida da criança, promove a participação e a aquisição de habilidades, bem como favorece seu desenvolvimento. Nesta perspectiva, define-se o conceito de privação ocupacional enquanto restrição no acesso às atividades, rotinas e recursos, podendo impactar o desenvolvimento infantil e saúde mental de crianças (FOLHA, 2019).

Chapparo e Lowe (2012) e Mulligan (2012) discorrem sobre o papel de estudante, que as crianças começam a assumir nesta fase. Enquanto estudantes as crianças começam a se perceber como parte de um grupo que compartilha identidades e papéis distintos e comuns, tendo como o objetivo principal participar da aprendizagem formal e informal. É esperado que elas aprendam a seguir rotinas e a transição entre as atividades, seguir regras, organizar o comportamento de acordo com o momento e a atividade, participar de atividades coletivas e interagir com adultos e outras crianças e se preparem para atender às demandas dos anos seguintes desenvolvendo as habilidades pré-acadêmicas, como conhecimento de números, formas, cores, letras, habilidades de pré-leitura (CHAPPARO; LOWE, 2012; MULLIGAN, 2012).

No contexto da Terapia Ocupacional, para Chapparo e Lowe (2012) busca-se que as crianças sejam capazes de envolver-se nas ocupações escolares, situando seus papéis ocupacionais no espaço e no tempo e atribuindo sentido ao que fazem, ou seja aprendendo o quê, quando, onde e porque fazem coisas na escola.

Seguindo este raciocínio, Folha (2019) defende que pensar a aprendizagem a partir de uma perspectiva ocupacional nos permite compreender quanto e como o desenvolvimento de habilidades e o aprendizado de conceitos influenciam no desempenho ocupacional e na participação de crianças, na escola, família e comunidade. Enfatiza-se que a escola, embora

não seja o único ambiente de desempenho ocupacional da criança, oferece formas, parceiros e rotinas específicas, constituindo uma singularidade para este contexto (FOLHA, 2019).

Para Mulligan (2012), crianças pequenas envolvem-se em ocupações de autocuidado, ou atividades de vida diária. Essas atividades incluem alimentar-se, ir ao banheiro, vestir-se de maneira simples (como colocar e tirar o casaco e cuidar das roupas durante o uso do banheiro) e lavar as mãos (MULLIGAN, 2012).

Segundo a autora, a execução e a participação das crianças nestas ocupações sofrem influências de como a rotina está organizada e como a família compreende a importância de cada ocupação, permitindo, oportunizando ou demandando que a criança realize cada uma delas. Nesta idade, as crianças podem ser independentes ou precisar de supervisão e auxílio para a realização de tarefas, como por exemplo, precisar de supervisão no banho ou escovação de dentes e dominar ações simples de higiene como lavar as mãos. Assim, se uma família considerar importante que a criança escove os dentes de forma independente, é provável que haja maiores oportunidades de desenvolvimento das habilidades para esta ocupação (MULLIGAN, 2012).

Na escola, a mesma aponta que as crianças também realizam uma série de tarefas básicas de autocuidado, incluindo alimentação, ir ao banheiro, vestir-se de maneira simples (como colocar e tirar o casaco e cuidar das roupas durante o uso do banheiro), lavar as mãos e algumas vezes a soneca. Este contexto oferece um ambiente eficaz para o aprendizado de habilidades de autocuidado, pois possui rotinas e cronogramas e os professores e outras crianças servem como modelos em contextos naturais. A percepção de crianças em relação às atividades de autocuidado está relacionada com suas experiências na escola e sugerem o desenvolvimento de ideias e significados culturalmente compartilhados sobre o autocuidado, de maneira semelhante aos adultos (MULLIGAN, 2012).

O estudo realizado por Chapparo e Hooper (2005), explorou as percepções de crianças nos primeiros anos escolares sobre autocuidado por meio de observações participantes e entrevistas em grupo. Os resultados mostraram que as crianças nomearam tarefas específicas de autocuidado, refletindo visões dos adultos, mas também visões altamente individuais, derivadas de sua própria experiência de autocuidado na escola, identificando as ações de “cuidar de mim mesmo” e atividades de autocuidado que consideravam importantes como comer alimentos saudáveis, beber, ir ao banheiro, lavar as mãos, amarrar cadarços, cuidar de pertences e arrumar carteiras (CHAPPARO; LOWE, 2012).

O sono é fundamental para o crescimento e o bem-estar das crianças e para que elas e famílias possam restaurar suas energias. Quando uma criança não consegue dormir ou tem má

qualidade e duração reduzida do sono, pode ter prejudicada sua saúde física, cognição e humor. Também pode resultar em privação de sono para outros membros da família e impactar os desempenhos em ocupações das crianças e dos adultos, como por exemplo, desempenho escolar reduzido ou menor motivação para a participação, podendo estar relacionado inclusive com depressão e ansiedade (ZIVIANI; DESHA; RODGER, 2006; SHEPHERD, 2012).

A alimentação é uma ocupação crítica que fornece às crianças a nutrição necessária para a sobrevivência, saúde, crescimento e aprendizado sobre seu mundo. Demanda funções motoras orais como mastigar e deglutir e levar o alimento à boca, que pode ser realizado pela criança, por um adulto, com uso de recursos adaptados ou não. Também requer a integração de funções de sistemas sensoriais, respiratórios, musculares, digestivos, bem como requer componentes de práxis, cognição, regulação emocional e habilidades de comunicação e interação. Está fortemente relacionada à cultura, às características e importância dada ao alimento e suas funções e dos rituais de alimentação e seus significados (SHEPHERD, 2012; MULLIGAN, 2012).

Crianças pequenas podem alimentar-se de forma independente, incluindo o uso de colher, garfo e copo sem tampa. Dificuldades relacionadas à alimentação podem se estabelecer devido a alterações de funções ou estruturas corporais (Ex: padrões de sucção e deglutição, refluxo, anatomia da língua, alterações motoras, sensoriais ou de autorregulação emocional). Porém, o desenvolvimento de hábitos alimentares saudáveis e rotinas alimentares socialmente aceitáveis pode ser desafiador por diversos fatores como a dificuldade das crianças em permanecer sentadas durante um longo período, ou devido ao fato de, nessa fase, demonstrarem com maior intensidade suas preferências alimentares, podendo inclusive se mostrar seletivos e exigentes. A forma e a quantidade com que as crianças se alimentam também se relaciona com a expectativa dos pais, podendo trazer preocupações e frustrações, relacionadas a sentimentos de incapacidade de cuidar da criança (SHEPHERD, 2012; MULLIGAN, 2012).

Folha (2019) retoma que, quando uma criança manifesta uma deficiência, emergem desafios para o desempenho independente nas ocupações, podendo ser parcialmente executadas pela criança ou realizadas com o uso de dispositivos adaptativos e/ou a mediação de adultos, enfatizando que esta mediação proporcionada pelo cuidador tende a envolver a criança nas ocupações, fazendo com que ela se sinta participante.

Para Mulligan (2012), crianças nesta fase também podem mostrar interesse em ajudar e imitar os adultos, envolvendo-se em tarefas domésticas simples, como guardar brinquedos,

limpar respingos, colocar roupas sujas na lavanderia ou cuidar de animais de estimação o que novamente, variará de acordo com as oportunidades e expectativas que a família compartilha. Comumente na escola, as crianças têm a oportunidade de ajudar na sala de aula, são responsáveis por cuidar de seus próprios pertences e realizar tarefas sozinhas, também com o interesse e o sentimento de “importância” ao ajudar a limpar as mesas ou distribuir os lápis de cor. Experimentar e simular brincadeiras que envolvem as funções e atividades domésticas e ou familiares representam uma fase inicial de aprendizagem para desempenhar tais ocupações (MULLIGAN, 2012).

Mulligan (2012) define o brincar como uma ocupação central na infância, na qual as crianças passam a maior parte de suas horas de vigília. Promove diversão, relaxamento, experiências de papéis sociais, aprendizado de novas habilidades, vivências e elaboração de emoções e desenvolvimento de amizades. Nesta faixa de idade as crianças podem começar a se envolver e participar de forma menos individualizada e mais compartilhada à medida que começam a usar a linguagem e imaginação para interpretar e conhecer o mundo, daí o interesse também em compreender os papéis sociais e ocupacionais e a maior compreensão e envolvimento em jogos com regras, cooperação e competição (MULLIGAN, 2012).

Folha (2019), ao encontro dessa concepção, apresenta o brincar como principal ocupação na infância, constituindo-se como um meio para a aquisição de habilidades, utilizadas em outras ocupações do cotidiano infantil, mas também como um fim, enquanto engajamento ocupacional.

Mulligan (2012) salienta que, à medida que as aquisições motoras se desenvolvem, podem aumentar os interesses nas ocupações que envolvem movimento e habilidades motoras como correr, pular, escalar e andar de bicicleta. Também podem despertar interesse em brincar com construções e produtos finais, como pintar, montar quebra-cabeças e legos, projetos artesanais e se envolver em ocupações de lazer sedentárias, como assistir televisão ou filmes, jogar videogame e brincar no computador. Neste aspecto, o apoio para brincar, oferecido e requisitado por cada criança, varia de acordo com a percepção e da disponibilidade da família (MULLIGAN, 2012).

Voltando-se para o contexto escolar, teóricas referem que o brincar ocupa a maior parte do tempo da rotina e as crianças são motivadas a explorar seus ambientes, experimentar materiais e vivenciar brincadeiras livres e dirigidas, compartilhadas ou individualizadas. Os ambientes, materiais e propostas de brincadeiras também caracterizam as oportunidades para os diferentes tipos de vivências motoras globais, finas, de interação social, construtivas e podem servir como formas de promover interesses e habilidades necessárias para o

desenvolvimento de ocupações significativas para a vida toda (CHAPPARO; LOWE, 2012; FOLHA, 2019; MULLIGAN, 2012).

Neste contexto, as formas sociais das brincadeiras são mais comuns que no contexto familiar e as amizades emergidas neste espaço são consideradas como fator importante associado à experiência escolar (CHAPPARO; LOWE, 2012; MULLIGAN, 2012).

Chapparo e Lowe (2012) explicam sobre as brincadeiras livres, que envolvem escolha, são intrinsecamente motivadas, espontâneas e divertidas e oferecem às crianças oportunidade de autonomia e expressão. Neste cenário, surgem brincadeiras “ilícitas” como forma de resistência às regras da sala de aula, por exemplo sussurrar, contar piadas e rir. As crianças podem se envolver nestas brincadeiras de forma conspiratória, compreendendo que o comportamento lúdico desafia as regras da sala de aula o que, como em outros tipos de brincadeira, cria um sentimento de solidariedade entre as crianças (CHAPPARO; LOWE, 2012).

Sobre as brincadeiras dirigidas, as autoras referem que podem ser estruturadas com limites de tempo, espaço e regras definidas, como forma de facilitar a aprendizagem de forma lúdica. As crianças descrevem a escola como um lugar para se divertir e brincar, e também como um lugar para trabalhar, o que pode ser compreendido como o papel de estudante (CHAPPARO; LOWE, 2012).

Folha (2019) descreve ainda outras formas de brincar que podem emergir durante as brincadeiras livres e dirigidas ou em momentos de transição e de tarefas como a criação espontânea de brincadeiras, referindo-se a comportamentos lúdicos espontâneos e de curta duração enquanto aguardam para realizar alguma outra atividade não relacionada ao brincar e o cuidado compartilhado referindo-se a comportamentos de auxílio e cuidado de crianças com desenvolvimento típico para crianças com deficiências, que podem emergir durante o brincar livre ou dirigido.

Chapparo e Lowe (2012) salientam que crianças desenvolvem percepções de brincar e trabalhar a partir do modelo dos adultos e que o professor é um parceiro importante para o papel das crianças, pois estabelece o clima de trabalho em sala de aula, as condições de interação dos estudantes e as características do trabalho individual e em grupo.

No estudo de Chapparo e Hooper (2005) crianças descreveram o papel de trabalhador na escola que incluiu escrever, ouvir o professor, obedecer a instruções, sentar-se quieto e pensar. As autoras atribuíram emoções positivas e negativas à realização de tarefas de trabalho, com base em seu senso de esforço exigido, interesse e competência, preferindo tarefas associadas a diversão, emoção, surpresa ou desafios alcançáveis a tarefas que



consideravam muito difíceis, enfadonhas e que não podiam escolher. As crianças descreveram como gostavam de tarefas de trabalho associadas a diversão, emoção, surpresa ou desafio alcançável. Eles particularmente não gostavam de tarefas de trabalho que consideravam muito difíceis ou enfadonhas. Relacionados aos desafios, questiona-se a como e se os contextos escolares podem favorecer uma combinação entre a habilidade da criança e o desafio da tarefa, com o mesmo interesse pessoal, estímulo e propriedade que parecem derivar das brincadeiras, especialmente para crianças com deficiência (CHAPPARO; LOWE, 2012).

Enquanto recursos relacionados a estes desafios, Folha (2019) destacou os equipamentos tecnológicos enquanto elementos ambientais potencializadores da participação infantil, bem como suplementares às práticas desenvolvidas na educação de crianças. Os ambientes virtuais também foram considerados por outras autoras como aliados para favorecer a motivação e a aprendizagem e fornecer acesso potencialmente livre de barreiras para crianças com e sem deficiência, assim como em outros ambientes (ZIVIANI; DESHA; RODGER, 2006; ZIVIANI; RODGER, 2006).

Em contrapartida, levanta-se uma série de preocupações quanto à quantidade crescente de tempo dedicado às atividades baseadas na tela e ao tempo reduzido em atividades físicas, alertando os envolvidos no bem-estar das crianças para revisar o que constitui uma distribuição saudável do tempo. Os rápidos avanços tecnológicos e o acesso de custo relativamente baixo à mídia, incluindo televisão, videogames, computadores e celulares com acesso à internet estão impactando a experiência de crescimento de crianças em casa e na escola (ZIVIANI; DESHA; RODGER, 2006; ZIVIANI; RODGER, 2006).

Ziviani e Rodger (2006) e a Sociedade Brasileira de Pediatria (2019) alertaram sobre os cuidados com a aceleração do uso de eletrônicos por crianças em idades cada vez mais precoces, principalmente com o objetivo de distração passiva, para “acalmar” as crianças, problematizando que os impactos que vão além do tempo de uso, envolvendo os conteúdos, como a publicidade excessiva e conteúdo de violência. Por outro lado, ponderou-se que o uso equilibrado, associado à mediação dos adultos pode oferecer oportunidades de diálogo, apoiar discussões e potencializar a aprendizagem (SOCIEDADE BRASILEIRA DE PEDIATRIA, 2019; WHO, 2019; ZIVIANI; RODGER, 2006).

Partindo da perspectiva ocupacional do desenvolvimento infantil e da importância dos contextos em que acontecem, seguiremos para uma sessão de levantamento bibliográfico, na qual apresenta-se aspectos sobre o cenário atual, do distanciamento social na pandemia da COVID-19, seus principais desafios e possíveis estratégias para adequação de rotinas e promoção da participação das crianças nas ocupações neste período.

### 1.3 A pandemia da COVID-19 e as medidas de distanciamento social

A COVID-19 é uma doença infecciosa, causada pelo vírus SARS-CoV-2. De acordo com a folha informativa COVID-19, elaborada pela Organização Panamericana da Saúde (OPAS) e pela Organização Mundial de Saúde (OMS) no Brasil, em sua atualização de 04 de janeiro de 2021, as evidências mais atuais disponíveis, mostram que o vírus pode se espalhar pelo contato direto, indireto (por meio de superfícies ou objetos contaminados) ou por proximidade (a menos de 1 metro) com pessoas infectadas (contato com saliva, secreções ou gotículas respiratórias), quando essas gotículas infecciosas entrarem na sua boca, nariz ou olhos. Dentre os sintomas estão febre, cansaço e tosse seca, podendo apresentar dores, congestão nasal, coriza, dor de garganta ou diarreia, geralmente leves, com início gradual, sendo que algumas pessoas infectadas podem não apresentar sintomas (ORGANIZAÇÃO PAN-AMERICANA DA SAÚDE; ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE, 2021; WORLD HEALTH ORGANIZATION, 2020a).

O quadro dos sintomas é geralmente leve, especialmente para crianças e adultos jovens e cerca de 80% recupera-se sem precisar de tratamento especial. Cerca de 1 em cada 6 pessoas evolui para um quadro grave com dificuldades respiratórias, precisando de cuidados hospitalares e considera-se idosos e pessoas com condições médicas pré-existentes (como pressão alta, doenças cardíacas, doenças pulmonares, câncer ou diabetes) como grupos de risco por parecerem desenvolver doenças graves com mais frequência do que outros (ORGANIZAÇÃO PAN-AMERICANA DA SAÚDE; ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE, 2021; WORLD HEALTH ORGANIZATION, 2020a).

O vírus se propaga rapidamente e os surtos podem crescer a uma taxa exponencial e sobrecarregando os sistemas de saúde. As pesquisas sobre vacinas se iniciaram de forma urgente, coordenadas pela OMS (WHO, 2020b).

Os primeiros casos da doença foram notificados à OMS em dezembro de 2019, por um relatório de um grupo de casos de "pneumonia viral" em Wuhan, na China (WHO, 2020a). Em 30 de janeiro de 2020, a OMS declarou estado de Emergência de Saúde Pública de Interesse Internacional e em 11 de março do mesmo ano, declarou a COVID-19 como pandemia, com um alerta do diretor geral da organização sobre a necessidade dos países se mobilizarem para preparar os sistemas de saúde, reduzir o contato, prevenir a transmissão e garantir o tratamento, de forma a minimizar os riscos e impactos em todos os setores (WHO, 2020c).

Estando os países em diferentes estágios de surtos, medidas comuns foram implementadas, como identificação/teste e isolamento rápidos de casos, rastreamento abrangente de contatos e quarentena de contatos. Países que conseguiram reduzir a transmissão e controlar os surtos mantiveram a capacidade de prestar atendimento clínico de qualidade e minimizar os riscos secundários da mortalidade por outras causas através da manutenção segura prestação de serviços essenciais de saúde. Em países em que a transmissão comunitária levou a surtos com crescimento quase exponencial, foram utilizadas medidas de distanciamento social e restrições de circulação, a fim de diminuir a propagação, limitando o contato entre as pessoas (WHO, 2020a).

No Brasil, o primeiro caso da doença foi confirmado em 26 de fevereiro de 2020, na cidade de São Paulo (BRASIL, 2020a). Em 3 de fevereiro, pela portaria nº 188, declarou-se estado de “Emergência em Saúde Pública de Importância Nacional”. Em 20 de março, declarou-se o estado de transmissão comunitária da doença pela portaria nº 454 e no mesmo dia, publicou-se o decreto nº 10.282 que definiu os serviços públicos e as atividades essenciais, que não poderiam ser suspensos. Em relação às escolas, foi publicado em 1º de abril, a medida provisória nº 934, estabelecendo normas excepcionais sobre o ano letivo da educação básica decorrentes das medidas para enfrentamento da emergência de saúde, entre elas dispensando a obrigatoriedade de observância ao mínimo de dias de efetivo trabalho escolar, desde que cumprida a carga horária mínima anual estabelecida na legislação.

Ainda no início de abril, foram publicadas as leis nº 13.982, que estabeleceu sobre o “auxílio emergencial” para trabalhadores dentro dos critérios estabelecidos, e a lei nº 13.987, que autorizou a distribuição de gêneros alimentícios adquiridos com recursos do Programa Nacional de Alimentação Escolar (Pnae) aos pais ou responsáveis dos estudantes das escolas públicas de educação básica, durante o período de suspensão das aulas.

Em 28 de abril, o Conselho Nacional de Educação (CNE) aprovou um documento contendo diretrizes para orientar escolas da educação básica e instituições de ensino superior durante a pandemia do coronavírus. No âmbito da educação infantil, orienta-se uma aproximação virtual entre professores e famílias, buscando estreitar vínculos e sugerir atividades, considerando a aprendizagem prioritariamente pelo brincar. Para os anos iniciais do ensino fundamental, sugere-se roteiros práticos e estruturados para as famílias acompanharem as crianças nas resoluções de atividades, como vídeos educativos, lembrando que os “mediadores familiares” não substituem a atividade do professor (BRASIL, 2020b).

Tratando das medidas de controle para mitigação da pandemia, encontramos na literatura o uso de diferentes terminologias. Na diferenciação estabelecida pela OMS (WHO,

2020c) encontramos que “quarentena” significa restringir as atividades ou separar pessoas que não estão doentes, mas que podem ter sido expostas ao COVID-19. “Isolamento” significa separar pessoas que já estão com sintomas e/ou diagnóstico de COVID-19 e pode ser contagioso para prevenir a propagação da doença.

Sobre o termo “distanciamento” significa estar fisicamente separado, uma ação geral que todas as pessoas devem realizar, mesmo que estejam bem e não tenham tido uma exposição conhecida ao COVID-19, como forma de evitar a propagação da doença. A OMS (2021) recomenda manter uma distância de pelo menos um metro dos demais.

A Associação Brasileira de Saúde Coletiva e colaboradores (2020), seguindo recomendações da OMS, do *United Nations International Children's Emergency Fund* (UNICEF) e da União Europeia, sugerem o uso da expressão “distanciamento físico” para, reservando o termo “isolamento” para referências à restrição de contato de pessoas potencialmente infectadas e que “distanciamento social” seria um resultado colateral indesejável deste período. Salienta-se que a distância física é necessária para reduzir a transmissão do vírus, porém as conexões sociais e afetivas são essenciais para superar os impactos negativos sobre a saúde mental coletiva (ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE SAÚDE COLETIVA et al., 2020).

Silva Junior (2020) ressalta que o contato social é necessidade básica do ser humano, pois buscamos reciprocidade, empatia, pertencimento, competição e cooperação para um objetivo comum. Dessa forma, sugere a substituição do uso do termo “distanciamento social” pelo “distanciamento físico”, haja vista que, a transmissão do vírus se dá pelo contato físico, que vivemos um momento em que os contatos sociais e as redes de suporte são cada vez mais necessárias e que contamos com os avanços tecnológicos e da internet, podemos manter o contato social sem ter proximidade física (SILVA JUNIOR, 2020).

Silva e Almeida (2020) definem a expressão distanciamento social como um conjunto de ações que buscam limitar o convívio de modo a reduzir a probabilidade de contato e impedir ou controlar a propagação do SARS-CoV-2 e, conseqüentemente, a mortalidade, salientando que o uso de determinada terminologia em diferentes discursos que circulam na mídia ou mesmo em diálogos cotidianos pode indicar diferentes posições ideológicas e políticas.

Ainda que com as recomendações da substituição, a maior parte dos documentos e pesquisas nas quais se baseou este estudo utilizaram “distanciamento social”. Dessa forma, adotaremos aqui “distanciamento social”, referindo-se à restrição e redução de atividades e “ficar em casa” ainda que não envolvessem pessoas infectadas, reconhecendo que não implica

necessariamente na redução dos contatos sociais, mas que pode impactá-los, como discutiremos na próxima sessão.

### *1.3.1 Distanciamento social e impactos nas rotinas e ocupações*

As medidas de distanciamento social foram tomadas em proporção mundial como forma de reduzir a transmissão do vírus e possibilitar maior tempo para organização e respostas dos sistemas de saúde no tratamento dos casos graves, dentre elas a restrições de movimento dentro e fora das fronteiras, suspensão ou restrição de serviços de saúde, proteção e sociais, fechamento de escolas e serviços não essenciais, todos com impactos secundários nas crianças e em suas famílias (BAKRANIA et al., 2020; RITZ; O'HARE; BURGESS, 2020; PREM et al., 2020; SHONKOFF, 2020).

As evidências sobre os efeitos colaterais de tais medidas, ainda são escassas e pesquisas vêm sendo desenvolvidas a fim de analisar e discutir, bem como nortear ações coletivas, no âmbito do poder público e apoiar as rotinas familiares. Ainda que escassas tais evidências, recomenda-se que as ações sejam embasadas no melhor conhecimento científico disponível e confiável, combinadas ao conhecimento prático e experiências de uma ampla diversidade de pessoas e comunidades, tendo as relações de apoio e distanciamento social como prioridades críticas para o momento (BAKRANIA et al., 2020; LINHARES; ENUMO, 2020; PREM et al., 2020; RITZ; O'HARE; BURGESS, 2020; SHONKOFF, 2020).

À medida que a pandemia e as respostas políticas e sociais associadas se acentuam pelo mundo, o dia a dia das crianças vem sendo afetado. A interrupção dos serviços de educação, lazer, assistência oferecidos para a primeira infância agrava os riscos de má nutrição, maus-tratos e exposição à violência em casa; tais fatores são acumulados às disparidades que intensificam as vulnerabilidades de crianças que vivem na pobreza, crianças com deficiência, crianças em risco de trabalho infantil, potencializando novas vulnerabilidades (OECD, 2020; SHONKOFF, 2020).

Aponta-se que tanto os efeitos imediatos quanto os impactos de longo prazo dessa situação não serão distribuídos uniformemente. O distanciamento social pode reforçar o estigma e a discriminação para algumas populações, especialmente as em situação de vulnerabilidade. Sinaliza-se um impacto negativo desproporcional a pessoas em situação de pobreza, pessoas com deficiência, migrantes, refugiados, populações residentes em periferias, assentamentos, que costumam viver em locais superlotados, com poucos recursos, que correm riscos com a interrupção de serviços de assistência e de saúde já limitados e que dependem do

trabalho diário para subsistência, podendo impactar no aumento do trabalho infantil e a outros comportamentos de exploração de renda. Ressalta-se, especificamente, os impactos sobre mulheres e meninas aumentando a exposição a possíveis perpetradores de violência, limitando o acesso a espaços seguros, restringindo o acesso a serviços vitais de saúde e proteção (BAKRANIA et al., 2020; UNICEF, 2020a; WHO, 2020a; SHONKOFF, 2020; CENTER ON DEVELOPING CHILD, 2020a).

Dessa forma, faz-se essencial que as autoridades desde as locais até as internacionais estejam envolvidas de forma proativa, regular e transparente, sem ambiguidade com todas as populações afetadas e de risco (WHO, 2020a).

O UNICEF (2020a), chama a atenção para a necessidade de uma ação global rápida composta por 6 estratégias: 1) manter as crianças saudáveis - por meio do fortalecimento dos sistemas de saúde, garantindo suprimentos e equipamentos de proteção, capacitando os profissionais de saúde; 2) alcançar crianças vulneráveis com água, saneamento e higiene; 3) manter as crianças aprendendo; 4) apoiar as famílias para cobrir suas necessidades e cuidar de suas crianças; 5) proteger as crianças contra a violência, a exploração e o abuso; 6) proteger as crianças refugiadas e migrantes e as afetadas por conflitos.

Discute-se em diversas literaturas que “Ficar em casa” tem implicações muito diferentes, a depender dos contextos de vida de cada pessoa. A alta densidade habitacional no lar, problemas de saúde mental dos pais, e outros problemas existentes podem ser potencializados pelo distanciamento social e estresse vivenciado neste período. Para populações advindas de contextos de maior vulnerabilidade socioeconômica, o fechamento de escolas aumenta o risco de violência, negligência, abuso ou exploração, e falta de estímulos positivos necessários ao desenvolvimento da criança sobrecarrega as famílias (principalmente as mães) em razão da falta do apoio do ambiente escolar, bem como interrompe o acesso a serviços básicos como o da merenda escolar, muitas vezes a principal refeição do dia (SILVA; ALMEIDA, 2020; NCPI, 2020; WHO, 2020a).

Bradbury-Jones e Isham (2020) apresentam um estudo sobre o aumento rápido das taxas de violência doméstica, apontando o índice de 40% a 50% no Brasil. Os autores trazem um pensamento crítico às representações idealizadas do lar e da família, pois nem sempre são seguros para se viver. Para pessoas que vivem em situação de violência doméstica e familiar, é onde ocorrem abusos físicos, psicológicos e sexuais.

Um estudo global foi lançado pela organização *Save the Children*, para buscar evidências sobre como a pandemia da COVID-19 e as medidas implementadas para mitigá-la estão impactando a saúde das crianças, sua nutrição, aprendizagem, bem-estar, proteção,

finanças familiares e pobreza. A pesquisa foi implementada em 46 países, com mais de 31.683 participantes e buscou identificar necessidades e opiniões de crianças e suas famílias. Dentre os principais resultados, foram coletados relatos de mudanças no bem-estar de crianças (83% relatou aumento de sentimentos negativos relacionados à pandemia e 46% identificou sinais de sofrimento psíquico em crianças), aumento de tarefas domésticas, violência doméstica (33% relatou situações de violência física ou verbal), e situações interligadas com o bem-estar dos pais como sentimento de desesperança, perda de renda devido ao COVID-19 e maiores necessidades de suporte exigidas deles (RITZ; O'HARE; BURGESS, 2020).

Relacionado à interrupção das aulas, este mesmo estudo constatou que 8 em cada 10 crianças sentiram que estavam aprendendo pouco ou nada, e dois terços dos pais e responsáveis relataram que seus filhos não receberam contato dos professores desde a interrupção das aulas. Três quartos das famílias perderam renda como resultado do COVID-19, e 96% das famílias relataram problemas para pagar por um item ou serviço essencial. Quatro em cada cinco tinham dificuldade para pagar a comida e duas em cada cinco famílias tinham dificuldade em fornecer uma dieta nutritiva aos seus membros. A maioria dos pais e responsáveis (89%) relatou que seu acesso a cuidados de saúde e medicamentos foi afetado (RITZ; O'HARE; BURGESS, 2020).

Para Linhares e Enumo (2020), ficar em casa pode, para famílias com crianças, desencadear novos e grandes desafios como conviver por maiores e longos períodos, adaptar-se a uma nova rotina com restrição de atividades como escola, creche, esporte e lazer, trabalho remoto realizado pelos pais, ajustes no ambiente físico para acomodar as novas demandas de trabalho e estudo, sobrecarga de trabalho doméstico, problemas relacionados ao trabalho e financeiros, barreiras no acesso aos serviços de saúde e assistência (LINHARES; ENUMO, 2020).

Ao tratar sobre o impacto deste distanciamento social nas rotinas das crianças, pesquisas consideram as consequências negativas como diminuição da atividade física, ganho de peso e perda de capacidade respiratória, maior tempo de tela (eletrônicos), padrões de sono irregulares, mudanças nos padrões de alimentação e aumento do consumo de alimentos ultra processados e ricos em calorias, estes também relacionados ao tempo de exposição a aparelhos eletrônicos, como lanches (“*snacks*”), bem como a possível falta de rotina (JIAO et al., 2020; RIMMER, 2020; RUNDLE et al., 2020; WANG et al., 2020).

Autores como Corrêa e Nascimento (2020) e Lin e Fisher (2020) apontam que as rotinas diárias, que fornecem estrutura para as atividades cotidianas e um padrão previsível a ser seguido, foram drasticamente alteradas. Do ponto de vista ocupacional, as experiências

causadas pelo distanciamento social revelam situações complexas do dia a dia ocupacional que precisam ser cuidadas, como ponderar quais eram e como estão as ocupações das pessoas antes e durante este período e planejar o que, como e onde fazer. A diminuição ou perda de possibilidade de participar de ocupações significativas e a interrupção de padrões habituais de atividades, podem desencadear situações de privação ocupacional, impactando a saúde e bem-estar no geral. Por outro lado, o contexto pode oportunizar a avaliação ou revisão de formas, propósitos e significados ocupacionais ou ainda o engajamento espontâneo ou necessário em ocupações que vinham recebendo menos tempo e investimento pessoal (CORREA; NASCIMENTO; OMURA, 2020; LIN; FISHER, 2020).

Especificamente sobre o acesso à aprendizagem, apontou-se que a disparidade do acesso à *internet*, livros ou material escolar é vasta e tem demandado, a partir do fechamento das escolas, esforços de mães, pais, cuidadores e educadores, encontrando novas maneiras de manter as crianças aprendendo (SHONKOFF, 2020; UNICEF, 2020a). Nesse sentido, o documento do UNICEF (2020a) alerta aos governos que ampliem as opções de aprendizado em casa, com soluções sem ou de baixa tecnologia, priorizando a conectividade com a *internet* em áreas remotas e rurais e que ampliem as medidas de proteção social com programas e políticas que conectem as famílias aos cuidados vitais de saúde, nutrição e educação e que apoiem empregos e empregadores para apoiar adequadamente pais e mães que trabalham (SHONKOFF, 2020; UNICEF, 2020a).

Rundle et al. (2020) apresentam um estudo sobre os riscos de obesidade relacionados ao distanciamento social e ao fechamento das escolas, ponderando que, ainda que se tenham críticas sobre a qualidade da alimentação e as atividades físicas oferecidas nas escolas, as crianças tendem a ganhar peso nas férias de verão, acumulando ganhos de peso nos anos seguintes. Os autores atentam também que apenas 3 dias de fechamento da escola podem resultar em mais de 405.000 refeições perdidas entre crianças em idade escolar, reforçando a importância das políticas públicas de saúde e assistência no apoio às crianças em idade escolar durante a pandemia.

Para crianças com deficiências, os documentos do Núcleo Ciência Pela Infância e da *Organisation for Economic Co-operation and Development*, ambos tratando do impacto na COVID-19 para crianças, mostram que é importante considerar que a estrutura da rotina é particularmente importante e as mudanças neste âmbito podem demandar suporte e orientação para que se sintam seguras, possam manter ou construir novos hábitos. Interrompidas as aulas e as terapias, a adequação do aprendizado remoto depende das necessidades individuais das crianças e do material e conteúdo diversificado oferecido pela escola. Os impactos podem



abrançar a aquisição de habilidades essenciais proporcionadas pelos pares e professores, como conquista de vocabulário e outras formas de expressão (NCPI, 2020; OECD, 2020).

Outros estudos também ressaltam que o estresse e a incerteza associados à pandemia desencadeiam efeitos negativos significativos à saúde mental das crianças como ansiedade, preocupações com infecção ou com as finanças da família, desatenção, frustração e tédio, tensões por informações inadequadas, falta de contato pessoal com colegas de classe, amigos e professores, falta de privacidade em casa, podendo desencadear um círculo vicioso envolvendo prejuízos em hábitos saudáveis e na saúde mental (JIAO et al., 2020; OECD, 2020; RIMMER, 2020; RUNDLE et al., 2020; SHONKOFF, 2020; WANG et al., 2020).

Linhares e Enumo (2020) destacam que a morte ou ameaça da morte pode vir a ser um assunto recorrente, plausível de desencadear ansiedade, medo e falta de controle e que o medo da contaminação associado ao distanciamento social pode afetar os relacionamentos, senso de competência e autonomia para tomar decisões, levando a desfechos que dependerão do tipo de enfrentamento e dos recursos disponíveis (LINHARES; ENUMO, 2020).

A partir de estudos sobre experiências anteriores, Linhares e Enumo, (2020) apontam que o confinamento pode causar aumento de ansiedade, depressão e transtorno de estresse pós-traumático, inclusive para crianças, que podem ser intensificados com a COVID-19. Considerando a forte relação entre privação socioeconômica e problemas de saúde mental, destaca-se o risco de que o impacto seja maior na saúde mental de crianças de baixo nível socioeconômico, podendo aumentar a insegurança financeira e exposição a situações estressantes. Os desafios podem ser agravados pela interrupção ou redução da oferta e de acesso aos serviços de saúde mental, bem como o fechamento das escolas que podem ser espaços de promoção de saúde mental (LINHARES; ENUMO, 2020; OECD, 2020).

As rotinas de atividades escolares tornam-se mais dependentes do ambiente doméstico, demandando dos pais tempo e disponibilidade, além da confiança na própria capacidade de apoiar a aprendizagem e na familiaridade com os assuntos tratados e com os equipamentos tecnológicos, podendo se constituir como barreira entre os pais com baixa escolaridade, aumentando a lacuna entre crianças de diferentes grupos socioeconômicos (OECD, 2020).

Neste processo, o papel dos pais e cuidadores é fundamental. Crianças podem ser mais vulneráveis ao estresse, uma vez que sua capacidade autorregulatória é incipiente (LINHARES; ENUMO, 2020). Reconhece-se que eles são essenciais para a aprendizagem dos filhos nos primeiros anos de vida e que as atividades do dia a dia que realizam com seus filhos estão altamente correlacionadas ao desenvolvimento das crianças. Independentemente

de condições socioeconômicas, as crianças se beneficiam quando seus pais leem e conversam com elas (OECD, 2020).

Para os pais, além do estresse relacionado ao trabalho, existem pressões adicionais para lidar em casa, principalmente para quem está isolado, incluindo o estresse e a sobrecarga do cuidado (JIAO et al., 2020; RIMMER, 2020; RUNDLE et al., 2020; SHONKOFF, 2020; WANG et al., 2020).

A mudança de papéis vivida por eles impacta sua identidade ocupacional, diante da necessidade de equilibrar os papéis de trabalhador, cuidador e educador no atendimento às novas demandas dos filhos, que também vivenciam mudanças de papéis e ocupações, como por exemplo relacionadas ao papel de estudante. Associado à mudança de rotina diária, papéis e interações sociais, o aumento das expectativas de desempenho pode criar um estresse adicional, alterar as percepções sobre sua capacidade física e mental, desafiando a autoeficácia e prejuízos no desempenho ocupacional (LIN; FISHER, 2020).

A perda de referências externas do contexto ampliado, representado por exemplo pela escola e ambiente de trabalho, requer cuidados que envolvem tanto a organização da rotina e do ambiente doméstico, quanto do fortalecimento dos recursos pessoais e da rede familiar (LINHARES; ENUMO, 2020).

Outras dimensões em casa incluem qualidade e tecnologia da habitação, como espaço físico, mesa e local para se dedicar ao aprendizado em casa. O acesso a um computador e à Internet funciona como ferramenta para a comunicação com os colegas e professores. Em muitas residências, os dispositivos podem precisar ser compartilhados entre os pais e irmãos (OECD, 2020).

Para Lin e Fisher (2020) trabalhar ou estudar em casa requer um espaço de apoio, seja ele novo ou reaproveitado e mudar os espaços internos da casa demanda ajustes de outros membros da família. Considerando os objetos e a tecnologia necessários para o estudo remoto, o acesso ao computador e à *Internet* serão fundamentais, e objetos, como cadeira de apoio e mesa adequada proporcionarão maior ergonomia (LIN; FISHER, 2020).

Em publicações do Unicef (2020b) e OECD (2020), aponta-se que os dispositivos eletrônicos vêm sendo cada vez mais utilizados no contexto da pandemia da COVID-19 (OECD, 2020; UNICEF, 2020b). As crianças são usuárias entusiasmadas de *sites* de mídia social, aplicativos e salas de bate-papo e crianças pequenas se familiarizam com os dispositivos digitais antes de serem expostos aos livros (OECD, 2020).

Reconhece-se que a *internet* pode funcionar como uma ferramenta crítica e potencial neste momento para o acesso à aprendizagem, recreação, apoio psicológico e interações

sociais entre as crianças, pares e familiares e oferecerem recursos valiosos para pais, cuidadores e educadores continuarem a ensinar (OECD, 2020; UNICEF, 2020b).

Para os pais, ainda que antes considerassem o tempo de tela com moderação ou até reprovação, identifica-se a possível preocupação ou angústia sobre como encontrar equilíbrio com o tempo de tela, que vem colaborando para manter a sensação de normalidade, com outras atividades importantes. A realização de atividades físicas, por exemplo, que muitas vezes justificam a restrição do tempo de tela para as crianças, pode ser estimulada pelo uso de videogames ativos ou vídeos de exercícios, recomendados pela OMS, principalmente para famílias que vivem em espaços reduzidos (UNICEF, 2020b).

O artigo do Unicef cita pesquisas recentes que demonstram que o impacto do tempo de tela na saúde mental e no bem-estar de crianças é pequeno, identificando como mais impactantes o apoio e as relações familiares ou experiências adversas na infância. Alerta-se ainda que, maior que a preocupação com o tempo de tela, deve ser a atenção ao conteúdo e experiências que as crianças acessam por estas ferramentas (UNICEF, 2020b).

O Unicef orienta que as crianças mantenham o contato com amigos e sugere a utilização de vídeo games e mídias sociais como ferramentas para ajudar a aliviar a ansiedade e o medo, com envolvimento ativo e supervisão dos pais, como conversar com as crianças sobre suas experiências *online*; certificar-se da recomendação etária e observar seus comportamentos enquanto jogam. Sugere ainda que os adultos utilizem o tempo extra que passam com seus filhos para aprender mais sobre o mundo um do outro, tanto digital quanto físico (UNICEF, 2020b).

Paralelamente, na publicação da OECD (2020), encontramos que as crianças estão muito mais expostas às tecnologias digitais do que o normal e que as qualidades das relações por estes meios podem ser inferiores aos contatos presenciais. Sinaliza-se que o uso não supervisionado pode colocar as crianças em situações de exposição a conteúdos inadequados, como anúncios *pop-up* pornográficos, desagradáveis, fotos assustadoras ou notícias sobre a pandemia, que podem ser falsas ou sensacionalistas podendo causar medo e ansiedade dependendo de diferentes interpretações. Ressalta-se ainda a preocupação com exposição de dados e informações pessoais, o risco de exploração sexual (OECD, 2020).

O uso excessivo das mídias sociais também foi relacionado à saúde mental e física das crianças, como desencadear padrões de sono precários, preocupações com a imagem corporal e distúrbios alimentares associados e o aumento de sintomas depressivos. Assim, orienta-se que o uso seja equilibrado, haja vista que tanto uso excessivo quanto o não uso podem

impactar as crianças de forma negativa e que o uso compartilhado com seus pais e cuidadores pode aumentar a atenção da criança e sua propensão a aprender (OECD, 2020).

### *1.3.2 Estratégias de enfrentamento aos desafios do distanciamento social*

Além dos estudos que buscam analisar os impactos da pandemia e das medidas de controle, outras pesquisas e documentos oficiais vêm disponibilizando sugestões e orientação sobre as ações necessárias para a reconstrução de um futuro pós COVID-19 numa perspectiva de respeito, proteção e garantia de direitos de todas as crianças, em todos os contextos (EVAC, 2020). Shonkoff (2020) e Shonkoff e Williams (2020) relatam que indivíduos e organizações vêm buscando, com dedicação e criatividade, superar as barreiras e propor enfrentamentos e que devemos mobilizar a mesma combinação de conhecimento científico e experiência do mundo para gerar estratégias mais eficazes para fortalecer os fundamentos da saúde ao longo da vida na primeira infância em um mundo pós-COVID-19 (SHONKOFF, 2020; SHONKOFF; WILLIAMS, 2020).

Outros pesquisadores enfatizam as responsabilidades tanto do poder público quanto da comunidade em garantir que os impactos físicos e mentais da epidemia COVID-19 em crianças e adolescentes sejam os menores possíveis (WANG et al., 2020; RIMMER, 2020). Buscando o bem-estar de longo prazo das crianças e famílias, as publicações do *Center on Developing Child, da Universidade de Harvard* (2020a, b) explicam que, mesmo diante de tantas mudanças nas rotinas diárias e da duração incerta destas mudanças, as crianças se mantêm aprendendo, crescendo e se desenvolvendo, enfatizando que todos podem e devem apoiar o desenvolvimento saudável das crianças em seus contextos naturais. Destaca-se necessidade de apoiar cuidados e relacionamentos responsivos, baseados no diálogo, interação, suporte, em todos os lugares, incluindo cuidados em casa, escola e creche (CENTER ON DEVELOPING CHILD, 2020a; CENTER ON DEVELOPING CHILD, 2020b).

Outros documentos apontam que alguns dos desafios relacionados a experiências de crise podem oferecer oportunidades de aprendizagem de novas formas de enfrentamento das adversidades, ativando processos de resiliência. Para isso, também identificam a necessidade de interações sociais responsivas, com redes de suporte e de escuta frequente, fortalecendo assim a resiliência (BRADBURY-JONES; ISHAM, 2020; NCPI, 2020; SHONKOFF, 2020).

Como possíveis formas de enfrentamento aos desafios atuais, estudos como os de Rimmer (2020) e Wang et al. (2020) discorrem sobre a importância da manutenção de rotinas,

dentro do possível, evitando mudanças repentinas, oferta de momentos de aprendizagem formal, seguidos de brincadeiras dirigidas, consistência e coerência de regras e limites, buscando manter situações semelhantes à escola (RIMMER, 2020; WANG et al., 2020).

Para um programa educacional efetivo, sugere-se evitar sobrecarga aos estudantes, mas abordar formas de desenvolver hábitos saudáveis, de obter suporte emocional, padrões de sono e alimentação, de forma apropriada e atrativa para cada idade, enquanto domínio da escola. Enfatiza-se a importância do brincar livre, de envolver as crianças em atividades domésticas e familiares e brincadeiras semelhantes à vida prática como brincar de cozinhar, de cuidar da casa, favorecendo o desenvolvimento da independência da criança (WANG et al., 2020; RIMMER, 2020).

Lin e Fisher (2020) abordam que, mesmo que distantes fisicamente, é ainda mais importante nos conectarmos socialmente, com familiares e amigos, por chamadas de vídeo, telefone, ou até por e-mails ou cartas. Incentivar as crianças a se comunicar e se envolver em projetos (tarefas, atividades com sequências) pode favorecer essas conexões e proteger seu bem-estar emocional (LIN; FISHER, 2020; CENTER ON DEVELOPING CHILD, 2020a, 2020b).

Como fonte de estímulos e interações responsivas nos contextos naturais do dia a dia, indica-se “brincadeiras responsivas”, que envolvam troca de turno (*Serve & Return*) em que os adultos compartilham seus interesses, despertam a curiosidade das crianças, apoiam e encorajam sua exploração, nomeiam ações e objetos estabelecendo conexões e relações, praticar “inícios e fins” e fazeres sequenciais, estando atento às oportunidades que surgirem naturalmente (CENTER ON DEVELOPING CHILD, 2020b).

Considerando as pressões e dificuldades também vivenciadas pelos pais e que ensinar e cuidar de crianças pequenas requer paciência, Rimmer (2020) e Wang et al. (2020) sugerem a promoção de uma atitude positiva em relação a aprendizagem, tendo a comunicação como “chave” para identificar riscos, aliviar a ansiedade e que estas condutas podem proporcionar oportunidades para melhorar a interação entre pais e filhos e fortalecer os laços familiares (RIMMER, 2020; WANG et al., 2020).

Para os adultos, sugere-se que, se possível, façam pausas (com ou sem os filhos), deem tempo a si mesmo e encontrem maneiras de dar descanso ao estresse, sendo “gentis consigo mesmo” e lembrando que não precisamos e nem podemos fazer tudo sozinhos. Reforçam que, quando os adultos se sentem melhor, também conseguem ajudar as crianças a se sentirem melhor e são mais capazes de atender às suas necessidades e apoiar seu desenvolvimento. Nesta perspectiva, ter a clareza que não é vergonha pedir ajuda e conhecer os recursos

disponíveis, sejam familiares, de amigos ou banco de alimentos, políticas públicas, serão suportes para os enfrentamentos (CENTER ON DEVELOPING CHILD, 2020a; CENTER ON DEVELOPING CHILD, 2020b).

Tendo explanadas as discussões sobre o desenvolvimento ocupacional da criança e seus contextos, considerando o cenário atual, no qual muitas crianças tiveram restrições ou mudanças em suas ocupações em razão do distanciamento social, principalmente na escola, em razão da pandemia da COVID-19, supõe-se que as famílias estejam encontrando desafios e desenvolvendo estratégias para adequar suas rotinas e promover a participação das crianças nas ocupações, neste período.

Assim, define-se enquanto questões centrais deste estudo: de que forma as famílias têm favorecido a participação das crianças em suas ocupações? Quais mudanças de rotinas foram percebidas? Quais desafios e soluções encontraram para favorecer esta participação?

## **2 OBJETIVO GERAL**

O objetivo deste estudo foi analisar, sob a perspectiva de responsáveis, a influência do distanciamento social na participação de crianças de 4 a 6 anos em suas ocupações e rotinas, bem como identificar os recursos disponíveis e utilizados pelas famílias para apoiar e promover a participação neste contexto.

## **3 MÉTODO**

Este estudo se caracterizou por uma pesquisa de abordagem mista (quanti qualitativa) de caráter descritivo e exploratório.

No que se refere à abordagem quantitativa, identificada pelas características das variáveis sequenciais e/ou mensuráveis, identifica-se um problema, extrai-se perguntas e hipóteses e determina-se uma perspectiva teórica e indicadores. O objetivo principal é a generalização dos resultados para uma população ou situação mais ampliada e estabelecer relações causais entre eles, testando hipóteses. A coleta de dados é padronizada, como por exemplo por meio de um questionário, o que confere a confiabilidade, validade e objetividade ao estudo (SAMPIERI; COLLADO; LUCIO, 2013; FLICK, 2013).

A abordagem qualitativa utiliza coleta de dados sem medição numérica e possibilita que a ação indagativa ocorra de forma dinâmica entre os fatos e a interpretação. Nesse sentido, as perguntas e hipóteses podem ser desenvolvidas durante e depois da pesquisa e sua

flexibilidade e complexidade são maiores. Na coleta de dados, as perguntas podem ser abertas para que os participantes respondam com suas próprias palavras (SAMPIERI; COLLADO; LUCIO, 2013; FLICK, 2013).

A ancoragem mista pode combinar os pontos fortes de cada perspectiva bem como buscar uma sinergia entre elas (FLICK, 2013).

Manzini (2020) explica que ao longo dos anos, pesquisadores vêm questionando a dicotomia entre pesquisas qualitativas e quantitativas, e admitindo que sejam complementares, servindo de base uma para outra.

Quanto ao caráter exploratório, indicado para temas pouco estudados, caracteriza-se pelo levantamento de informações acerca de um determinado tema, com o objetivo de identificar problemas e desenvolver hipóteses que possam subsidiar estudos futuros (MARCONI; LAKATOS, 2005; GIL, 2002).

A pesquisa de caráter descritivo, tem por finalidade descrever as características de determinada população ou fenômeno, possibilitando maior conhecimento, análise e compreensão sobre o tema. Este tipo de pesquisa também se caracteriza principalmente pela padronização na coleta de dados (GIL, 2002).

### **3.1 Percurso e etapas da pesquisa**

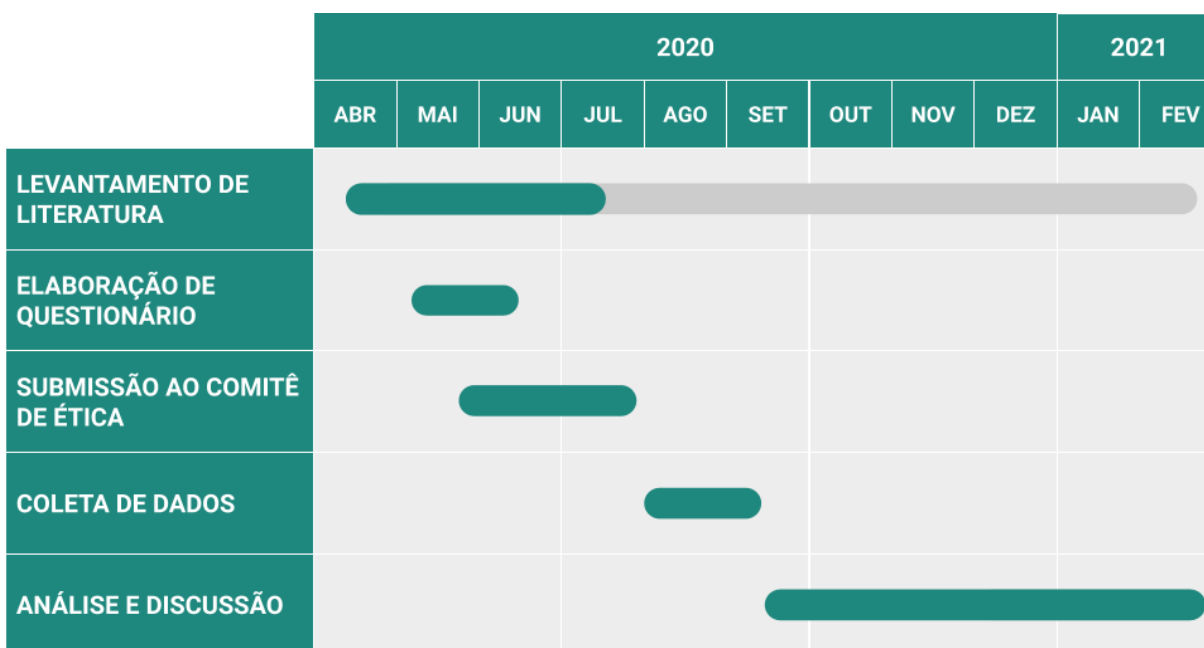
A concepção deste estudo se deu a partir de reflexões e discussões realizadas pelo grupo de pesquisa do CNPq “Terapia Ocupacional e Atenção Integral à Infância”, vinculado ao Laboratório de Atividade e Desenvolvimento - LAD/Universidade Federal de São Carlos que vem investigando sobre as ocupações infantis e os contextos em que se desenvolvem.

Com o início da pandemia, as medidas de distanciamento social e as mudanças nas perspectivas de pesquisas já iniciadas, emergiram questionamentos sobre as possíveis mudanças, entres desafios e avanços, nas rotinas e ocupações foram percebidas, bem como os desafios e soluções encontrados pelas famílias para favorecer esta participação de suas crianças.

Iniciou-se, então, um levantamento de literatura acerca dos impactos deste distanciamento nas rotinas e ocupações de crianças, que se deu, principalmente, na base de dados de pesquisa global da Organização Mundial da Saúde “WHO COVID-19”, uma fonte multilíngue da literatura mais recente sobre o assunto, atualizada diariamente a partir de pesquisas em bases de dados bibliográficas, pesquisas manuais e a adição de outros artigos científicos referidos por especialistas (WHO, 2021).

Este levantamento fundamentou as perguntas e o projeto de pesquisa, bem como a elaboração de um questionário para coleta de dados que foram submetidos ao Comitê de Ética em Pesquisa em Seres Humanos - CEP-UFSCar, foi aprovado sob o parecer nº 4.178.385, CAAE: 32535220.2.0000.5504 (ANEXO A). A pesquisa foi realizada conforme as seguintes etapas:

Figura 1 - Etapas da pesquisa



Fonte: Elaboração própria, 2020.

Em razão do tema da pandemia estar em constante atualização, o levantamento de literatura se manteve no decorrer da pesquisa.

### 3.2 Local de pesquisa

Por se tratar de uma pesquisa online, foi proposta em âmbito nacional, divulgada por um link que direcionava ao questionário e poderia ser respondido por mães, pais ou responsáveis por crianças pequenas (4 a 6 anos), com acesso a computador ou celular com acesso à internet, que aceitassem participar da pesquisa.



### **3.3 Participantes, critérios de inclusão e exclusão**

Os participantes convidados a participar da pesquisa foram por mães, pais ou responsáveis por crianças de 4 a 6 anos, com acesso a computador ou celular com acesso à internet, que aceitassem participar da pesquisa, respondendo o questionário online.

Como critérios de inclusão, consideramos os participantes que aceitaram participar da pesquisa, declarando entender os objetivos, riscos e benefícios da participação, assinando o TCLE (APÊNDICE B), bem como os que responderam ao questionário até o final.

Foram excluídas as respostas incompletas (que não seguiram até o final do questionário).

### **3.4 Aspectos éticos**

Pautado nos preceitos da Declaração de Helsinque e do Código de Nuremberg e respeitadas as normas de pesquisa envolvendo seres humanos por meio da Resolução nº 466/2012, do Conselho Nacional de Saúde, este estudo foi submetido ao Comitê de Ética em Pesquisa com seres humanos e foi aprovado sob o parecer nº 4.178.385, CAAE: 32535220.2.0000.5504 (ANEXO A).

Enquanto recomendações dos pareceres, foram necessários ajustes, dentre eles a garantia do TCLE estar disponível para download, já que se optou por não solicitar identificação e e-mail dos participantes. Dessa forma, o TCLE foi disponibilizado na página do próprio formulário online e em link para download de uma cópia assinada pela pesquisadora disponível na página inicial.

O aceite em participar da pesquisa foi registrado no próprio formulário *online*, quando o participante sinalizava a opção sim (“concordo participar com a pesquisa”) após leitura do TCLE (APÊNDICE B).

### **3.5 Procedimentos**

#### *3.5.1 Elaboração do instrumento para coleta de dados*

A partir de estudos em andamento e estudos realizados pelo grupo de pesquisa Terapia Ocupacional e Atenção Integral à Infância, de discussões acerca dos temas entre as pesquisadoras, bem como do levantamento de literatura sobre as crianças durante a pandemia

optou-se por abordar as ocupações infantis a partir da elaboração de um questionário *online* (Apêndice A).

Geldzetter (2020) pondera a importância das avaliações sobre percepções de populações relevantes, em situações de surtos e doenças que se propagam rapidamente, como a COVID-19, como forma de prever os impactos e fornecer informações à saúde pública.

Atentando-se à necessidade de serem realizadas rapidamente, as pesquisas e questionários *online* são consideradas pelo autor como favoráveis pois demandam poucos recursos humanos e possibilitam um amplo alcance num curto período (GELDZETZER, 2020).

Manzini (2020), ao tratar de entrevistas estruturadas, estabelece uma relação com os questionários e aponta caminhos para a elaboração do roteiro e das perguntas. O autor identifica que as perguntas fechadas são padronizadas e delimitam as respostas, apresentando opções para respostas, como por exemplo, as questões de múltipla escolha. As perguntas fechadas possibilitam uma coleta de dados relativamente rápida e conseqüentemente uma rápida análise estatística, tendo como princípio de análise uma abordagem quantitativa e podendo fornecer importantes dados qualitativos. Já as abertas não oferecem respostas ao participante e possibilitam respostas espontâneas, como por exemplo, as perguntas avaliativas.

Nesta perspectiva, Manzini (2020) discorre sobre a importância da delimitação das perguntas de pesquisa na elaboração do roteiro, sugerindo a definição de conceitos e elaborando um grupo de perguntas para cada conceito, para auxiliar o pesquisador a mapear o que deseja buscar. Assim, o roteiro deve garantir, por meio das perguntas apresentadas, a abrangência dos conceitos a serem estudados.

Tendo estabelecidas as perguntas e objetivos da pesquisa, propôs-se a elaboração de um questionário a ser respondido por adultos responsáveis por crianças de 4 a 6 anos, abordando as percepções destes em relação aos principais desafios, avanços e estratégias encontrados nas ocupações das crianças durante o período de distanciamento social.

Dessa forma, a elaboração das perguntas do questionário teve como pano de fundo o desenvolvimento ocupacional da criança e sua participação em ocupações e rotinas durante a pandemia e o distanciamento social, e baseou-se nas grandes áreas da Medida de Engajamento, Independências e Relações Sociais (MEISR) (MCWILLIAM; HORNSTEIN, 2007) e nas ocupações descritas pela AOTA (2020).

O MEISR é um questionário a ser respondido pelos responsáveis de crianças, e propõe, não como um teste padronizado, mas como um perfil, apresentar um panorama geral

sobre o funcionamento da criança relacionando as demandas das rotinas diárias e as expectativas de cada idade (MCWILLIAM; YOUNGGREN, 2019 a,b).

Afirma-se no MEISR, que o funcionamento das crianças é organizado pela sua participação nas rotinas diárias e que, embora seja possível pensar seu desempenho a partir de habilidades isoladas, na prática elas se fundem e servem para ajudar a criança a participar e engajar nas rotinas diárias (MCWILLIAM; YOUNGGREN, 2019 a,b).

O questionário aborda 13 rotinas (despertar; hora das refeições; vestir-se; higiene/fraldas; ao sair de casa; brincadeiras com outras crianças; brincadeira sozinha; cochilar; banho; convivência/assistir TV/livros; compras no supermercado; brincar ao ar livre e hora de dormir), subdivididas em situações, nas quais os pais, orientados pelos profissionais, classificam a frequência com que elas são realizadas pela criança (MCWILLIAM; YOUNGGREN, 2019a, 2019b).

Dentre os objetivos do instrumento destaca-se apoiar os familiares a monitorar o desenvolvimento de seus filhos, oferecendo informações para conhecer as etapas na aquisição de habilidades e melhorar as oportunidades naturais de aprendizagem (MCWILLIAM; YOUNGGREN, 2019b).

Os autores defendem abordar as rotinas a partir das famílias, pois são quem mais convivem e mais conhecem sobre a criança. Além disso, sendo as rotinas relevantes e compreendidas, ao relatarem sobre as rotinas, visualizam as crianças nos diversos contextos e situações. Este processo favorece que as famílias reflitam sobre as rotinas, conheçam sobre as etapas de desenvolvimento, definam prioridades de intervenção e identifiquem, em cada uma delas, as oportunidades de engajamento e aprendizagem que podem ser oferecidas para as crianças, em contextos naturais. Esta perspectiva busca empoderar as famílias e apoiá-las a se reconhecerem enquanto agentes de mudança na vida das crianças. Assim, reforçam a escassez de instrumentos atuais que favoreçam o olhar para a participação da criança e promovam a participação da família neste olhar (MCWILLIAM; YOUNGGREN, 2019 a,b).

Dessa forma, embora o MEISR não trate especificamente sobre o conceito das ocupações, a escolha de utilizar o instrumento como base se deu em razão de seu estudo recente, de abordar as rotinas como contexto para o desenvolvimento da criança e da concepção da família como central tanto na oferta de informações quanto na oferta de oportunidades de participação, bem como na constituição de valores, significados e vínculos.

Já o documento da AOTA (2020) Estrutura da prática da Terapia Ocupacional, apresenta um resumo dos construtos inter-relacionados que descrevem a prática da terapia

ocupacional que inclui definições e descrições das ocupações, utilizado também como base para a conceituação e elaboração da sequência e conteúdo do roteiro.

O questionário foi elaborado e disponibilizado por meio da plataforma *Google Forms*, em razão da facilidade e gratuidade da ferramenta.

### 3.5.2 Adequação e validação do instrumento para coleta de dados

Tendo finalizada a primeira versão, realizou-se a adequação de roteiro, durante o mês de maio de 2020, por meio da apreciação por juízes, conforme recomendado por Manzini (2020).

Para a escolha de juízes levou-se em consideração a experiência na elaboração de roteiros, bem como na afinidade com o tema ou o campo que está sendo investigado (MANZINI, 2020).

Conhecendo o tema, problema e objetivos da pesquisa, convidamos quatro mães de crianças, reconhecendo este papel ocupacional enquanto afinidade com o tema a ser investigado. Uma juíza possui formação na área do Direito, professora universitária, atuando como professora e coordenadora do curso de Direito em uma faculdade do município da pesquisadora; a segunda é fonoaudióloga do serviço público municipal, também do município da pesquisadora, atuante no apoio educacional às escolas públicas. Outras duas terapeutas ocupacionais, uma delas doutora em Terapia Ocupacional e docente de graduação em Terapia Ocupacional e uma doutoranda, ambas integrantes do grupo de pesquisa Terapia Ocupacional e Atenção Integral à Infância (vinculado à Universidade Federal de São Carlos).

As juízas foram convidadas a ler e responder o questionário a fim de verificar se as perguntas atendiam aos objetivos e avaliar aspectos relacionados à linguagem utilizada, clareza, sequência e forma das perguntas, necessidade de alteração ou incorporação de novas perguntas.

Dentre as mudanças sugeridas, foram sinalizados erros de ortografia e digitação, inserção de situações (nas questões de múltipla escolha) com as quais elas se identificavam e não haviam sido contempladas e a exclusão da divisão entre mudanças “positivas” e “negativas”, levando-se em conta, por exemplo que “aumento do uso de eletrônicos” poderia ser compreendido como desafio, ganho ou ainda de forma neutra.

O questionário levou em torno de 10 minutos para ser respondido.

A versão final do questionário contou com 48 questões (Apêndice A), organizadas em 18 sessões, da seguinte forma:

- .. *Apresentação* - Texto de informativo sobre o tema, objetivos e justificativa da pesquisa;
- .. *Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE)* - incluindo link para texto completo e assinado pela pesquisadora (Apêndice B) para download. O apêndice B foi disponibilizado como forma de garantir que o participante tivesse acesso ao documento assinado pela pesquisadora pois, por se tratarem de respostas anônimas, não poderiam ser enviadas por endereço eletrônico;
- .. *Informações sobre a família* - questões de múltipla escolha abordando local de residência, composição familiar, condições socioeconômicas e de moradia;
- .. *Informações sobre a criança* - questões de múltipla escolha abordando idade, gênero, raça e etnia, deficiência, realização das atividades escolares;
- .. *Impactos gerais sobre as ocupações* - escala linear em que o respondente quantificava as mudanças, para cada ocupação, entre as opções: “muitos ganhos”, “alguns ganhos”, “não observei impactos”, “alguns desafios”, “muitos desafios”).
- .. *Seções de sobre as ocupações: Sono, Alimentação, Higiene, Uso de roupas, Uso do banheiro, Brincar, Convivência e Interação Social, Comunicação (compreensão e expressão), Realização de atividades escolares, Emoções e comportamentos*, por meio de questões de múltipla escolha, em que o respondente poderia marcar quantas situações com as quais se identificasse (Ex: Melhora na qualidade do sono).
- .. *Seção sobre estratégias, apoio emocional e fonte de informações* - questões de múltipla escolha com a opção: “outros” em que o respondente poderia identificar sua rede de apoio e estratégias.
- .. *Perguntas abertas* - foram elaboradas duas perguntas abertas, com campo de texto, como forma de garantir espaço para trazer questões que não houvessem sido abordadas no questionário, complementando as questões de múltipla escolha.
  - \* “Em sua avaliação, de um modo geral, como este momento atual interferiu na participação da sua criança nas ocupações?” - resposta obrigatória
  - \* “Comente aqui algo que você considere importante que não tenha sido abordado sobre os desafios e possibilidades vividos por vocês neste momento.” - resposta optativa;
- .. *Fechamento* - agradecimento pela participação e divulgação do contato da pesquisadora.

### 3.5.3 Coleta de dados

A coleta de dados iniciou-se a partir da aprovação pelo comitê de ética e da realização das adequações necessárias e se deu entre o período de 02 de agosto e 19 de setembro de 2020.

Para a divulgação, foi enviada solicitação para a Coordenadoria de Comunicação Social da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar) e o estudo foi divulgado pelo Inforede, boletim informativo digital enviado diariamente a toda a comunidade da UFSCar (servidores, docentes e técnico-administrativos; estudantes de graduação e pós-graduação). A partir desta divulgação foram geradas notícias publicadas em outros órgãos de imprensa, como a Rádio Pinhais FM, no dia 23/08/2020, G1, no dia 23/08/2020, A Comarca, no dia 24/08/2020, São Carlos Dia e Noite, no dia 05/09/2020.

Foram realizadas entrevistas na Rádio Diocesana de São Carlos (SP) em 25/08/2020 e Rádio Clube 1 FM de São Carlos (SP) em 09/09/2020.

Também foi elaborado um pequeno texto explicativo (2 parágrafos) contendo o *link* do questionário que poderia ser encaminhado de forma rápida nas funções de compartilhamento em redes sociais, encaminhado via WhatsApp, Facebook, Instagram e E-mail.

O *link* do questionário foi enviado via e-mail para os todos os Conselhos Regionais de Fisioterapia e Terapia Ocupacional (CREFITO), conforme endereços disponibilizados no site do Conselho Federal de Fisioterapia e Terapia Ocupacional (COFFITO). Obtivemos respostas de quatro, sendo uma negativa, uma confirmação de recebimento e duas confirmações de divulgação.

Pelo aplicativo Instagram, foi divulgado no perfil do grupo de pesquisa: Terapia Ocupacional e Atenção Integral à Infância e foi encaminhado para os perfis dos Conselho Regional de Fisioterapia e Terapia Ocupacional (CREFITO), Associação Brasileira dos Terapeutas Ocupacionais (ABRATO), Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais (APAE). Nesta rede social recebemos resposta de outros três CREFITOS, diferentes dos respondentes dos e-mails, compartilhando o convite da pesquisa nos “stories”.

Pela ferramenta Facebook, foi divulgado em 39 grupos sobre os assuntos: maternidade, paternidade, crianças com ou sem deficiências, pedagogia infantil, terapia ocupacional e na página do grupo de pesquisa: Terapia Ocupacional e Atenção Integral à infância.

Foi divulgado ainda em mensagens individuais e grupos do aplicativo WhatsApp da pesquisadora que incluíram o grupo de Terapeutas Ocupacionais de Sorocaba e Região,

grupos de profissionais e grupos de estudantes como o de discentes do Programa de Pós-Graduação em Terapia Ocupacional.

Ao final do prazo pré-determinado (6 semanas) para a coleta de dados, foi obtido um total de 330 respostas ao questionário.

#### *3.5.4 Análise dos dados*

As respostas obtidas foram organizadas em forma de planilha e analisadas em duas etapas. Vale destacar que foram considerados apenas os respondentes que declararam entender os objetivos, riscos e benefícios de participação, isto é, que deram consentimento à pesquisa.

A primeira etapa, voltada às questões de múltipla escolha, consistiu em uma análise estatística, descritiva, a partir de uma descrição das variáveis, com objetivo de destacar as respostas marcadas pelos respondentes com maior frequência, que indicaram o predomínio de respostas com relação à amostra total. Os dados foram organizados em tabelas de frequências (absolutas e relativas) que geraram os gráficos ilustrativos dos resultados.

Na segunda etapa, voltada às duas questões abertas, as respostas foram submetidas à análise temática (BARDIN, 2016), que consistiu na leitura “flutuante” e repetida, a fim de identificar as categorias de análise e avaliar os tipos de respostas mais frequentes.

Realizadas as duas etapas, os dados obtidos foram compilados para apresentação dos resultados e discussões.

Após análise das questões abertas e identificação de temas, foram selecionados trechos das respostas e apresentados no decorrer dos resultados, como forma de corroborar com a discussão.

## 4 RESULTADOS

A fim de proporcionar a interpretação e visualização dos resultados, apresentamos os dados obtidos em formatos de gráficos, com as variáveis em ordem decrescente, apresentando-se primeiro as opções de respostas mais frequentes.

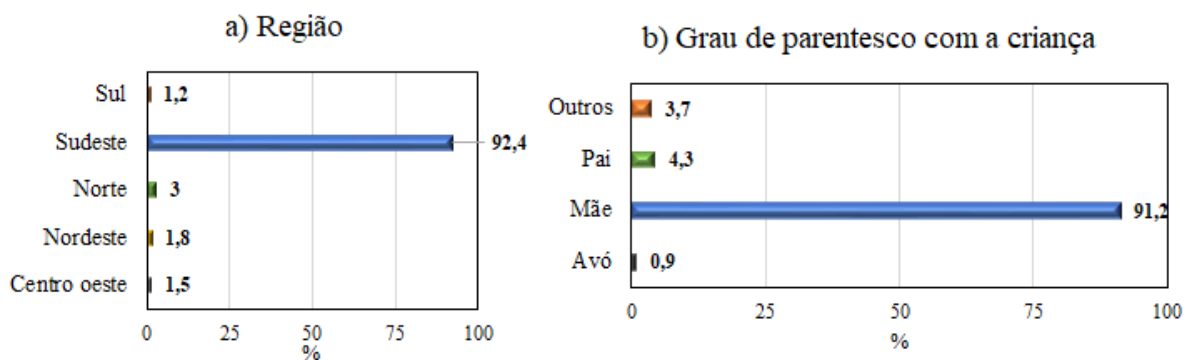
Este capítulo está apresentado conforme as seções do questionário, a saber: Caracterização das famílias participantes do estudo, Caracterização das crianças mencionadas no estudo, Atividades escolares e atividades externas durante o período de distanciamento social, Impactos gerais sobre as ocupações.

### 4.1 Caracterização das famílias participantes do estudo

Buscando caracterizar as famílias participantes do estudo, apresentamos os dados relacionados ao grau de parentesco da respondente com a criança, localidade, escolaridade, condições socioeconômicas, de moradia, escolaridade e trabalho, e composição familiar.

Observamos na Figura 2 que a maioria das respondentes são mães das crianças (91,2%), também em maior parte da região Sudeste (92,4%).

Figura 2 - Características das famílias - Região e grau de parentesco com a criança

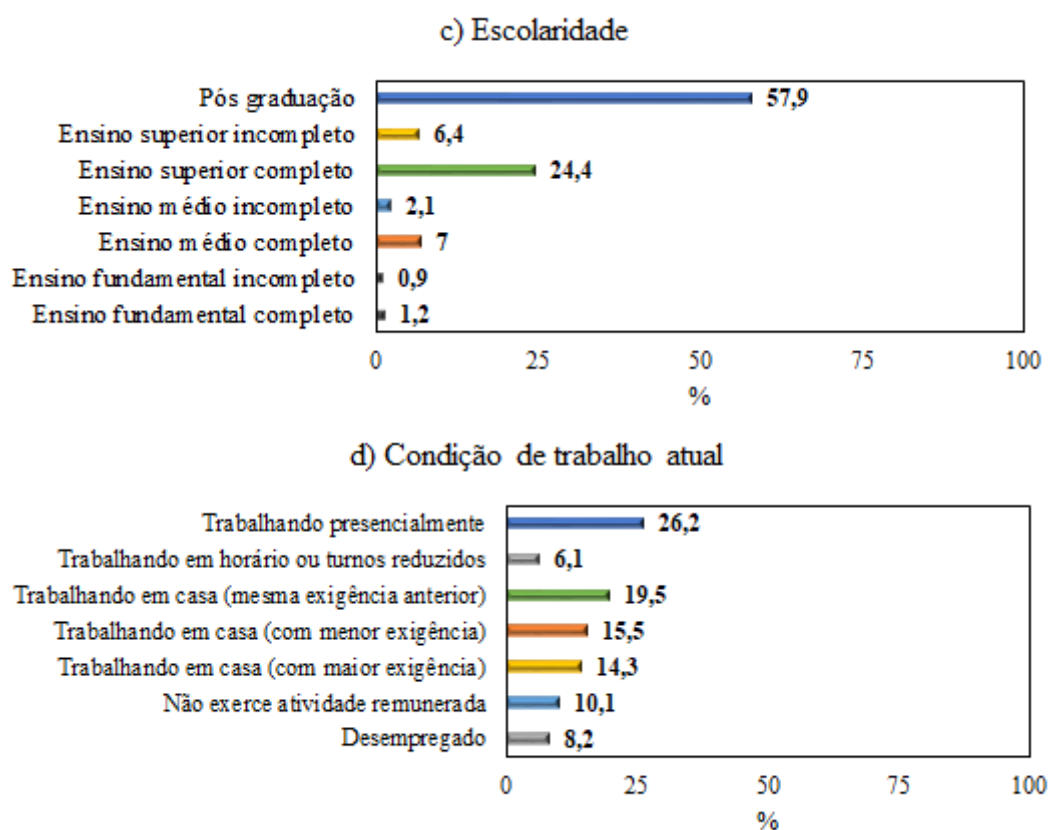


Fonte: Elaboração própria, 2020.

Com relação à escolaridade e ao trabalho (Figura 3), temos que a maioria dos respondentes possui pós graduação (57,9%) e que a maior parte está trabalhando presencialmente (26,2%).



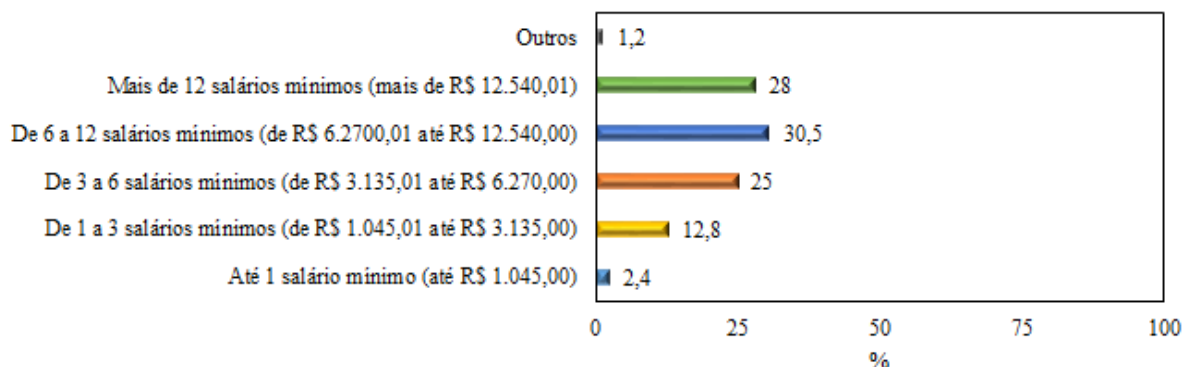
Figura 3 - Características das famílias - Escolaridade e condição de trabalho atual



Fonte: Elaboração própria, 2020.

Em relação à renda familiar (Figura 4), observamos que a maior parte das respondentes recebe entre 6 e 12 salários, destacando-se que as demais estão bem distribuídas nas demais opções. 87,8% não recebem recurso do governo e dentre as que recebem, o auxílio emergencial foi o mais referido, sendo 10,4% de todos os respondentes.

Figura 4 - Características das famílias - Renda familiar mensal

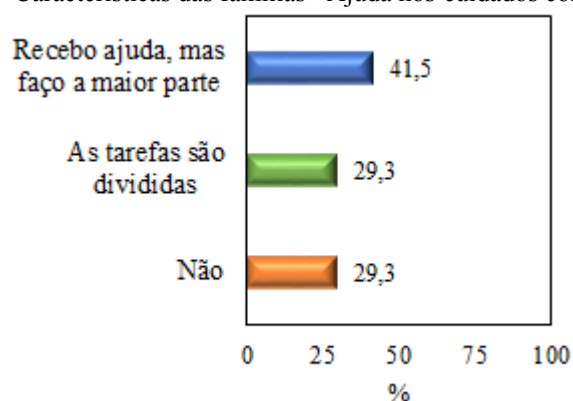


Fonte: Elaboração própria, 2020.

Quanto à moradia, temos que a maioria mora em casa própria (39,9% já paga e 30,8% pagando), seguido pelos 23,5% que moram em casa alugada. Mais da metade das famílias moram em casa, com chuveiro, vaso sanitário, energia elétrica e com quintal ou espaço externo. Para grande parte das respondentes há entre 3 e 4 moradores na casa e para 53,7% das respondentes não existe outra criança na casa.

Sobre a divisão de tarefas, temos na Figura 5 que 29,3% das respondentes não recebe ajuda no cuidado com a criança, 41,5% tem ajuda, mas faz a maior parte e 29,3% respondeu que as tarefas são divididas.

Figura 5 - Características das famílias - Ajuda nos cuidados com a criança



Fonte: Elaboração própria, 2020.

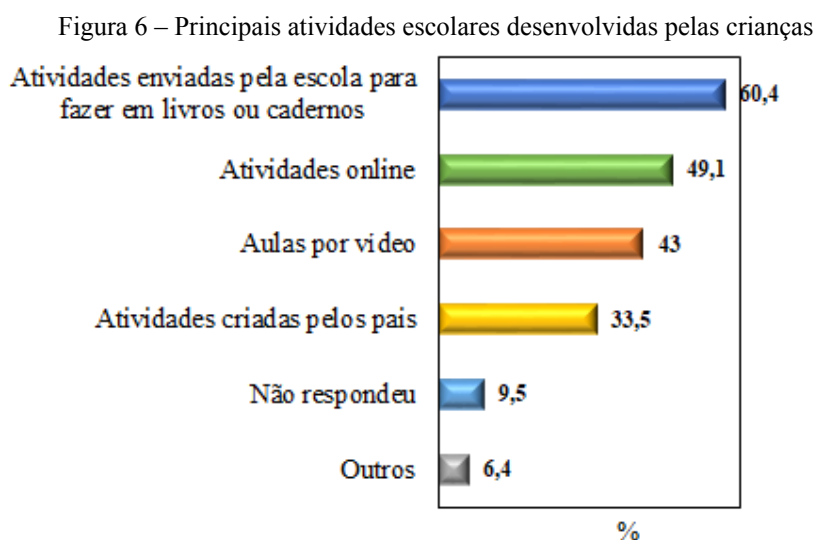
## 4.2 Caracterização das crianças mencionadas no estudo

Apresentando as informações sobre as crianças mencionadas no estudo, temos que estas variaram quanto à idade (entre 4 a 6 anos), pouco mais da metade é do sexo feminino (52,4%) e a maioria foi identificada como branca (84,5%), seguida de parda (10,4%) e negra

(2,1%). A maioria não possui deficiência (87,2%) e dentre as que possuem, a maior parte tem Transtorno do Espectro do Autismo (51,1%), seguido de Deficiência Intelectual (28,9%). Temos ainda, que quase todas as crianças estavam matriculadas em escola regular (98,8%), a grande maioria do tipo particular (73,5%) e que cerca de 90% realizavam atividades escolares no período de distanciamento social.

### 4.3 Atividades escolares e atividades externas durante o período de distanciamento social

As principais atividades escolares desenvolvidas no período de pandemia, conforme mostrado na Figura 6, foram atividades enviadas pela escola para fazer em livros ou cadernos (60,4%), atividades online (49,1%) e aulas por vídeo (43%).



Fonte: Elaboração própria, 2020.

Quase todas as crianças chegaram a sair de casa alguma vez, predominando a frequência de mais de 20 vezes (35%). Os principais motivos foram passeio de carro (61,3%), visita a parentes (55,2%), consulta, exame ou procedimento médico/odontológico (50,3%).

### 4.4 Impactos gerais sobre as ocupações

Na sequência proposta no questionário, após a caracterização das famílias e crianças seguiu-se uma seção que investigou os impactos gerais nas ocupações, com a escala linear (“muitos ganhos”, “alguns ganhos”, “não observei impactos”, “alguns desafios”, “muitos desafios”) descrita no tópico de elaboração do questionário, as questões de múltipla escolha,

específicas sobre as ocupações (sono, alimentação, higiene, uso de roupas, uso do banheiro, brincar, convivência e interação social, compreensão e comunicação, realização de atividades escolares, emoções e comportamentos), e as questões abertas.

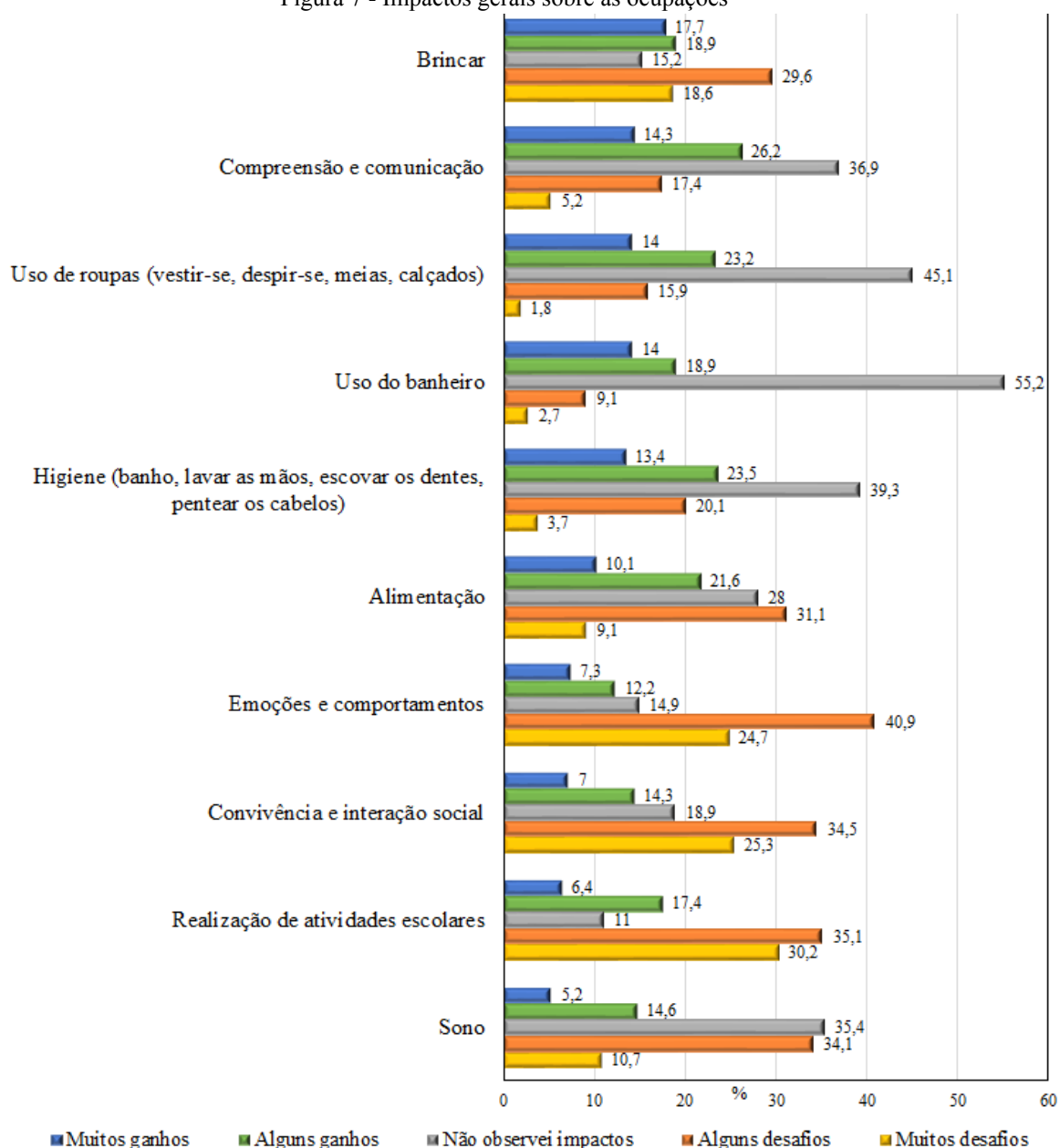
Todavia, a análise temática das questões abertas nos levou a temas similares aos abordados nas questões de múltipla escolha.

Por este motivo, identificados os temas principais, optou-se por apresentar trechos das respostas como forma de ressaltar e complementar os temas já abordados na análise quantitativa, fornecendo elementos para a discussão.

Dessa forma, esta seção abordará a análise das questões abertas, seguida das questões fechadas ilustradas pelos trechos das respostas abertas. Salienta-se que os trechos citados foram transcritos exatamente como respondidos no questionário.

Observamos na Figura 7 que as ocupações que mais apresentaram muitos ganhos foram brincar (17,7%), seguido de compreensão e comunicação (14,3%), uso de roupas (14%) e uso do banheiro (14%). Por outro lado, as ocupações que mais apresentaram muitos desafios foram realização de atividades escolares (30,2%), convivência e interação social (25,3%) e emoções e comportamentos (24,7%). De modo geral, as ocupações com menor percepção de impactos foram uso do banheiro (55,2%) e uso de roupas (45,1%).

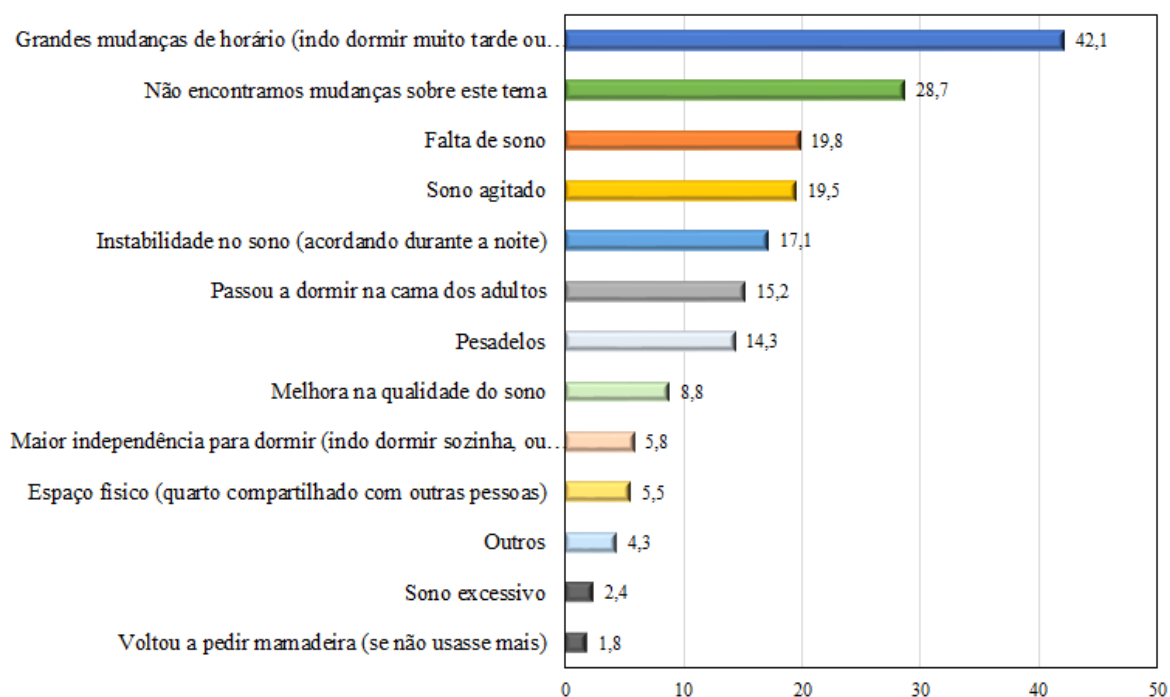
Figura 7 - Impactos gerais sobre as ocupações



Fonte: Elaboração própria, 2020.

Especificando as mudanças relacionadas a cada rotina, na Figura 8, observamos que as principais alterações relacionadas ao sono foram grandes mudanças de horário (42,1%), falta de sono (19,8%) e sono agitado (19,5%).

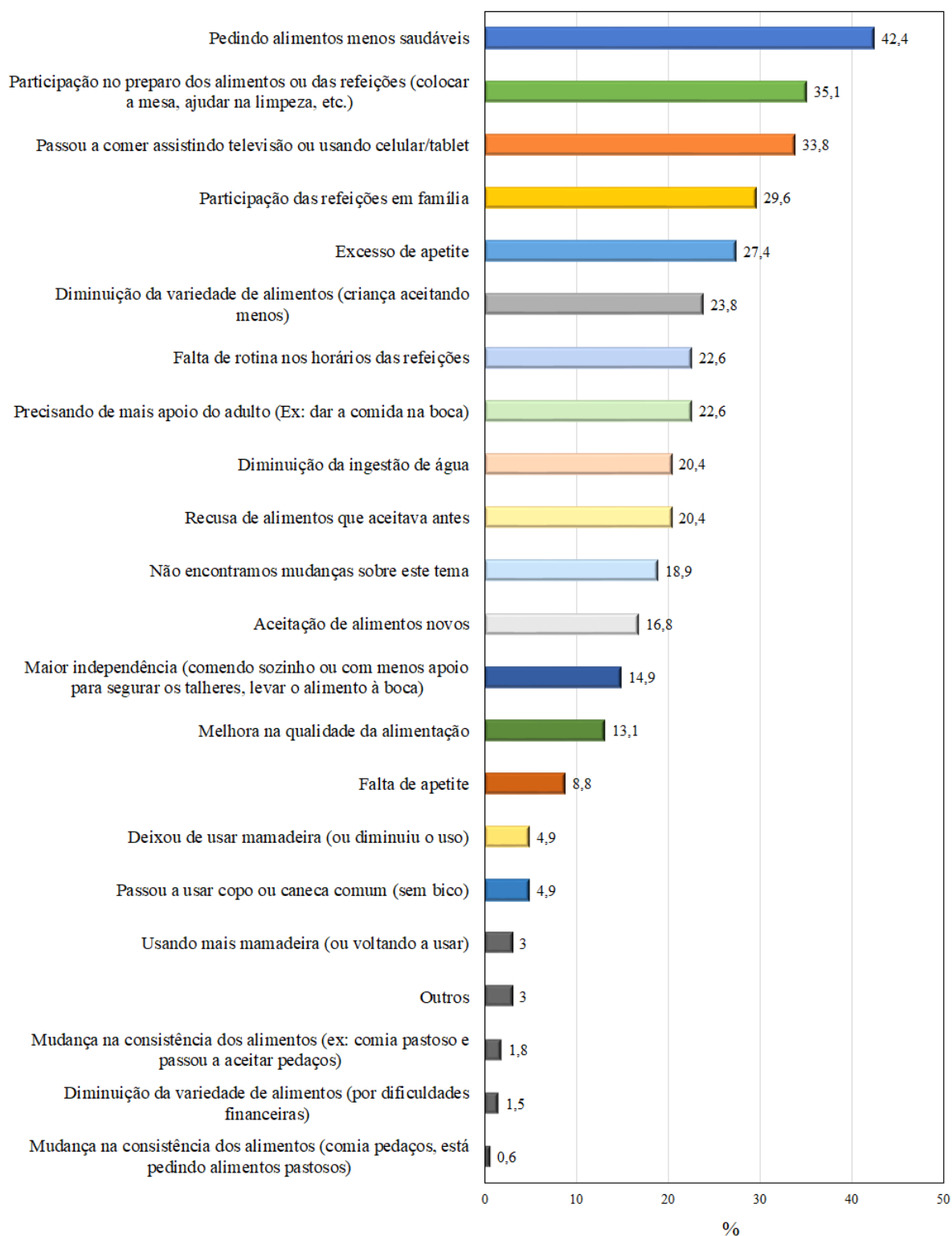
Figura 8 - Mudanças relacionadas ao sono



Fonte: Elaboração própria, 2020.

Quanto à alimentação, destacamos na Figura 9 que as principais mudanças foram que a criança está pedindo alimentos menos saudáveis (42,4%), participando no preparo dos alimentos ou refeições (35,1%), passou a comer assistindo televisão ou usando celular/tablet (33,8%), participando das refeições em família (29,6%) e apresentando excesso de apetite (27,4%).

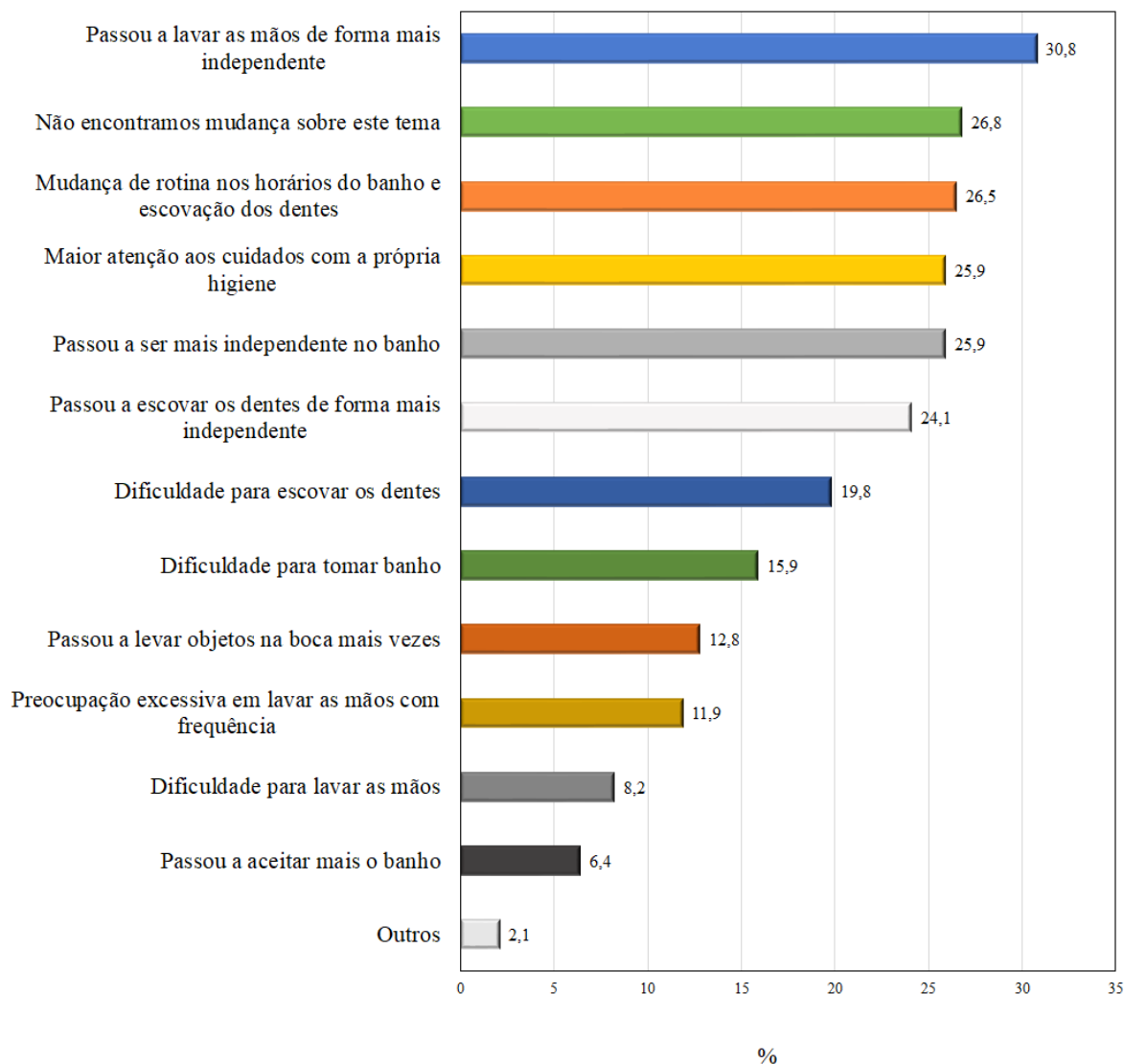
Figura 9 - Mudanças relacionadas à alimentação



Fonte: Elaboração própria, 2020.

Para mudanças relacionadas à higiene (Figura 10), ressaltamos que a maior parte passou a lavar as mãos de forma independente (30,8%), apresentou mudanças de rotina nos horários do banho e escovação dos dentes (26,5%), maior atenção aos cuidados com a própria higiene (25,9%), passou a ser mais independente no banho (25,9%) e passou a escovar os dentes de forma mais independente (24,1%).

Figura 10 - Mudanças relacionadas à higiene

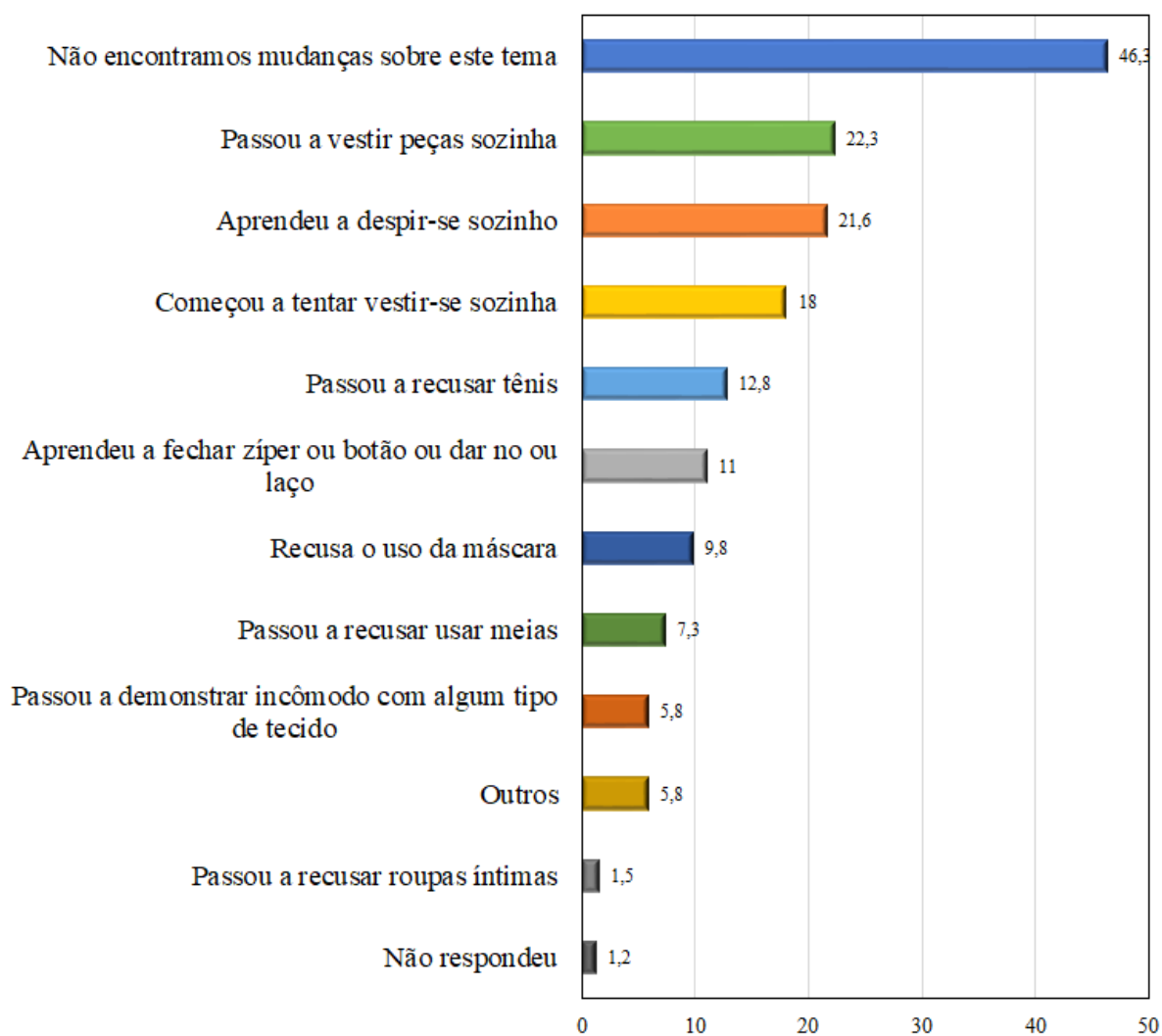


Fonte: Elaboração própria, 2020.

Com relação a mudanças relacionadas ao uso de roupas (Figura 11), verificamos que o destaque principal foi no sentido de a criança passar a vestir peças sozinhas (22,3%), aprendeu a despirm-se sozinho (21,6%) e começou a tentar se vestir sozinha (18%).



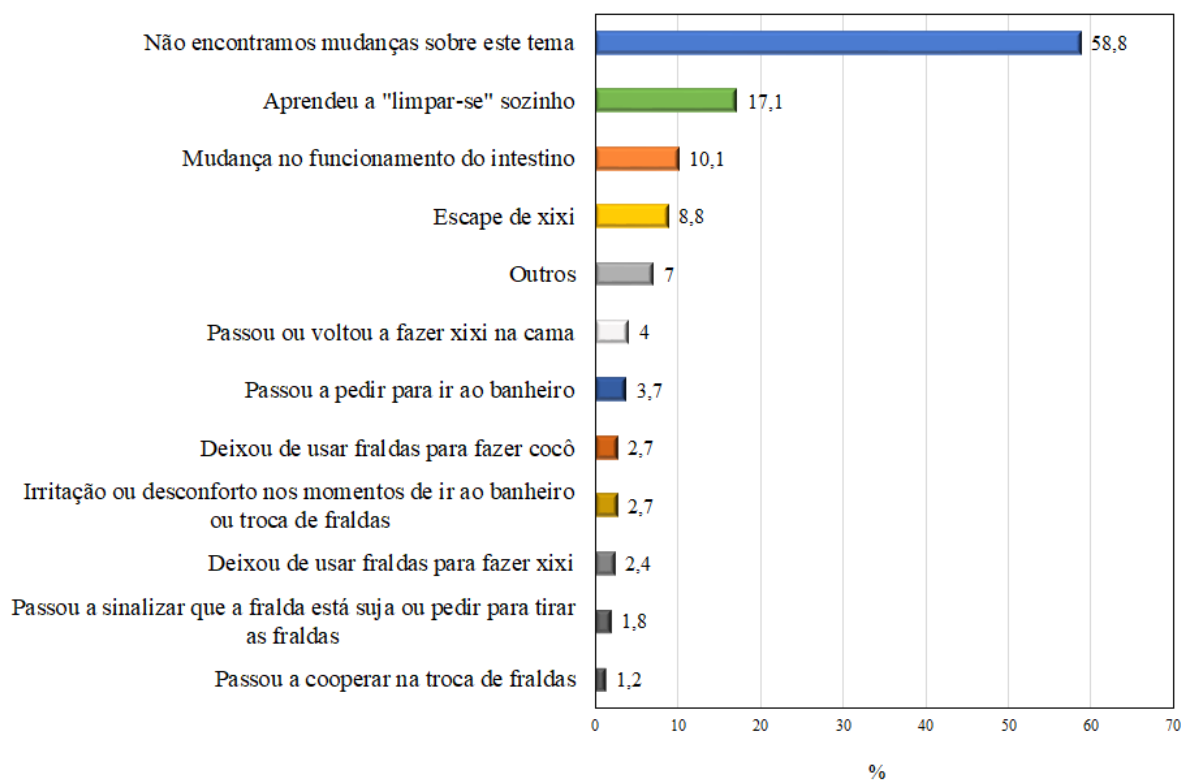
Figura 11 - Mudanças relacionadas ao uso de roupas



Fonte: Elaboração própria, 2020.

Para mudanças relacionadas ao uso do banheiro, destacamos principalmente o fato de a criança aprender a limpar-se sozinho (17,1%), sendo que os demais itens tiveram frequências abaixo de aproximadamente 10%.

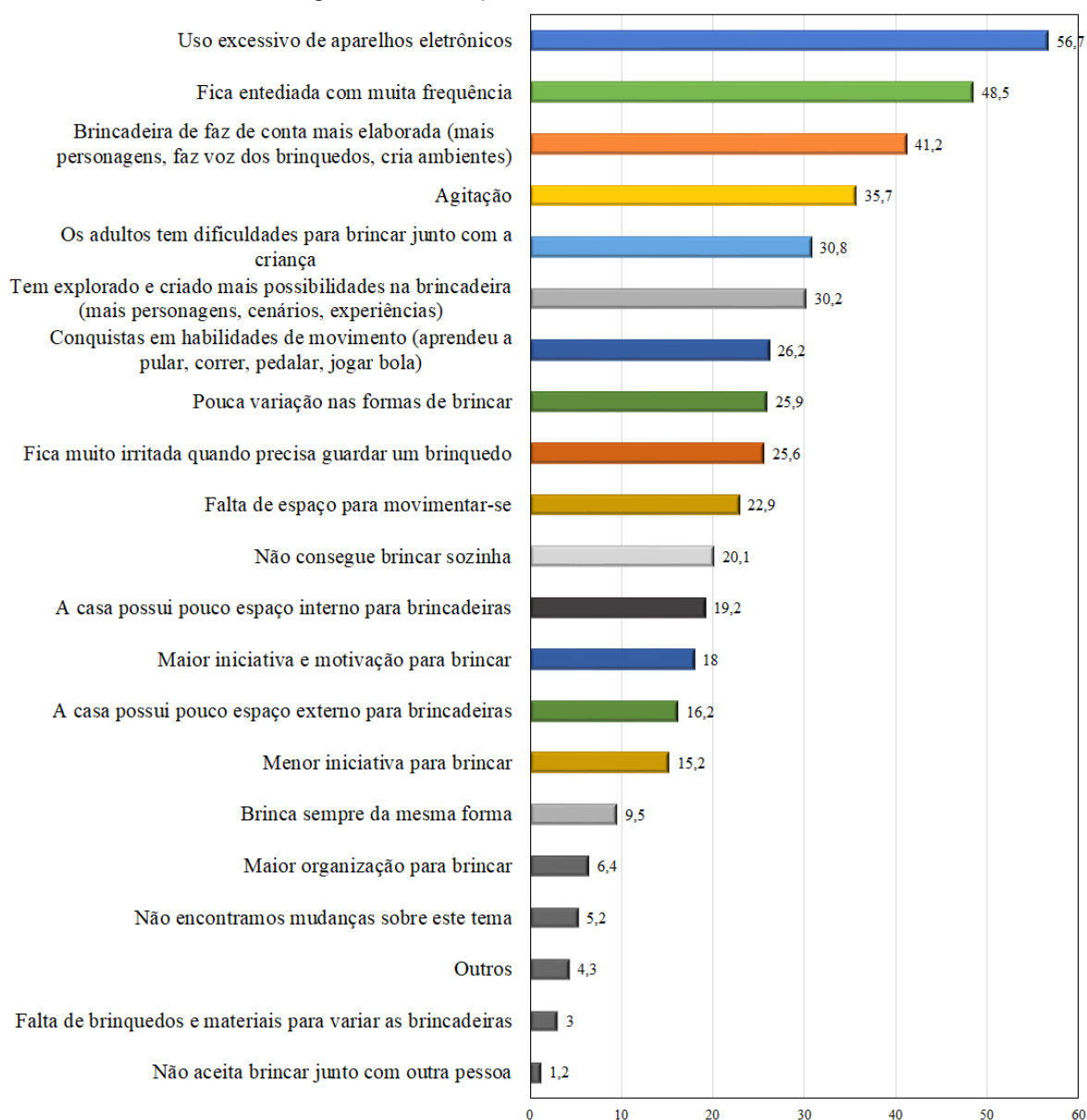
Figura 12 - Mudanças relacionadas ao uso do banheiro



Fonte: Elaboração própria, 2020.

Sobre as mudanças relacionadas ao brincar, retomamos que na Figura 7, dentre os impactos gerais, as mudanças relacionadas ao brincar foram as mais indicadas como tendo “muitos ganhos” (17,7%), seguidos de números consideráveis relacionados a “alguns ganhos” e “alguns desafios”. Especificando essas mudanças, na Figura 13, destacamos que os pais apontam uso excessivo de eletrônicos (56,7%), as crianças ficam entediadas com muita frequência (48,5%), fazem brincadeira de faz de conta mais elaborada (41,2%), ficam mais agitadas (35,7%), os adultos têm mais dificuldades para brincar com a criança (30,8%) e que as crianças têm explorado e criado mais possibilidades na brincadeira (30,2%).

Figura 13 - Mudanças relacionadas ao brincar



Fonte: Elaboração própria, 2020.

Nas questões abertas, encontramos uma categoria de respostas relacionadas aos avanços nas brincadeiras (5,5%), associadas à qualidade do tempo e à maior elaboração e criatividade, como por exemplo nos trechos a seguir:

[...] Adora brincar, cantar, dançar e brincar com carrinhos, dinossauros, brincar na pia [...].

[...] Tem demonstrado bastante interesse em atividades que envolvam recorte, colagem e confecção de brinquedos.

[...] Novas experimentações e envolvimento em atividades como: cuidados com animais domésticos, culinária, cuidado com a casa e plantas, atividades físicas não experimentadas antes, desenvolvimento da leitura e escrita a partir de experimentações naturais com a mãe, especialmente [...]

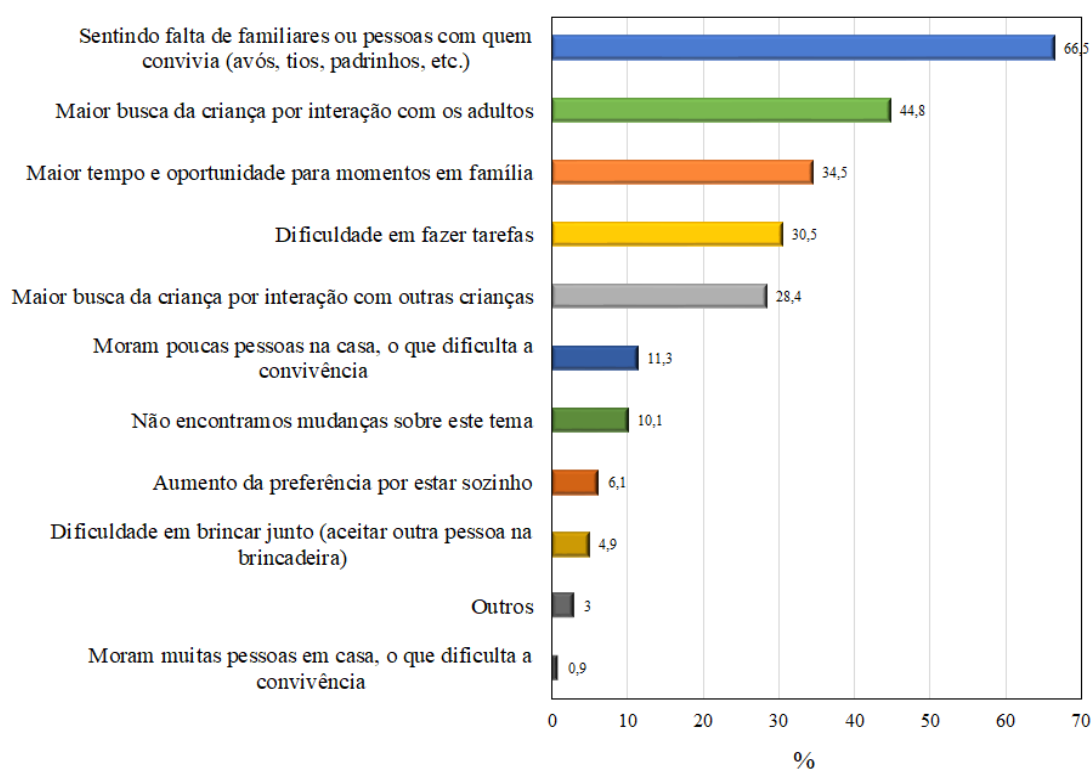
Por outro lado, também foram mencionados o tédio (6,1%), relacionado à redução de oportunidades e rotinas e o aumento do uso de eletrônicos também foi mencionado.

Notamos um tédio crescente desde o início do isolamento, desinteresse pelas atividades que antes eram raras, mas que se tornaram corriqueiras pelo tempo excessivo em casa [...].

[...] Me preocupa o tempo que fica no videogame, jogando ou assistindo vídeos sobre como jogar - ao mesmo tempo, não consigo pedir para ele desligar e não oferecer minha companhia ... preciso continuar trabalhando [...].

Para convivência e interação social (Figura 14), temos grande destaque para sentimento de falta de familiares ou pessoas com quem convivia (66,5%), em que a frequência ficou bem acima dos demais, maior busca da criança por interação com adultos (44,8%), maior tempo e oportunidade para momentos em família (34,5%), dificuldade em fazer tarefas (30,5%) e maior busca da criança por interação com outras crianças (29,4%).

Figura 14 - Mudanças relacionadas à convivência e interação social



**Fonte:** Elaboração própria, 2020.

Nas perguntas abertas encontramos categorias sobre o impacto negativo causado pela falta de contato e interação social com os pares, referindo que as crianças sentem falta dos amigos (17,1%) como podemos observar nos relatos:

Ela tem menos exposição a atividades pedagógicas pois não tem ido à escola que é um ambiente com muita oferta. Em casa é difícil propor pq ela não adere e gera estresse e ansiedade pra ela e pro adulto.

A saudades de ir pra escola, de se encontrar com crianças da mesma idade, de brincar com crianças e interagir com elas, muitas vezes afastando o adulto da brincadeira criativa. Repetição de perguntas do porque não podemos sair pra ir a escola [...].

A completa mudança de rotina da criança que além da escola frequentava projeto de contraturno, tinha atividades variadas, múltiplo contato com amigos, foi completamente alterada [...].

O ambiente escolar assim faz falta pq lá as atividades serão propostas para os outros independente da minha criança aderir ou não e isso aumenta a exposição e a possibilidade dela se aproximar e aceitar.

Também se referiu o mesmo impacto relacionado à falta de contato com familiares (4,9%):

O distanciamento da avó por 3 meses foi de muito impacto e causou angústia [...].

[...] tudo isso nos afetou, mas juntos construímos possibilidades, entendendo ser necessário tomar todos os cuidados, mas também necessário contar com a rede de apoio [...].

Participantes descreveram que o período de distanciamento proporcionou oportunidades para os pais para conviverem e acompanharem o desenvolvimento e as atividades escolares dos filhos (4,6%) e também referiram situações em que a criança esteve mais apegada aos pais, pedindo maior atenção (4,3%):

O distanciamento e recolhimento imposto pela pandemia, nos permitiu uma convivência e acompanhamento muito maior de nosso filho, o que nos colocou numa condição privilegiada que não existiria de outro modo. [...]

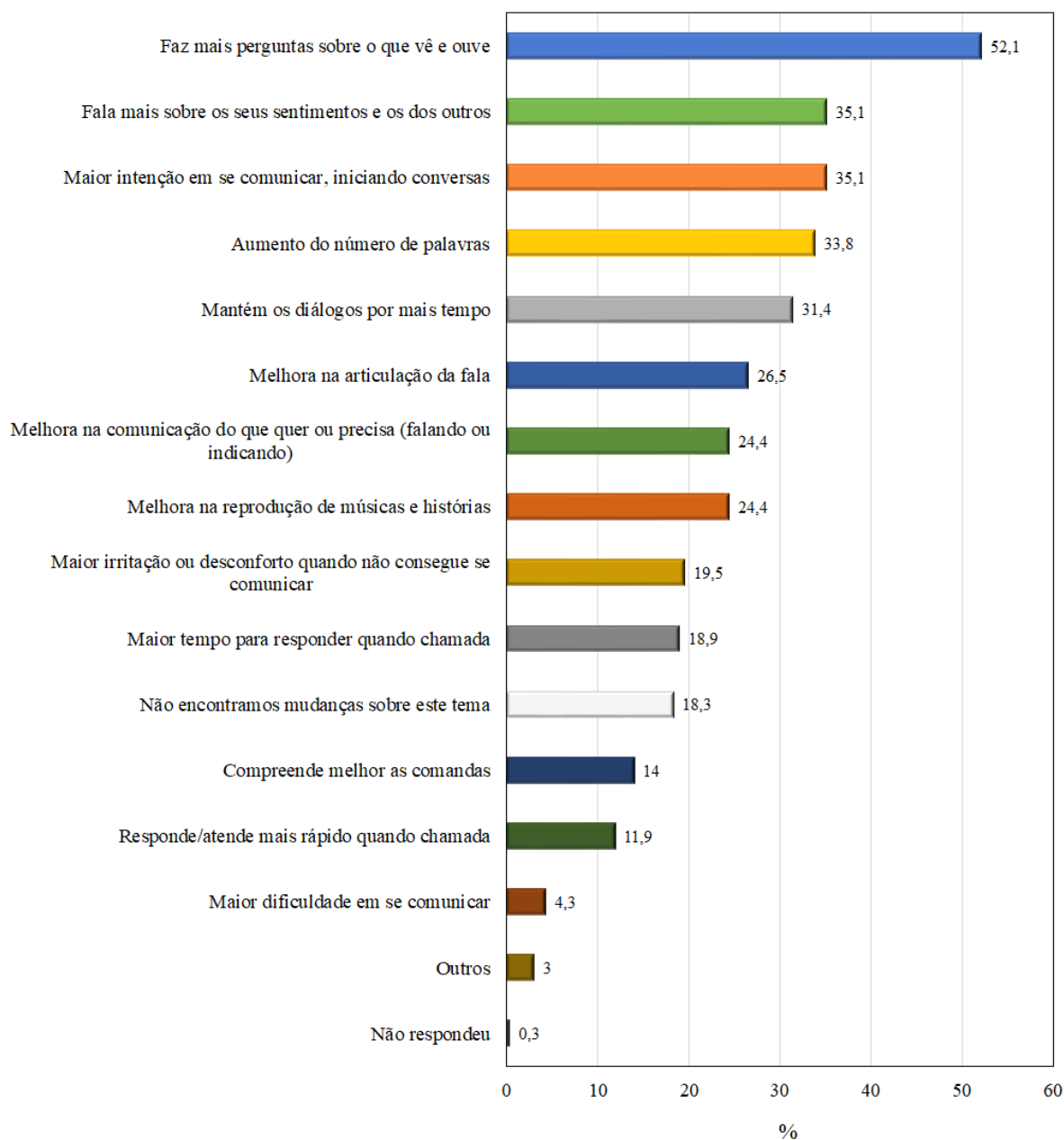
[...]EU APRENDI a ter mais paciência e agora a chamo pra me ajudar, aprendi a esperar o tempinho dela e aprendi a elogiar os avanços dela...” “...Ela está evoluindo e EU MUITO MAIS.[...] Eu vivia cheia de compromissos e fazia tudo correndo demais. Agora é cada momento com mais amor e atenção.

[...]Aproveito cada interesse dele para dar um passo no aprendizado: ele adora matemática e precisa escrever para seguir melhor nos seus jogos. Então a gente aprende com o que tem: os números das casas quando vai passear, desafio de contar até 100, como se escreve Sonic, revistinha Coquetel para crianças - Picolé...[...]

Sobre este aspecto, recebemos devolutivas informais de duas mães participantes, relatando que, ao responderem o questionário, se sentiram impulsionadas para refletir sobre as ocupações.

Observando as informações sobre as mudanças relacionadas à comunicação, ressaltamos na Figura 15 que as principais mudanças para a criança fazer mais perguntas sobre o que vê e ouve (52,1%), falar mais sobre os seus sentimentos e os dos outros (35,1%), apresentar maior intenção em se comunicar, iniciando conversas (35,1%), aumento do número de palavras (33,8%) e manter diálogos mais longos (31,4%).

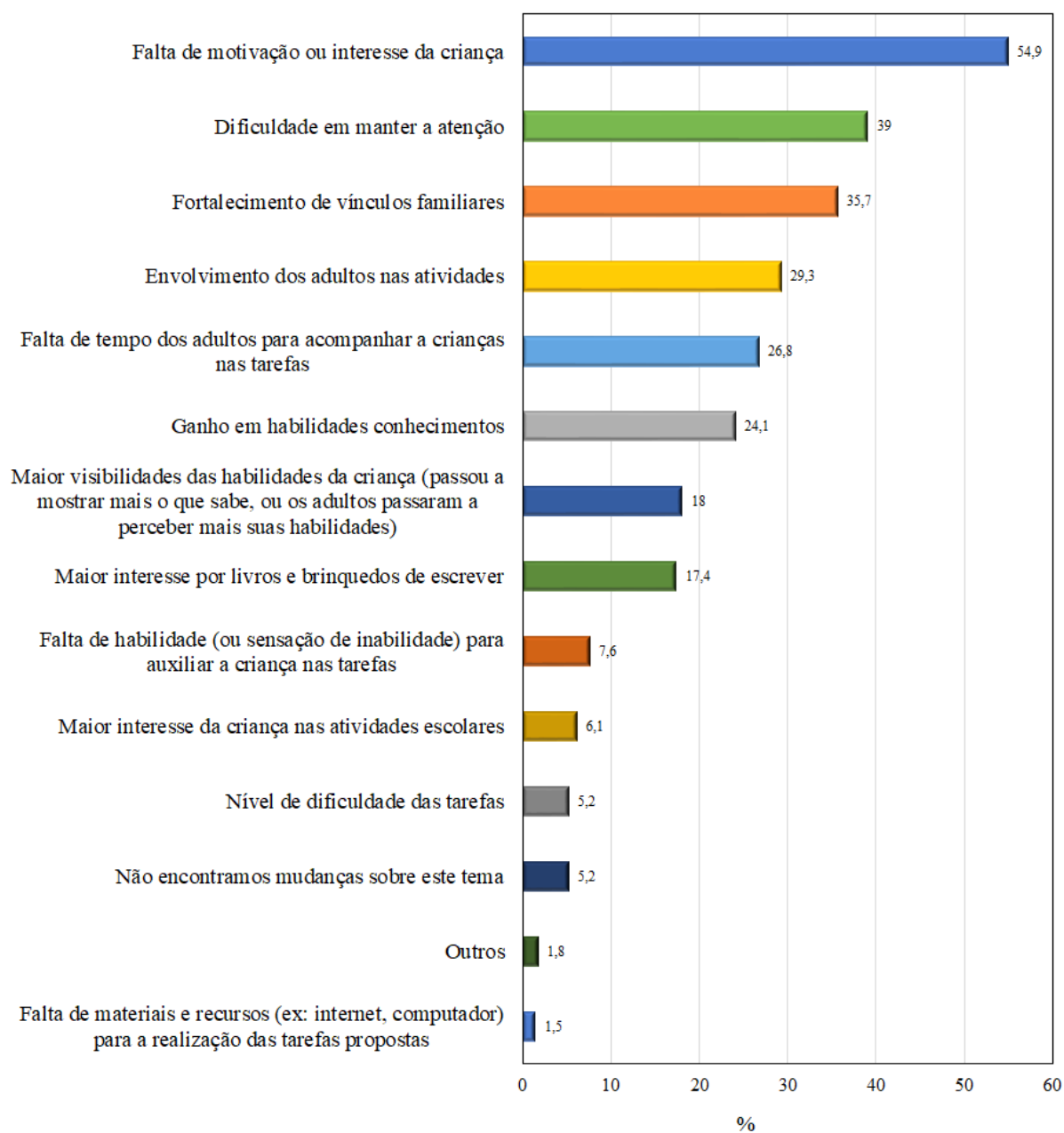
Figura 15 - Mudanças relacionadas à comunicação



Fonte: Elaboração própria, 2020.

Quanto às mudanças na realização de atividades escolares (Figura 16), observamos que a maioria sente falta de motivação ou interesse da criança (56,4%), seguido da dificuldade em manter a atenção (54,9%), fortalecimento de vínculos familiares (39%), envolvimento dos adultos nas atividades (35,7%), falta de tempo dos adultos para acompanhar as crianças nas tarefas (29,3%) e ganho em habilidades de conhecimento (26,8%).

Figura 16 - Mudanças relacionadas à realização de atividades escolares

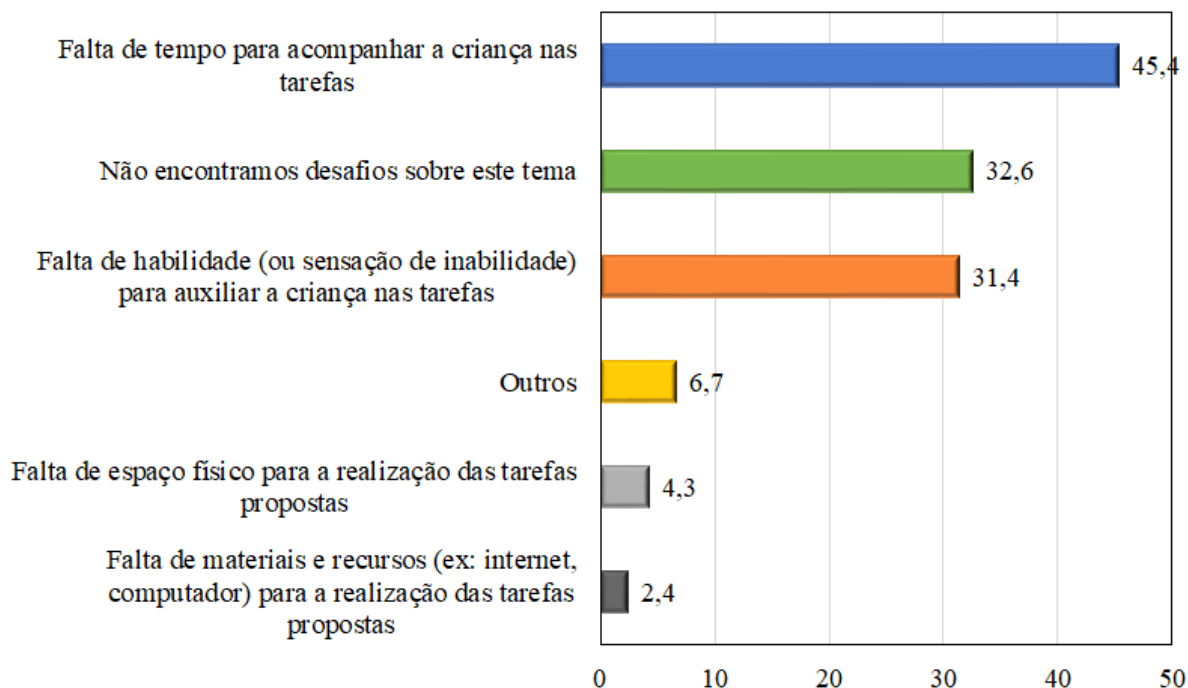


Fonte: Elaboração própria, 2020.

Por outro lado, vemos na Figura 17 que os principais desafios dos adultos ou do ambiente na realização de atividades escolares são a falta de tempo para acompanhar as crianças nas tarefas (45,4%) e a falta de habilidade (ou sensação de inabilidade) para auxiliar as crianças nas tarefas (31,4%). Nesse caso, destacamos que cerca de 30% dos respondentes não sentiram que houve desafios quanto ao tema.



Figura 17 - Principais desafios dos adultos ou do ambiente na realização de atividades escolares



Fonte: Elaboração própria, 2020.

Podemos destacar que foram encontrados pontos de dificuldade relacionados à motivação, interesse, atenção, também referidos nas respostas de texto (8,2%) e também dificuldade dos pais em acompanhar as atividades escolares, de manter a criança entretida, sobrecarga e dificuldade em conciliar as tarefas domésticas, escolares e trabalho (13,1%):

Pais que trabalham fora, sem diminuição de carga horária, com criança sem escola é um p\*\*\* desafio. Sofremos todos juntos. Precisamos de ajuda da família e agora de babá, já que tudo não volta tão cedo. Muito complicado.

Desafio de ser "escola" sem sê-la de fato, e assumir uma ocupação involuntária, a qual não foi desejada, não traz prazer e gera muitos danos e sofrimento neste formato. Saúde mental dos pais é algo que as escolas não pensaram... mesmo porquê os professores também se desequilibraram e se viram forçados a se reinventar.

Encontramos, ainda que não questionado especificamente sobre o assunto, menções à sobrecarga da mãe e da mulher e desafios em conciliar as tarefas domésticas, escolares e trabalho neste contexto (13,1%).

Os sentimentos de impotência das mães que estão em casa sem respostas de um futuro escolar e volta da normalidade.

Como uma mulher consegue desempenhar tantos papéis? Ser mãe, esposa, dona de casa, cozinheira e profissional. Tudo muito desumano para a mulher acumular bilhões de coisas. Criança precisa de contato. Muito triste tudo isto.

Cansaço, cansaço, desesperança, falta de apoio familiar, mais cansaço, mais cansaço.

Por outro lado, o fortalecimento de vínculos familiares também foi encontrado enquanto categoria de análise, totalizando 13,4% de referências ao assunto nas respostas escritas.

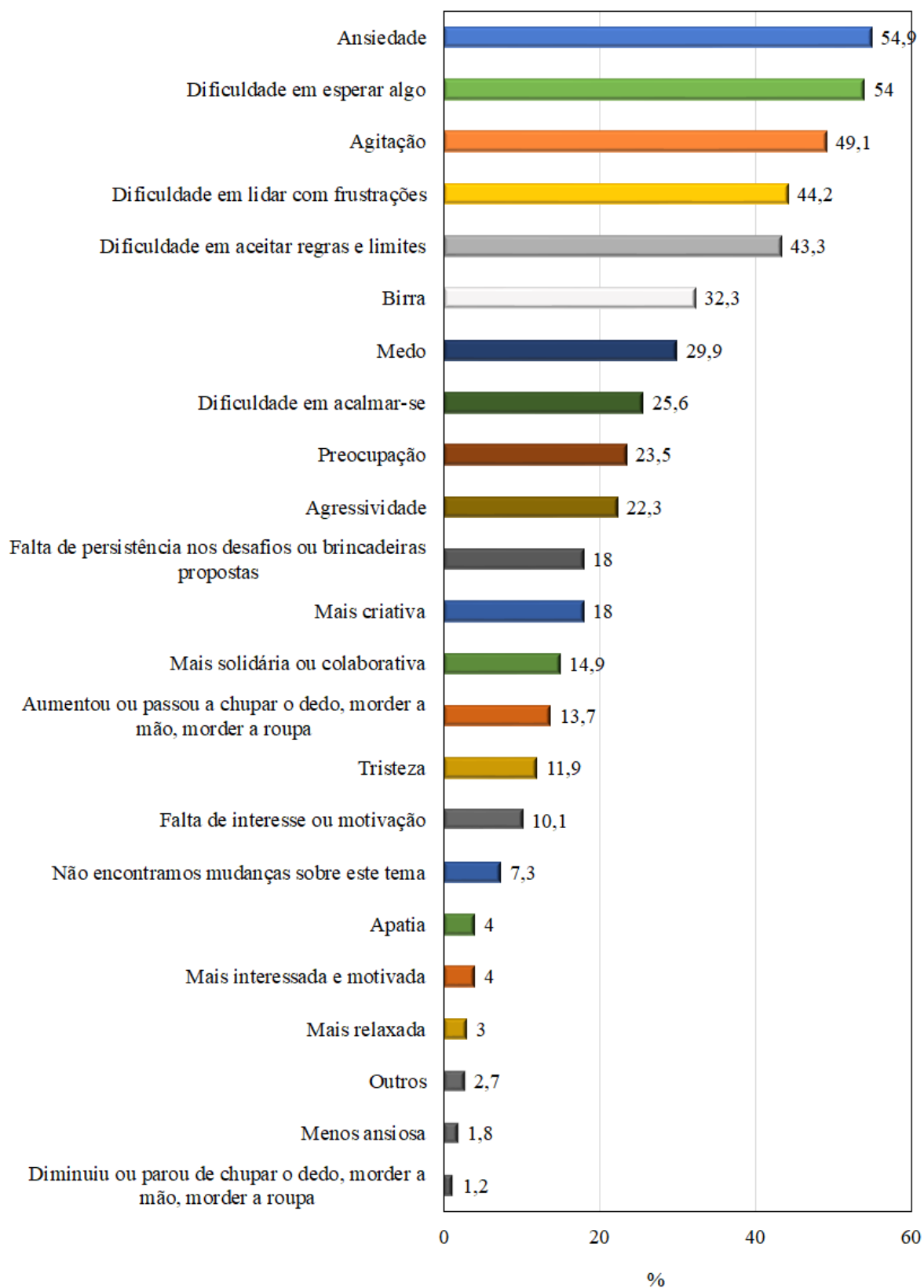
[...] neste contexto minha filha sofreu bastante inicialmente, mas conversamos muito, lemos livros, tentamos brincar e estabelecer uma nova rotina, a qual a cada mês foi sendo alterada de acordo com as novidades, flexibilizações e necessidades advindas destas. Acredito que ela foi superando o medo e a angústia inicial e foi se fortalecendo, sentindo-se mais segura e cresceu muito em todos os sentidos.

[...] Há certa oscilação de humor e por vezes desânimo, mas aumentou nossa convivência e nossa ligação afetiva [...].

Estamos muito mais unidos!

Notamos que as principais mudanças relacionadas às emoções e comportamentos (Figura 18) foram ansiedade (54,9%), dificuldade em esperar algo (54%), agitação (49,1%), dificuldade em lidar com frustrações (44,2%), dificuldade em aceitar regras e limites (43,3%), birra (32,3%), medo (29,9%) e dificuldade em acalmar-se (25,6%).

Figura 18 - Mudanças relacionadas às emoções e comportamentos



Fonte: Elaboração própria, 2020.

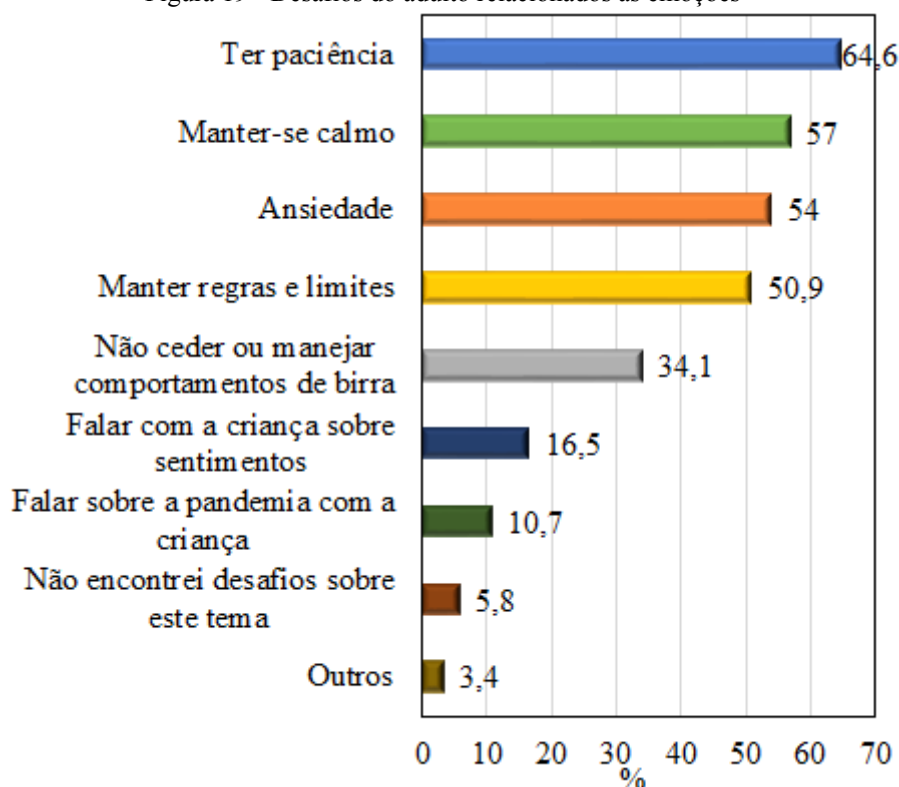
Nesta perspectiva foram relatados nas categorias o aumento de sentimentos negativos como ansiedade, irritabilidade, tristeza, angústia, mudanças de humor e dificuldade em falar sobre sentimentos (14,9%) e também preocupações com a COVID-19 (2,4%):

Está mais ansioso, extremamente preocupado, só pensa no futuro, não consegue viver o presente.

Está mais enfrentadora, cansada emocionalmente, brava.

Quanto aos adultos, verificamos que os principais desafios relacionados às emoções (Figura 19) foram ter paciência (64,6%), manter-se calmo (57%), ansiedade (54%), manter regras e limites (50,9%) e não ceder ou manejar comportamentos de birra (34,1%).

Figura 19 - Desafios do adulto relacionados às emoções

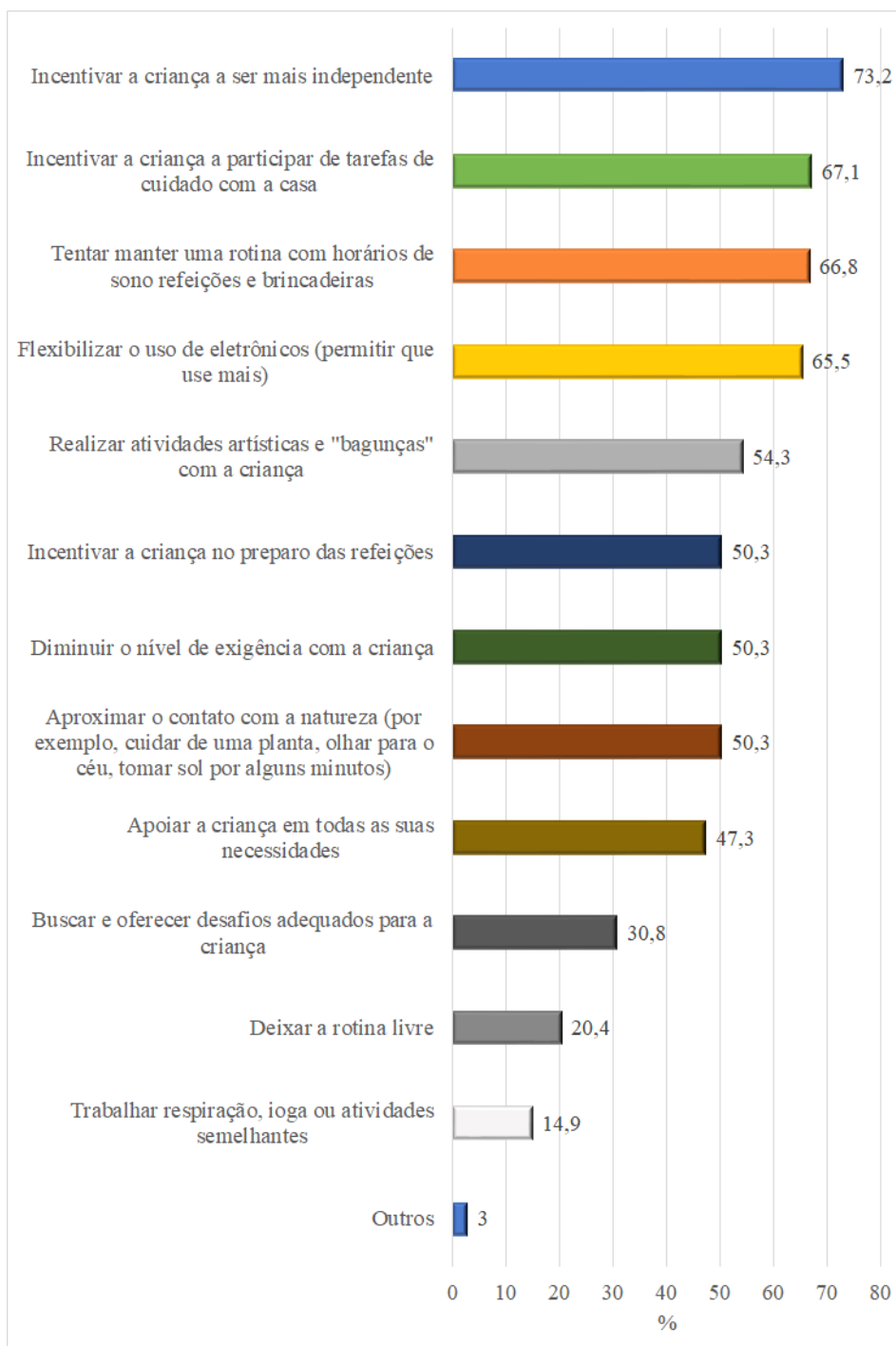


Fonte: Elaboração própria, 2020.

A partir da Figura 20, observamos que os adultos se identificaram com grande parte das estratégias apresentadas para enfrentar os desafios relacionados às ocupações no período de quarentena, sendo que as principais foram incentivar a criança a ser mais independente (73,2%), a participar de tarefas de cuidado com a casa (67,1%), tentar manter uma rotina com horários de sono, refeições e brincadeiras (66,8%) e flexibilizar o uso de eletrônicos (permitir que use mais), com cerca de 65,5% dos respondentes. Por outro lado, as estratégias que os

adultos menos se identificaram foram buscar e oferecer desafios adequados (30,8%), deixar a rotina livre (20,4%) e trabalhar respiração, ioga ou atividades semelhantes (14,9%).

Figura 20 - Estratégias encontradas para enfrentar os desafios relacionados às ocupações

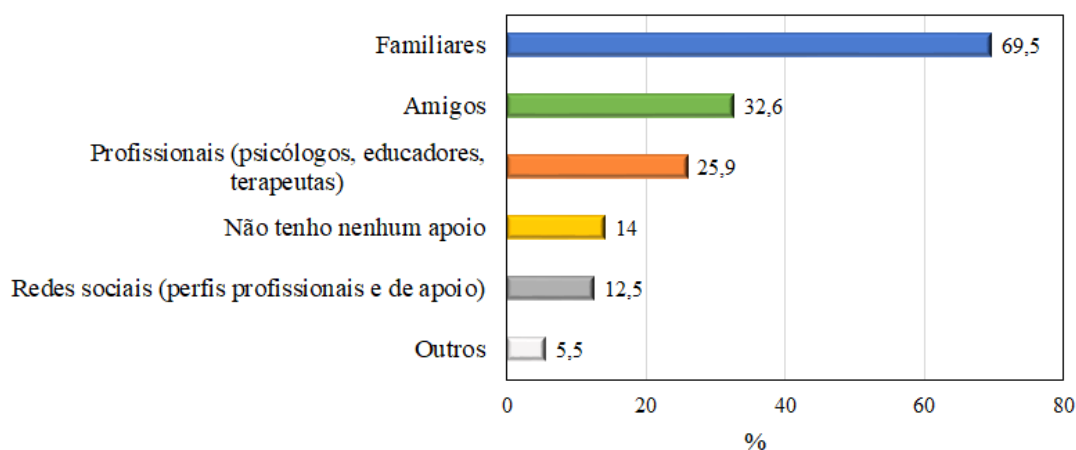


Fonte: Elaboração própria, 2020.

Em consonância com estes dados, encontramos categorias de análise associadas a maior participação nas rotinas familiares, tarefas e cuidados com a casa (14,3%), desenvolvimento de habilidades, autonomia e independência (4,9%) e referências sobre a importância da organização das rotinas no enfrentamento aos desafios do distanciamento social (5,2%).

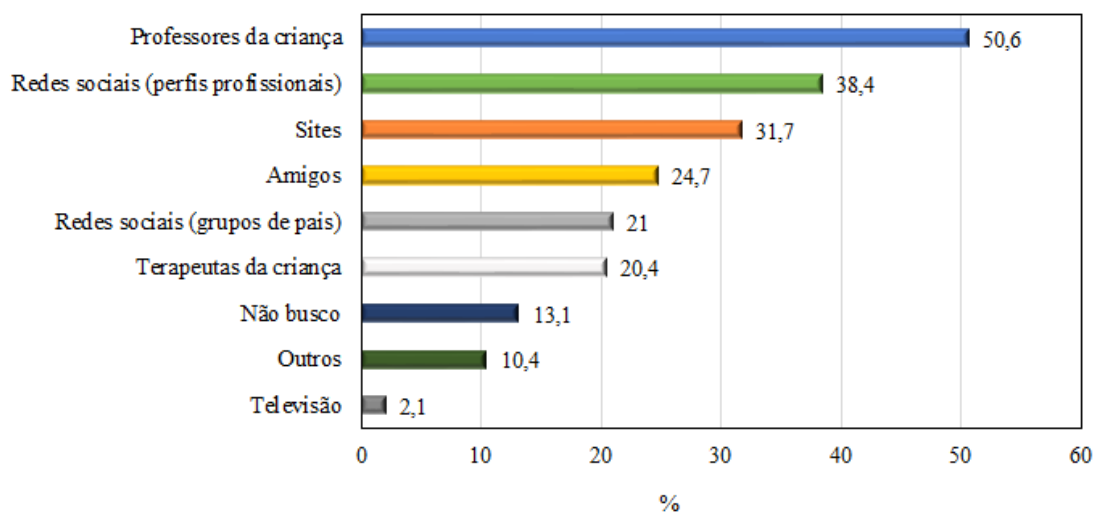
Sobre as fontes de apoio encontrados pelas famílias, temos na Figura 21 que as principais fontes de apoio emocional neste momento de pandemia são destacadamente os familiares, com 69,5% dos casos, seguidos principalmente por amigos e profissionais (psicólogos, educadores e terapeutas), com porcentagens iguais a 32,6% e 25,9%, respectivamente, e na Figura 22 que as principais fontes de estratégias e informações são os próprios professores das crianças (50,6%), redes sociais (perfis profissionais, com 38,4%) e sites (31,7%). Nesse caso, destacamos que cerca de 13% dos respondentes não buscaram informações e que televisão foi a menor fonte, com 2,1%.

Figura 21 - Principais fontes de apoio emocional durante o distanciamento social



Fonte: Elaboração própria, 2020.

Figura 22 - Principais fontes de estratégias e informações sobre o desenvolvimento da criança



Fonte: Elaboração própria, 2020.

## 5 DISCUSSÃO

Apresenta-se, a seguir, a discussão dos principais resultados desse estudo, o qual teve por objetivo analisar, sob a perspectiva de responsáveis, a influência do distanciamento social na participação de crianças de 4 a 6 anos em suas ocupações e rotinas, bem como identificar os recursos disponíveis e utilizados pelas famílias para apoiar e promover a participação neste contexto.

Enquanto questões centrais deste estudo questionou-se a forma com que as famílias têm favorecido a participação das crianças em suas ocupações, quais mudanças de rotinas foram percebidas e quais desafios e soluções encontradas para favorecer esta participação.

Assim, essa discussão foi elaborada à luz das ocupações infantis e do levantamento de estudos sobre a pandemia da COVID-19, com vistas a estabelecer um diálogo entre os resultados obtidos e as práticas preconizadas pela literatura. Para tanto, apresentamos as seguintes seções: 5.1 Perfil das respondentes da pesquisa, 5.2 Mudanças percebidas pelas respondentes, nas ocupações e rotinas de crianças durante o distanciamento social, 5.3 Oportunidade de participação nas ocupações familiares, 5.4 Mudanças nas rotinas e ocupações escolares e o papel de estudante.

## 5.1 Perfil das respondentes da pesquisa

Iniciamos tratando sobre a caracterização das(os) respondentes e das famílias, que mostraram certa homogeneidade relacionada ao gênero e grau de parentesco com a criança, localidade, condições socioeconômicas e escolaridade.

Atribuindo esta homogeneidade principalmente à forma de divulgação da pesquisa que, devido ao tempo escasso, foi disparada em mídias sociais, e vinculadas ao meio universitário e profissional (da Terapia Ocupacional, como os Conselhos Regionais). Neste caso, reconhecemos que se trata de uma limitação deste estudo e que os resultados não podem ser generalizados para outras configurações familiares e estratos sociais.

Geldzetter (2020), ponderou que os questionários online possibilitam um amplo alcance num curto período de tempo, no entanto limitam-se em relação à similaridade entre os níveis socioeconômicos dos entrevistados, considerando a necessidade de acesso a computador, *tablet* ou *smartphone* e *internet*.

Consideramos que a divulgação em escolas públicas, parceiros representantes de outros estados, de equipamentos públicos, instituições do terceiro setor, bem como um tempo maior de disponibilização do questionário nas mídias poderiam favorecer maior diversidade da amostra.

Como apontado anteriormente, compreendemos que as implicações do distanciamento social dependem dos contextos de vida de cada pessoa e as características socioeconômicas, condições de moradia, acesso a recursos e rede de apoio são importantes fatores de influência (SILVA; ALMEIDA, 2020; NCPI, 2020; WHO, 2020a; OECD, 2020; UNICEF, 2020a).

Esta observação se faz importante como forma de contextualização e reconhecimento dos locais de fala, levando em conta que as discussões seguintes neste estudo estarão associadas às características de uma amostra em que a maior parte recebe entre 6 e 12 salários-mínimos, e um total de 82,3% (somando os dados de ensino superior completo e pós graduação) possuem ensino superior.

Sobre o grau de parentesco, a maioria (91,2%) mães, motivo de referirmos “as respondentes”, refletimos sobre os papéis desempenhados por elas, representados inclusive no interesse e disponibilidade de responder o questionário.

Macedo (2020) reflete que a desigualdade de gênero quanto à divisão do trabalho doméstico e de cuidado com os filhos, ainda que já fizesse parte da rotina anterior à pandemia, foi acentuada para as mulheres no confinamento familiar, causando prejuízos ao



protagonismo profissional ou de outras ocupações significativas e realizadoras para elas e trazendo riscos à sua saúde mental.

Insfran e Muniz (2020), discutem que além das dificuldades relacionadas ao distanciamento social, tais medidas impuseram um duro afastamento das redes de apoio, como as escolas, creches, avós, cuidadoras, consideradas por elas como fundamentais à realização e manutenção das atividades de trabalho. Assim, ressaltam a condição de precariedade e sobrecarga, ainda que reconhecendo seus próprios privilégios de classe e território, de toda a diversidade de raças, origens, classes e sexualidades das mães que estão vivendo este período.

As autoras apontam que as obrigações no âmbito doméstico, comumente desvalorizadas ou subvalorizadas, são vistas pela sociedade como majoritariamente de responsabilidade das mulheres, as quais impõe renúncias às outras esferas da vida. No contexto da pandemia, acentua-se esta sobrecarga, sobretudo para mulheres negras, pobres, mães solo e/ou em condições precárias de trabalho e existência. Citam ainda iniciativas espontâneas, grupos de apoio em redes sociais, profissionais liberais da saúde e assistência, voluntários no apoio às mães neste período (INSFRAN; MUNIZ, 2020).

Lima e Mores (2020) destacam as circunstâncias extremas de mulheres sobrecarregadas com a dinâmica da família nuclear, provavelmente heterossexual, implicando no trabalho doméstico, de cuidado ininterrupto e pouco compartilhado, sem ou com rede de apoio limitada. Elas identificam a sobrecarga de cuidado e trabalho doméstico como um dos efeitos mais imediatos da pandemia, apresentando o estudo “Sem parar: o trabalho e a vida das mulheres na pandemia” desenvolvido pelas organizações Gênero e Número em parceria com a Sempre Viva Organização Feminista. A pesquisa contou com 2.641 respondentes e constatou que 50% das mulheres, desde o início da pandemia no Brasil, passaram a cuidar de alguém, que 58% das brasileiras desempregadas são negras e 41% das mulheres que conseguiram continuar trabalhando nesse período afirmaram que passaram a trabalhar mais (SEMPRE VIVA ORGANIZAÇÃO FEMINISTA, 2020).

Nesses contextos, Dell’aglio e Machado (2020) problematizam a diferença de gênero que designa, social e historicamente, as tarefas domésticas e o cuidado. No entanto, mostram que a diferença está diretamente atravessada por marcadores de classe e de raça e reconhecem, no contexto do distanciamento social, a necessidade de objetivar de quem e para quem se está falando, considerando os privilégios destacados, também nesta pesquisa, como os serviços privados de educação, o acesso a serviços de prestadores como porteiros, diaristas. Aqui também se discute o apoio de vizinhos ou parentes no cuidado com crianças, que seria

uma quebra de isolamento, possivelmente entendido como errado ou imoral, mas que acontece, por vezes, como única possibilidade.

Entretanto destaca-se que esta discussão não se trata de uma comparação entre classes sociais, raças ou gêneros, tampouco uma deslegitimação dos enfrentamentos de todos, mas de reconhecer que “trabalhar em casa” enquanto se cuida de crianças e da casa não é uma opção para a maior parte das mulheres (DELL’AGLIO; MACHADO, 2020).

## **5.2 Mudanças percebidas pelas respondentes, nas ocupações e rotinas de crianças durante o distanciamento social**

Considerando o perfil das famílias participantes deste estudo, bem como de seus enfrentamentos e possibilidades, buscamos analisar e discutir as mudanças, percebidas pelas respondentes, nas ocupações e rotinas de crianças durante este período.

Partindo de uma reflexão sobre o significado e o valor que as famílias atribuem às ocupações e ao aprendizado delas, sobre como qualificam a importância do envolvimento das crianças em ocupações familiares, retomamos o contexto das mães e dos adultos cuidadores com a definição da AOTA (2020). Nesta, as ocupações são frequentemente compartilhadas e realizadas em conjunto, podendo ser chamadas de co-ocupações, nomenclatura na qual se encaixa a ocupação de cuidado, tanto de quem oferece, quanto de quem recebe. Como exemplo, as rotinas interativas de comer, alimentar, dar conforto e outros fazeres recíprocos e interativos.

Assim, acreditamos que discutir as mudanças nas ocupações e rotinas das crianças requer reconhecer a relação das ocupações infantis com as crianças e seus ambientes e, portanto, os contextos e as relações em que elas se estabelecem, os agentes de cuidado.

Lembramos que foram sinalizadas, enquanto maiores desafios dos adultos, relacionados às emoções foram ter paciência, manter-se calmo, ansiedade, manter regras e limites e não ceder ou manejar comportamentos de birra.

Para as crianças, as mudanças nas emoções e comportamentos apareceram como destaque nas pontuações gerais (Figura 7) de “muitos desafios” (40,9%, a maior porcentagem) e de “alguns desafios” (24,7%, em terceiro lugar). Na seção sobre este tema (Figura 18), especificou-se ansiedade, dificuldade em esperar algo, agitação, dificuldade em lidar com frustrações, dificuldade em aceitar regras e limites, birra, medo e dificuldade em acalmar-se.

Observamos nos resultados que, ainda que com as possibilidades de ocupações reduzidas, mudanças nas rotinas, e desafios intensos relacionados às emoções e à saúde

mental das crianças e seus cuidadores, principalmente das mães, as famílias também identificaram oportunidades de maior participação e qualidade nas interações, destacando a participação das crianças nas tarefas e atividades domésticas e o fortalecimento dos vínculos familiares. Também se identificou a família como principal fonte de suporte emocional.

Para esta discussão retomamos a relação entre a família e o desenvolvimento ocupacional estabelecida por Darlington e Rodger (2006), na qual se reconhece a importância central dos rituais, rotinas e crenças familiares e da impossibilidade de existir de forma independente e nem de suprir os cuidados do outro da mesma forma (DARLINGTON; RODGER, 2006).

Dell'aglio e Machado (2020) utilizam do conceito de interdependência no contexto da pandemia para enfatizar o quanto estamos conectados com pessoas de todas as idades e o como um trabalho de cuidado não se faz sozinho. Nessa perspectiva, defendem que a expectativa das crianças se tornarem independentes é falha porque os adultos cuidadores também não são, uma vez que este trabalho (de cuidado) se faz em rede e não sozinho. Uma rede formada por políticas públicas, como a escola, a limpeza urbana, praças e espaços de convivência, por serviços prestados por contratação (que podem evidenciar a desigualdade) ou pelas relações de proximidade, troca de favores, vizinhança, amizades, famílias, também trazido por Darlington e Rodger (2006), como os apoios formais e informais.

Portanto, compreendemos que as famílias, centrais no desenvolvimento da criança e de suas ocupações, à medida que oferecem oportunidades de participação para as crianças a partir dos vínculos, papéis e rotinas que desempenham, oferecem suporte emocional e motivação para o desenvolvimento de seus membros.

Esta discussão também nos permite reconhecer que as estratégias para os enfrentamentos nos momentos de crise podem ser direcionadas ao fortalecimento de vínculos familiares e na ampliação e fortalecimento de sua rede de suporte.

Assim, reafirma-se importância do poder público, enquanto responsável na manutenção e ampliação de medidas de proteção social, do acesso a cuidados de saúde, nutrição, apoio empregos e empregadores, na provisão de suporte às famílias para os cuidados e proteção das crianças (CENTER ON DEVELOPING CHILD, 2020 a,b; SHONKOFF, 2020; UNICEF, 2020a).

### 5.3 Oportunidade de participação nas ocupações familiares

Sobre as rotinas familiares e ofertas de oportunidades de participação nas ocupações, destacamos os dados encontrados dentre os “muitos desafios”, sobre o sono e alimentação.

Nas mudanças específicas em relação ao sono, a principal foi relacionada às mudanças de horário. Sobre a alimentação, destacamos os itens “participando no preparo dos alimentos ou refeições”, “participando das refeições em família”.

Para “muitos ganhos” a maior pontuação encontrada foi relacionada ao brincar, seguido de compreensão e comunicação e uso de roupas e uso do banheiro. E para “alguns ganhos” encontramos a maior pontuação em compreensão e comunicação, higiene, uso de roupas.

Para higiene e uso de roupas, destacamos os ganhos relacionados à independência para vestir-se, despir-se e início de tentativas para vestir-se, também destacado na independência do uso do banheiro, para limpar-se sozinha.

Seguindo este raciocínio, acrescenta-se que incentivar a criança a ser mais independente enquanto estratégia para o enfrentamento dos desafios foi um item destacado, com 73,2%, também sinalizado nas perguntas abertas que referiam percepções de desenvolvimento de habilidades, autonomia e independência das crianças.

A oferta de oportunidades e incentivo para a participação nas ocupações estão relacionadas com a compreensão das famílias sobre a competência das crianças, sobre a relevância das experiências e também suas preferências e hábitos, também influenciados por fatores socioeconômicos (DEGRACE, 2003; DUNST; HAMBY; SNYDER, 2009; LAW et al., 2006; MULLIGAN, 2012; SHEPHERD, 2012).

Retomando os apontamentos de Mulligan (2012), o brincar, ocupação central na infância, nesta idade começa a ser desempenhado de forma mais compartilhada e elaborada, em razão do desenvolvimento de habilidades de linguagem, imaginação, habilidades motoras, destacando-se os interesses nos papéis sociais e ocupacionais, o envolvimento em jogos com regras, cooperação e competição, o brincar com construções e produtos finais, como pintar, montar, projetos artesanais e se envolver em ocupações de lazer sedentárias, como o uso de eletrônicos. A percepção e disponibilidade de cada família sobre esta ocupação influenciará a forma como apoiam este brincar (MULLIGAN, 2012).

Nesta pesquisa, os resultados sobre o brincar, mostraram uma percepção de brincadeira de faz de conta mais elaborada e que as crianças têm explorado e criado mais possibilidades. Refletimos, então, considerando as mudanças de rotina, ao ganho de tempo e ao

fortalecimento de vínculos familiares, também mostrados nos resultados, podem influenciar tanto a percepção quanto a disponibilidade dos adultos responsáveis, ainda que reconhecendo os desafios deste período.

O uso dos eletrônicos foi apontado como uso excessivo (56,7%) quando relacionado ao brincar nas questões fechadas, apontado como aumento do uso no geral na questão aberta, mas sua flexibilização (permitir que use mais) foi apontada como estratégia de enfrentamento, cerca de 65,5%.

Retomamos o olhar sobre a flexibilização do uso de eletrônicos para refletir sobre a preocupação dos adultos em relação ao tema, salientando que, seu uso supervisionado pelos pais, equilibrado durante as rotinas diárias, pode consistir numa estratégia de bem-estar e desenvolvimento para as crianças e olhar flexível para este tema, pode desonerar os adultos em relação aos cuidados com o tempo de tela, direcionando sua atenção ao conteúdo e experiências.

As rotinas foram citadas tanto como estruturantes para o desenvolvimento das ocupações, participação de crianças e para o bem-estar das famílias, quando destacadas em diversos momentos do questionário, como prejudiciais à organização, bem-estar e oportunidades, quando instáveis ou esvaziadas de significado e propósito. Quando questionadas sobre as estratégias, tentar manter uma rotina com horários de sono, refeições e brincadeiras foi sinalizada por 66,8% das respondentes. Já nas perguntas abertas, encontramos 5,2% de respostas considerando a importância da organização das rotinas no enfrentamento aos desafios do distanciamento social (5,2%).

Hughes-Scholes e Gavidia-Payne (2016) consideram que as famílias são fundamentais na promoção do desenvolvimento das crianças, pois as rotinas oferecidas por elas, promovem oportunidades de aprendizagem, para que as crianças adquiram e refinem habilidades e relacionem consequências de seus comportamentos.

Ziviani, Desha e Rodger (2006) consideram a sincronia de ritmos cronobiológicos internos com padrões de atividades como potencialmente promotora do equilíbrio ocupacional e mudanças de ritmo por eventos de vida intencionais ou não (mudanças de turno de trabalho ou nascimento de uma criança) podem causar impactos e perturbações dos ritmos sociais, ciclos circadianos e ciclos de sono-vigília, podendo levar a prejuízos na saúde mental. Assim, considera-se pertinente examinar as mudanças sociais, econômicas e tecnológicas que ocorrem atualmente para investigar seu impacto sobre o equilíbrio ocupacional (ZIVIANI; DESHA; RODGER, 2006).

Maximino e Tedesco (2016) apontam que diversas situações podem alterar as rotinas e que comumente assumimos mudanças nas rotinas baseadas em motivações que tenham cargas afetivas, como por um relacionamento afetivo ou mudanças no trabalho, mas que os sentimentos com que essas alterações são vivenciadas podem variar, como alegria e/ou desespero, cansaço e/ou energia. O desenvolvimento de rotinas demanda uma mediação entre exigências externas, como horários de trabalho, e internas, como fazer escolhas, associadas às percepções, crenças e desejos (MAXIMINO; TEDESCO, 2016).

No que diz respeito às exigências externas, as autoras problematizam que as rotinas impostas e prescritas, distanciadas das necessidades e desejos das pessoas, podem gerar, além de muito sofrimento, um abandono da própria capacidade de reconhecer seus desejos e necessidades. Assim, caracterizam uma alienação, em que uma pessoa desempenha seus papéis ocupacionais adequadamente, porém sem autonomia, sem perceber sentido (MAXIMINO; TEDESCO, 2016)

Trazendo para o contexto deste estudo, podemos pensar na imposição externa das mudanças de rotinas a partir do distanciamento, e nas estratégias para o estabelecimento de rotinas que surgem como receitas, quase impostas, atravessando a subjetividade, os desejos, necessidades e possibilidades, criando barreiras e distanciamentos e até mesmo culpa por não alcançar determinada organização.

No que diz respeito ao papel do terapeuta ocupacional no âmbito das rotinas, o que podemos transpor para as rotinas durante o distanciamento social, Maximino e Tedesco (2020) legitimam a importância de uma percepção ampliada, de manifestar interesse em conhecer, dar importância e escuta sobre como as pessoas vivem e organizam seus dias, de onde derivam suas experiências. Para as autoras, a vida acontece, de fato, na trama das rotinas, daí a necessidade de criar oportunidades para experimentar, fazer diferente, não na lógica da reprodução, mas na lógica da produção, da constante construção pessoal e social, do aprendizado em ação e do fazer compartilhado.

#### **5.4 Mudanças nas rotinas e ocupações escolares e o papel ocupacional de estudante**

Caracterizando as mudanças nas rotinas e ocupações escolares das crianças, refletimos a respeito da ocupação escolar e do papel ocupacional de estudante.

Foi constatado que quase todas as crianças estavam matriculadas em escola regular (98,8%), a maioria do tipo particular (73,5%) e que cerca de 90% realizavam atividades

escolares no período de distanciamento social. Dentre as atividades escolares desenvolvidas no período de pandemia, as principais foram as atividades enviadas pela escola para fazer em livros ou cadernos, atividades online e aulas por vídeo. A realização de atividades escolares foi classificada por 35,1% com “muitos desafios” e por 30,2% com “alguns desafios”.

Especificando as mudanças neste tema, destacamos a percepção da falta de motivação, interesse e atenção da criança, também referidos nas respostas de texto, da dificuldade em manter a atenção, o fortalecimento de vínculos familiares, envolvimento dos adultos nas atividades, falta de tempo dos adultos para acompanhar as crianças nas tarefas.

Nas perguntas abertas o conteúdo relacionado a este tema envolveu o sentimento de saudade de professores e amigos e da própria escola, os impactos da falta da rotina escolar, a diminuição de participação em algumas atividades oferecidas pela escola e as oportunidades de aprendizagem e desenvolvimento oferecidas pelas rotinas e atividades escolares.

Estes resultados podem ser reforçados pelas discussões de Folha (2019), que reconhece a participação nas ocupações infantis na escola como essenciais para o crescimento e desenvolvimento das crianças, pois possibilitam, além do desenvolvimento de habilidades, o envolvimento em atividades compartilhadas, a expressão de sentimentos e construção de significados, enquanto desempenha seu primeiro papel ocupacional como estudante, nas oportunidades ocupacionais da rotina escolar e nos contextos naturais de vida da criança.

A partir deste referencial, também discutido por Mulligan (2012), podemos perceber que as ocupações escolares e o papel de estudante nesta fase pré-escolar, estão muito mais relacionadas à conquista da autonomia e independência, ao estabelecimento de novos vínculos e rotinas que extrapolam o ambiente e o convívio familiar e da oportunidade de desempenhar novos papéis ocupacionais, do que propriamente com a responsabilidades exacerbadas, cobranças com conteúdo e desempenho.

Outros estudos também discorrem sobre as ocupações escolares, enquanto similares às desenvolvidas em casa, ainda que com suas especificidades e que o papel de estudante compreende um conjunto de tarefas, funções motivações e expectativas, em que as crianças seguem rotinas, regras, se percebem como integrantes de um grupo tendo como o objetivo principal participar da aprendizagem formal e informal (MULLIGAN, 2012; CHAPPARO; LOWE, 2012).

Lembramos aqui do conceito de privação ocupacional no contexto escolar (FOLHA, 2019), a partir do qual a restrição no acesso às atividades escolares, podem se constituir em barreiras e impactar o desenvolvimento infantil e saúde mental de crianças (FOLHA, 2019).

A autora ressalta que é necessário levar em conta o contexto cultural ao qual pertence a escola, a agenda política e os ambientes físico e social nos quais ocorrem as práticas educacionais (FOLHA, 2019), reforçando a ideia de que as influências da interrupção das aulas presenciais e do distanciamento social serão diferentes a depender destas variáveis.

Assim, podemos refletir que, ainda que com desafios percebidos pelos adultos relacionados à disponibilidade de tempo e às habilidades requeridas para acompanhar as atividades escolares, sinalizou-se as oportunidades para participar do desenvolvimento escolar, bem como o fortalecimento de vínculos. Ao mesmo tempo, podemos perceber que o papel ocupacional de estudante não foi desempenhado com todas as suas características, considerando a redução do contato com os pares, educadores e a participação de ocupações no ambiente escolar.

Também relacionamos que os apontamentos quanto à convivência e interação social em “muitos desafios” (34,5%) e “alguns desafios” (25,3%), com grande destaque na seção específica para sentimento de falta de familiares ou pessoas com quem convivia (66,5%), que podemos ampliar para os convívios escolares. Nas perguntas abertas encontramos que 17,1% de menções sobre o impacto negativo causado pela falta de contato e interação social com os pares, referindo que as crianças sentem falta dos amigos.

Tunes e Prestes (2020) apontaram as relações de convivência que se estabelecem na coletividade escolar como fonte e fundamento do processo de desenvolvimento cultural da criança. Estas relações, descritas como livres e espontâneas, são heterogêneas à medida que as crianças se diferenciam em termos de competência em cada domínio.

Assim, as mesmas questionam de que forma o ensino remoto, durante a pandemia, pode propiciar as condições para ajudar a criança pequena, qual a probabilidade de uma criança com idade pré-escolar conversar com outra criança de forma livre e espontânea nas aulas remotas e qual a possibilidade de desenvolver, de forma remotas, relações de convivência.

Martins e Almeida (2020) apontam que as novas configurações propostas na educação, principalmente as que se baseiam em aparatos tecnológicos, podem prejudicar os grupos sociais que não têm acesso e dificultar que permaneçam estudando. Entretanto, reconhecem que estes recursos já vinham sendo utilizados e ganharam força na pandemia da Covid-19, podendo ter diversas repercussões. Uma delas foi destacada como a tecnologia promovendo as relações sociais, ainda que com o distanciamento físico, como discutido anteriormente, possibilitou que as práticas de sociabilidade fossem reinventadas e não interrompidas (MARTINS; ALMEIDA, 2020). A outra trata de uma repercussão a respeito da prática do



ensino remoto com enfoque no conteúdo, entendido por elas como um problema anterior há pandemia, de como muitos têm entendido a escola. Elas salientam que a escola é um lugar absolutamente insubstituível pautado em convivências e conversas, independentemente da forma que é oferecido. Retomam que o que constitui a educação online é apenas o uso das tecnologias digitais, que estas podem potencializar o processo educacional, mas ele também compreende interação, afeto, mediação docente, colaboração e construção conjunta. Ademais, convidam os profissionais a pensar as tecnologias enquanto via para potencializar debates, suporte emocional, encontrar soluções para problemas contemporâneos e apoiar os estudantes para lidar com as mudanças que estão por vir (MARTINS; ALMEIDA, 2020).

No entanto, para efetivação destas práticas, as autoras apontam as dificuldades relacionadas à desvalorização da profissão docente, dificuldades de saúde e a exclusão digital de grande parte da população do Brasil, estas em maior potência, com o início da pandemia (MARTINS; ALMEIDA, 2020).

A identificação dos professores como principal fonte de informação sobre o desenvolvimento das crianças durante o período de distanciamento social é fundamental para discutirmos sua valorização de seus papéis enquanto figuras de referência, não apenas para as crianças, mas para suas famílias. Também podemos refletir que o afastamento da escola, neste sentido, também é sentido pela família.

Corroborando com estes dados, Martins e Almeida (2020) também explicitam que os professores mantiveram com seus processos de socialização, implantando diferentes iniciativas educacionais. Elas enfatizam o papel primordial do professor na criação de invenções cotidianas subversivas à lógica massiva imposta e valorizando-os enquanto atores importantíssimos no processo de transformação da educação e admitindo a necessidade de valorizar esse papel, principalmente com investimento na formação docente.

Reconhecem ainda que pensar a educação como um todo, é pensar num processo em rede que todos possam ser atores e autores, ou seja, agir e criar em diferentes momentos (MARTINS; ALMEIDA, 2020).

## 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo teve como objetivo analisar, sob a perspectiva de responsáveis, a influência do distanciamento social na participação de crianças de 4 a 6 anos em suas ocupações e rotinas, bem como identificar os recursos disponíveis e utilizados pelas famílias para apoiar e promover a participação neste contexto.

Mostrou-se, por meio dos resultados, que o alcance da pesquisa acarretou num grupo de participantes pouco heterogêneo, reconhecido enquanto limitação do estudo, todavia impulsionando discussões acerca das rotinas e ocupações das crianças e famílias.

Embora as mudanças de rotina possam ter restringido as oportunidades de ocupações, elas (as rotinas) foram abordadas como estruturantes para a participação das ocupações. Sobre as famílias, centrais na construção e sustentação das rotinas, influenciadas pelos contextos socioeconômico e cultural, apontou-se a sobrecarga das mães com as tarefas domésticas, de trabalho e o cuidados com os filhos, sobre a saúde mental de adultos e crianças e sobre o fortalecimento de vínculos, em que os respondentes identificaram oportunidades para acompanhar o desenvolvimento global de suas crianças, bem como observaram ganhos na autonomia, independência e na participação em tarefas domésticas como o preparo de refeições.

Sobre a ocupação escolar e o papel de estudante percebido pelas crianças e famílias, discutiu-se sobre as mudanças relacionadas ao desempenho desta ocupação, sobre as influências prejudiciais da redução do contato social com pessoas da escola, sobre os desafios das mães e pais em acumular tarefas e acompanhar as aulas, mas também sobre as possibilidades de acompanhar as crianças, de participar de seu desenvolvimento escolar.

Sobre as principais redes de apoio e informação encontradas pelas famílias, discutiu-se o papel do professor enquanto principal fonte de informação identificada pela família e sobre esta enquanto principal apoio emocional.

Almeja-se que, enquanto estudiosos das ocupações, possamos reconhecer e valorizar as rotinas e os contextos naturais e favorecer com que as crianças e suas famílias encontrem sentido e propósito nas suas ocupações, intervindo numa construção conjunta e não como uma orientação padronizada a ser seguida.

Sugere-se que estudos futuros possam alcançar maior heterogeneidade dos participantes como pesquisas sobre outras faixas etárias e socioeconômicas, alcance de crianças em escolas públicas, enfoque em discussões de gênero incluindo a sobrecarga materna e escuta da percepção das crianças enquanto protagonistas deste processo.

## REFERÊNCIAS

AMERICAN OCCUPATIONAL THERAPY ASSOCIATION (AOTA). Occupational Therapy Practice Framework: Domain and Process. **American Journal of Occupational Therapy**, Bethesda, v. 74, n. 2, p.7412410010, 2020. <https://doi.org/10.5014/ajot.2020.74S2001>.

BAKRANIA, S. et al. **Impacts of Pandemics and Epidemics on Child Protection: Lessons learned from a rapid review in the context of COVID-19**. Florence: UNICEF Office of Research – Innocenti, 2020. Disponível em: <<https://euagenda.eu/upload/publications/wp-2020-05-working-paper-impacts-pandemics-child-protection.pdf.pdf>>. Acesso em: 05 jan. 2021.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2016.

BRADBURY-JONES, C.; ISHAM, L. The pandemic paradox: the consequences of COVID-19 on domestic violence. **Journal of clinical nursing**, Oxford, v. 29, n. 13-14, p. 2047-2049, 2020. <https://doi.org/10.1111/jocn.15296>.

BRASIL. Lei nº 13.982, de 2 de abril de 2020. Altera a Lei nº 8.742, de 7 de dezembro de 1993, para dispor sobre parâmetros adicionais de caracterização da situação de vulnerabilidade social para fins de elegibilidade ao benefício de prestação continuada (BPC), e estabelece medidas excepcionais de proteção social a serem adotadas durante o período de enfrentamento da emergência de saúde pública de importância internacional decorrente do coronavírus (Covid-19) responsável pelo surto de 2019, a que se refere a Lei nº 13.979, de 6 de fevereiro de 2020. *Diário Oficial da União*, Brasília, 2 abr. 2020. Disponível em: <<http://www.in.gov.br/en/web/dou/-/lei-n-13.982-de-2-de-abril-de-2020-250915958>>. Acesso em: 06 maio 2020.

BRASIL. Lei nº 13.987, de 7 de abril de 2020. Altera a Lei nº 11.947, de 16 de junho de 2009, para autorizar, em caráter excepcional, durante o período de suspensão das aulas em razão de situação de emergência ou calamidade pública, a distribuição de gêneros alimentícios adquiridos com recursos do Programa Nacional de Alimentação Escolar (Pnae) aos pais ou responsáveis dos estudantes das escolas públicas de educação básica. *Diário Oficial da União*, Brasília, 7 abr. 2020. Disponível em: <<http://www.in.gov.br/en/web/dou/-/lei-n-13.987-de-7-de-abril-de-2020-251562793>>. Acesso em: 06 maio 2020.

BRASIL. Medida provisória nº 934, de 1 de abril de 2020. Estabelece normas excepcionais sobre o ano letivo da educação básica e do ensino superior decorrentes das medidas para enfrentamento da situação de emergência de saúde pública de que trata a Lei nº 13.979, de 6 de fevereiro de 2020. *Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil*, Brasília, 7 abr. 2020. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2019-2022/2020/Mpv/mpv934.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2019-2022/2020/Mpv/mpv934.htm)>. Acesso em: 06 maio 2020.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular (BNCC)**. Brasília, 2018. Disponível em: <<http://basenacionalcomum.mec.gov.br>>. Acesso em: 23 ago. 2020.

BRASIL. Ministério da Educação. **CNE aprova diretrizes para escolas durante a pandemia.** Brasília, 2020b. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/busca-geral/12-noticias/acoes-programas-e-projetos-637152388/89051-cne-aprova-diretrizes-para-escolas-durante-a-pandemia>>. Acesso em: 06 maio 2020.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Brasil confirma primeiro caso da doença.** Brasília, 2020a. Disponível em: <<https://www.gov.br/pt-br/noticias/saude-e-vigilancia-sanitaria/2020/02/brasil-confirma-primeiro-caso-do-novo-coronavirus>>. Acesso em: 20 abr. 2020.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Plano de Contingência Nacional para Infecção Humana pelo novo Coronavírus COVID-19.** Centro de Operações de Emergências em Saúde Pública COE-COVID-19. Brasília, 2020. Disponível em: <<https://portalarquivos2.saude.gov.br/images/pdf/2020/fevereiro/13/plano-contingencia-coronavirus-COVID19.pdf>>. Acesso em: 02 abr. 2020.

BRASIL. Ministério da Saúde. Portaria nº 188, de 3 de fevereiro de 2020. Declara Emergência em Saúde Pública de importância Nacional (ESPIN) em decorrência da Infecção Humana pelo novo Coronavírus (2019-nCoV). *Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil*, Brasília, 3 fev. 2020. Disponível em: <<https://www.in.gov.br/en/web/dou/-/portaria-n-188-de-3-de-fevereiro-de-2020-241408388>>. Acesso em: 05 jan. 2021.

BRASIL. Ministério da Saúde. Portaria nº 454, de 20 de março de 2020. Declara, em todo o território nacional, o estado de transmissão comunitária do coronavírus (covid-19). *Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil*, Brasília, 20 mar. 2020. Disponível em: <<http://www.in.gov.br/en/web/dou/-/portaria-n-454-de-20-de-marco-de-2020-249091587>>. Acesso em: 06 maio 2020.

CENTER ON DEVELOPING CHILD. **How to Support Children (and Yourself) During the COVID-19 Outbreak.** Harvard University: Center on Developing Child, 2020b. Disponível em: <<https://developingchild.harvard.edu/resources/how-to-support-children-and-yourself-during-the-covid-19-outbreak/>>. Acesso em: 28 out. 2020.

CENTER ON DEVELOPING CHILD. **What Is COVID-19? And How Does It Relate to Child Development?** Harvard University: Center on Developing Child, 2020a. Disponível em: <<https://developingchild.harvard.edu/resources/what-is-covid-19-and-how-does-it-relate-to-child-development/>>. Acesso em: 28 out. 2020.

CHAPPARO, C.; HOOPER, E. Self-care at school: Perceptions of six-year-old children. *American Journal of Occupational Therapy*, Bethesda, v. 59, n. 1, p. 67–77, 2005.

CHAPPARO, C.; LOWE, S. School: participating in more than just the classroom. In: LANE, S.J.; BUNDY, A. C. **Kids can be kids: a childhood occupations approach.** Philadelphia: F.A. Davis Company, 2012. p. 83-100.

CORRÊA, V. A. C.; NASCIMENTO C. A. V.; OMURA K. M. Isolamento social e ocupações. *Rev. Interinst. Bras. Ter. Ocup.*, Rio de Janeiro, v. 4, n. 3, p. 351-369, 2020.

Disponível em: <<https://revistas.ufrj.br/index.php/ribto/article/view/34486>>. Acesso em: 05 jan. 2021.

DARLINGTON, Y.; RODGER, S. Families and Children's occupational performance. In: RODGER, S.; ZIVIANI, J. **Occupational Therapy with children: understanding children's occupations and enabling participation**. Malden: Blackwell Publishing, 2006. p. 22-40.

DAVIS, J.; POLATAJKO, H. Occupational development of children. In: RODGER, S.; ZIVIANI, J. **Occupational Therapy with children: understanding children's occupations and enabling participation**. Malden: Blackwell Publishing, 2006. p. 136-157.

DEGRACE, B. W. Occupation-based and family-centered care: a challenge for current practice. **American Journal Occupational Therapy**, Bethesda, v. 57, p. 347-350, 2003.

DELL'AGLIO, D. D.; MACHADO, P. S. Cuidado, Branquitude e interdependência: Responsabilidades em tempos de isolamento social. **Inter-Legere**, Porto Alegre, v. 3, n. 28, p.1-20, 2020.

DUNST, C. J.; HAMBY, D.; SNYDER, D. Preschool children's emerging participation in leisure and recreation activities. **World Leisure Journal**, Hong Kong, v. 51, n.4, p. 219-228, 2009. <https://doi.org/10.1080/04419057.2009.9674601>.

END VIOLENCE AGAINST CHILDREN - EVAC. **Protecting Children During the Covid-19 Outbreak**. [s.l.], 2020. Disponível em: <<https://www.end-violence.org/protecting-children-during-covid-19-outbreak>>. Acesso em: 19 out. 2020.

FLICK, U. **Introdução à metodologia de pesquisa**. Porto Alegre: Penso, 2013.

FOLHA, D. S. R. C. **Uma perspectiva ocupacional da educação escolar: Participação de crianças na educação infantil e implicações para a Terapia Ocupacional**. 2019. 237f. Tese (Doutorado) - Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2019.

FOLHA, D. R. S. C.; DELLA BARBA, P. C. S. Produção de conhecimento sobre terapia ocupacional e ocupações infantis: uma revisão de literatura. **Cadernos Brasileiros de Terapia Ocupacional**, São Carlos, v. 28, n. 1, p. 227-245, 2020. <https://doi.org/10.4322/2526-8910.ctoAR1758>.

GELDSETZER, P. Use of Rapid Online Surveys to Assess People's Perceptions During Infectious Disease Outbreaks: A Cross-sectional Survey on COVID-19. **Journal of medical Internet research**, Toronto, v. 22, n. 4, p. e18790, 2020. Disponível em: <<https://search.bvsalud.org/global-literature-on-novel-coronavirus-2019-ncov/resource/en/covidwho-31395>>. Acesso em: 17 abr. 2020.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 2002.

HUGHES-SCHOLES, C. H.; GAVIDIA-PAYNE, S. Development of a Routines-Based Early Childhood Intervention model. **Educ. Rev.**, Curitiba, n. 59, p. 141-154, 2016. <http://dx.doi.org/10.1590/0104-4060.44616>.

INSFRAN, F.; MUNIZ, A. G. C. R. Maternagem e Covid-19: desigualdade de gênero sendo reafirmada na pandemia. **Diversitates International Journal**, Rio de Janeiro, v. 12, n. 2, p. 26-47, 2020. Disponível em: <<http://www.diversitates.uff.br/index.php/1diversitates-uff1/article/view/314/248>>. Acesso em: 18 jan. 2021.

JIAO, W. Y. et al. Behavioural and Emotional Disorders in Children during the COVID-19 Epidemic. **The Journal of Pediatrics in press**, St. Louis, v. 221, p. 264-266, 2020. <https://doi.org/10.1016/j.jpeds>.

LANE, S. J. Occupation and Participation: the heart of pediatric occupational therapy: Kids want to do things. In: LANE, S. J.; BUNDY, A. C. **Kids can be kids: a childhood occupations approach**. Philadelphia: F.A. Davis Company, 2012. p. 3-9.

LAW, M. et al. Participation of children in school and community. In: RODGER, S.; ZIVIANI, J. Occupational. **Therapy with children: understanding children's occupations and enabling participation**. Malden: Blackwell Publishing, 2006. p. 67-90.

LIMA, A. L. M.; MORAES, L. L. A pandemia de COVID-19 na vida de mulheres brasileiras: emergências, violências e insurgências. **Inter-Legere**, Lagoa Nova, v. 3, n. 28, p. c22568, 2020. Disponível em: <<https://periodicos.ufrn.br/interlegere/article/view/22562/13192>>. Acesso em: 18 jan. 2021.

LIN, T. T.; FISHER, G. Applying the Model of Human Occupation During the Pandemic Stay-at Home Order. **The Open Journal of Occupational Therapy**, Kalamazoo, v. 8, n. 4, p. 1-7, 2020. <https://doi.org/10.15453/2168-6408.1770>

LINHARES, M. B. M.; ENUMO, S. R. F. Reflexões baseadas na Psicologia sobre efeitos da pandemia COVID-19 no desenvolvimento infantil. **Estudos de Psicologia**, Campinas, v. 37, e200089, 2020. <https://doi.org/10.1590/1982-0275202037e200089>.

MACEDO, S. Ser mulher trabalhadora e mãe no contexto da pandemia COVID-19: tecendo sentidos. **Rev. Nufen**, Belém, v. 12, n. 2, p. 187-204, 2020. Disponível em: <[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S2175-25912020000200012&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2175-25912020000200012&lng=pt&nrm=iso)>. Acesso em: 18 jan. 2021.

MAGALHÃES, L. Ocupação e atividade: tendências e tensões conceituais na literatura anglófona da terapia ocupacional e da ciência ocupacional. **Cadernos de Terapia Ocupacional da UFSCar**, São Carlos, v. 21, n. 2, p. 253-263, 2013.

MANDICH, A.; RODGER, S. Doing, being and becoming: their importance for children. In: RODGER, S.; ZIVIANI, J. **Occupational Therapy with children: understanding children's occupations and enabling participation**. Malden: Blackwell Publishing, 2006. p. 115-135.

MANZINI, E. J. **Análise de entrevista**. Marília: ABPEE, 2020.

MARCONI, M. A.; LAKATOS, E. M. **Fundamentos de metodologia científica**. São Paulo: Atlas, 2005.

MARTINS, V.; ALMEIDA, J. Educação em tempo de pandemia no Brasil: saberesfazeres escolares em exposição nas redes e a educação on-line como perspectiva. **Revista Docência e Cibercultura**, Rio de Janeiro, v. 4, n. 2, p. 215-224, 2020. Disponível em: <<https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/re-doc/article/view/51026>>. Acesso em: 21 jan. 2021.

MAXIMINO, V. S.; TEDESCO, S. Rotina, Hábitos, Cotidiano: no banal e no sutil, a trama da vida. In: MATSUKURA, T, S.; SALLES, M. M. (Org.). **Cotidiano, atividade humana e ocupação: perspectivas da Terapia Ocupacional no campo da saúde mental**. São Carlos: EDUFSCAR, 2016. p. 13-34.

MCWILLIAM, R. A. M.; HORNSTEIN, S. **Measure of engagement, independence, and social relationships (MEISR)**. Nashville: Vanderbilt University, 2007.

MCWILLIAM, R. A. M.; YOUNGGREN, N. **Measure of engagement, independence, and social relationships (MEISR): manual**. United States: Paul H. Brookes Publishing Co, 2019b.

MCWILLIAM, R. A. M.; YOUNGGREN, N. **Webinar Using the (MEISR™)**. (1h00m59s), Brookes Publishing, 2019a Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=8DsbzhVdQiE>>. Acesso em: 12 ago. 2020.

MULLIGAN, S. Preschool: I'm learning now! In: LANE, S. J.; BUNDY, A. C. **Kids can be kids: a childhood occupations approach**. Philadelphia: F.A. Davis Company, 2012. p. 63-82.

NÚCLEO CIÊNCIA PELA INFÂNCIA (NCPI). **Edição Especial: repercussões da pandemia de COVID-19 no desenvolvimento infantil**. São Paulo: Fundação Maria Cecília Souto Vidigal, 2020. Disponível em: <<http://www.ncpi.org.br>>. Acesso em: 11 maio 2020.

ORGANISATION FOR ECONOMIC CO-OPERATION AND DEVELOPMENT (OECD). **Combatting COVID-19's effect on children**. OECD, 2020. Disponível em: <[https://read.oecd-ilibrary.org/view/?ref=132\\_132643-m91j2scsyh&title=Combatting-COVID-19-s-effect-on-children](https://read.oecd-ilibrary.org/view/?ref=132_132643-m91j2scsyh&title=Combatting-COVID-19-s-effect-on-children)>. Acesso em: 12 ago. 2020.

ORGANIZAÇÃO PAN- AMERICANA DA SAÚDE (OPAS); ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE (OMS). **Folha informativa COVID-19**. Brasil, 2021. Disponível em: <<https://www.paho.org/pt/covid19>>. Acesso em: 05 jan.2021.

PREM, K. et al. The effect of control strategies to reduce social mixing on outcomes of the COVID-19 epidemic in Wuhan, China: a modelling study. **The Lancet Public Health**, Oxford, v. 5, n. 5, p. e261-e270, 2020. Disponível em: <<https://search.bvsalud.org/global-literature-on-novel-coronavirus-2019-ncov/resource/en/covidwho-14920>>. Acesso em: 17 abr. 2020.

RIMMER, A. **How can I keep calm during self-isolation?** World Health Organization, 2020. Disponível em: <<https://search.bvsalud.org/global-literature-on-novel-coronavirus-2019-ncov/resource/en/covidwho-27658>>. Acesso em: 17 abr. 2020.

RITZ, D.; O'HARE, G.; BURGESS, M. **The Hidden Impact of COVID-19 on Child Protection and Wellbeing**. London: Save the Children International, 2020.

RODGER, S.; ZIVIANI, J. Children, their environments, roles and occupations in contemporary society. In: RODGER, S.; ZIVIANI, J. **Occupational Therapy with children: understanding children's occupations and enabling participation**. Malden: Blackwell Publishing, 2006. p. 3-21.

RUNDLE, A. G. et al. COVID-19 Related School Closings and Risk of Weight Gain Among Children. **Obesity**, Malden, v. 28, n. 06, p.1008-1009, 2020. Disponível em: <<https://search.bvsalud.org/global-literature-on-novel-coronavirus-2019-ncov/resource/en/covidwho-20778>>. Acesso em: 15 abr. 2020.

SAMPIERI, R. H.; COLLADO, C. F.; LUCIO, M. P. B. **Metodologia de pesquisa**. Porto Alegre: Penso, 2013.

SEMPRE VIVA ORGANIZAÇÃO FEMINISTA. **Sem parar: o trabalho e a vida das mulheres na pandemia**. Sempre Viva Organização Feminista, 2020. Disponível em: <<http://mulheresnapanemia.sof.org.br>>. Acesso em: 25 jan. 2021

SHEPHERD, J. Self-care: a primary occupation. In: LANE, S. J.; BUNDY, A. C. **Kids can be kids: a childhood occupations approach**. Philadelphia: F.A. Davis Company, 2012. p. 125-158.

SHONKOFF, J. P. **Stress, resilience, and the role of science: responding to the coronavirus pandemic**. Cambridge: Center on Developing Child, 2020. Disponível em: <<https://developingchild.harvard.edu/stress-resilience-and-the-role-of-science-responding-to-the-coronavirus-pandemic>>. Acesso em: 17 out. 2020.

SHONKOFF, J. P.; WILLIAMS, D. R. **Thinking about racial disparities in COVID-19: impacts through a science-informed**. Cambridge: Center on Developing Child, 2020. Disponível em: <<https://developingchild.harvard.edu/thinking-about-racial-disparities-in-covid-19-impacts-through-a-science-informed-early-childhood-lens>>. Acesso em: 04 maio 2020.

SILVA JUNIOR, M. **Distanciamento social ou distanciamento físico? qual a mensagem que queremos passar?** São Paulo: Associação Brasileira de Psicologia e Medicina Comportamental, 2020. Disponível em: <<https://www.emap.com.br/wp-content/uploads/2020/05/ABPMC-Comunidade-Distanciamento-social-ou-distanciamento-fisico--qual-a-mensagem-que-queremos-passar-Mauro-Silva-Junior-1.pdf>>. Acesso em: 05 jan. 2021.

SILVA, S. F. S.; ALMEIDA, T. Distanciamento Social. In: RODRIGUES, F. et al. **Enciclopédia discursiva da COVID-19**. São Carlos: Equipe de Curadoria Linguística do InformaSus-UFSCar, 2020. Disponível em: <<https://www.informasus.ufscar.br/enciclopedia-discursiva-da-covid-19/>>. Acesso em: 10 jan. 2020.

SOCIEDADE BRASILEIRA DE PEDIATRIA. **#Menos Telas #Mais Saúde: manual de orientação**. Sociedade Brasileira de Pediatria, 2019. Disponível em:



<[https://www.sbp.com.br/fileadmin/user\\_upload/\\_22246c-ManOrient\\_-\\_MenosTelas\\_\\_MaisSaude.pdf](https://www.sbp.com.br/fileadmin/user_upload/_22246c-ManOrient_-_MenosTelas__MaisSaude.pdf)>. Acesso em: 04 jan. 2021.

TUNES, E.; PRESTES, Z. A criança pré-escolar e o ensino remoto. In: INFRAN, F. N. N. et al. **Fraturas expostas pela pandemia**: escritos e experiências em educação. Campos dos Goytacazes: Encontrografia, 2020. p. 62-71. Disponível em: <<http://encontrografia.com/wp-content/uploads/2020/10/ebook-Fraturas-expostas-pela-pandemia.pdf#page=118>>. Acesso em: 18 jan. 2021.

UNICEF. **Protegendo as crianças mais vulneráveis do impacto do coronavírus**: uma agenda de ação. Unicef, 2020a. Disponível em: <<https://www.unicef.org/brazil/protegendo-criancas-mais-vulneraveis-do-impacto-do-coronavirus-uma-agenda-de-acao>>. Acesso em: 20 out. 2020.

UNICEF. **Rethinking screen-time in the time of COVID-19**. Unicef, 2020b. Disponível em: <<https://www.unicef.org/globalinsight/stories/rethinking-screen-time-time-covid-19>>. Acesso em: 04 jan. 2021.

WANG, G. et al. Mitigate the effects of home confinement on children during the COVID-19 outbreak. **The Lancet**, London, v. 395, n. 10228, p. 945-947, 2020. Disponível em: <<https://search.bvsalud.org/global-literature-on-novel-coronavirus-2019-ncov/resource/en/covidwho-4165>>. Acesso em: 17 abr. 2020.

WORLD HEALTH ORGANIZATION - WHO. **COVID-19 Strategy Update**. World Health Organization, 2020a. Disponível em: <<https://www.who.int/publications-detail/strategic-preparedness-and-response-plan-for-the-new-coronavirus>>. Acesso em: 20 abr. 2020.

WORLD HEALTH ORGANIZATION - WHO. **Global research on coronavirus disease (COVID-19)**. World Health Organization, 2021. Disponível em: <<https://www.who.int/emergencies/diseases/novel-coronavirus-2019/global-research-on-novel-coronavirus-2019-ncov>>. Acesso em: 16 jan. 2021

WORLD HEALTH ORGANIZATION - WHO. **Guidelines on physical activity, sedentary behaviour and sleep for children under 5 years of age**. World Health Organization, 2019. Disponível em: <<https://apps.who.int/iris/handle/10665/311664>>. Acesso em: 04 jan. 2020.

WORLD HEALTH ORGANIZATION - WHO. **The push for a COVID-19 vaccine**. World Health Organization, 2020b. Disponível em: <<https://www.who.int/emergencies/diseases/novel-coronavirus-2019/covid-19-vaccines>>. Acesso em: 08 nov. 2020.

WORLD HEALTH ORGANIZATION - WHO. **Q&A on coronavirus**. World Health Organization, 2020c. Disponível em: <<https://www.who.int/news-room/q-a-detail/q-a-coronaviruses>>. Acesso em: 20 abr. 2020.

WORLD HEALTH ORGANIZATION - WHO. **WHO Director-General's opening remarks at the media briefing on COVID-19**. World Health Organization, 2020c. Disponível em:

<<https://www.who.int/dg/speeches/detail/who-director-general-s-opening-remarks-at-the-media-briefing-on-covid-19---11-march-2020>>. Acesso em: 24 abr. 2020.

YEE, M. J. et al. Participation Measures for Preschool Children with Autism Spectrum Disorder: a Scoping Review. **Review Journal of Autism and Developmental Disorders**, New York, v. 4, n. 2, p. 132-141, 2007. Disponível em: <<https://doi.org/10.1007/s40489-017-0102-8>>. Acesso em: 15 abr. 2020.

ZIVIANI, J.; DESHA, L.; RODGER, S. Children's Occupational Time Use. In: RODGER, S.; ZIVIANI, J. **Occupational Therapy with children: understanding children's occupations and enabling participation**. Malden: Blackwell Publishing, 2006. p. 91- 112.

## APÊNDICES

### APÊNDICE A - Questionário

# Participação de crianças em idade pré-escolar nas ocupações durante o período de distanciamento social na pandemia da COVID-19

Compreendemos que a criança se desenvolve à medida que participa e se envolve em ocupações, aprimorando habilidades e colocando-as em prática nas situações de vida diária. Dentre estas ocupações estão o autocuidado, brincar, participar de atividades em casa e na escola. Sabendo das mudanças nessas ocupações, em razão do distanciamento social, buscamos compreender e analisar os possíveis impactos no cotidiano das crianças e possivelmente contribuir com estudos futuros sobre o tema.

Este questionário leva em torno de 15 minutos para ser respondido e contém questões sobre características gerais sobre a criança, sua família e mudanças percebidas por você relacionadas às ocupações da sua criança.

Este questionário:

- Pode ser respondido de forma individual ou em conjunto pelos responsáveis pela criança;
- Deve ser preenchido pensando em crianças de 4 a 6 anos e, caso tenham mais de uma criança nesta faixa etária em casa, podem responder um para cada criança.

Na próxima sessão, encontra-se o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, que contém as informações necessárias para que você conheça a pesquisa e nos autorize a utilizar suas respostas de forma sigilosa.

A pesquisadora estará à disposição para qualquer esclarecimento pelo e-mail ([pesquisa.infancia.to@gmail.com](mailto:pesquisa.infancia.to@gmail.com))

Agradecemos pela sua colaboração!

**\*Obrigatório**

## Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

### Participação de crianças em idade pré-escolar nas ocupações durante o período de distanciamento social na pandemia da COVID-19

Você e sua criança estão sendo convidados, como voluntários, a contribuir com um estudo científico sobre a participação de crianças em ocupações durante o período de distanciamento social.

Na Terapia Ocupacional, existe uma compreensão de que a criança se desenvolve à medida que participa e se envolve em ocupações, aprimorando habilidades e colocando-as em prática nas situações de vida diária. Estas ocupações estão relacionadas ao autocuidado, brincar e participar de atividades na escola. Sabendo das mudanças nessas ocupações em razão do distanciamento social, buscamos analisar os possíveis impactos no cotidiano de crianças de 4 a 6 anos.

Consideramos que este estudo trará benefícios para as crianças, pois proporcionará uma compreensão sobre os possíveis impactos do distanciamento social em seus cotidianos, suas participações em ocupações e como facilitá-las e desenvolvê-las, contribuindo também com estudos futuros sobre o tema.

A sua colaboração e a autorização para participação na pesquisa será respondendo a este questionário, que contém por volta de 50 questões, leva aproximadamente 10 minutos para ser respondido e contém questões sobre características gerais sobre a criança e sua família (condições de moradia, renda familiar, acesso a benefícios governamentais, escolaridade, condição de trabalho, características da criança) e mudanças encontradas por você em relação às ocupações da sua criança. Essas perguntas nos permitirão conhecer e analisar diferentes contextos e experiências vividas. Posteriormente, as respostas serão analisadas e discutidas com embasamento científico.

A resposta ao questionário não é obrigatória e você pode desistir a qualquer momento. Também não haverá nenhum custo e não receberá remuneração por respondê-lo.

Solicitamos sua autorização para apresentar os resultados deste estudo em eventos da área de saúde e educação, e divulgação do trabalho na área acadêmica. Caso os resultados sejam publicados, os nomes serão mantidos em sigilo absoluto.

Informamos que essa pesquisa oferece riscos de baixa intensidade, como cansaço ou constrangimento ao responder as questões. Havendo um ou mais desses riscos para o participante, serão de duração transitória, entretanto a pesquisadora se compromete em atentar-se à segurança e privacidade dos participantes, bem como para prevenir e/ou minimizar eventuais riscos, de acordo com os termos contidas na resolução CNS N°466/1, estando à disposição para responder quaisquer dúvidas. estando à disposição para responder quaisquer dúvidas. Você terá direito à indenização por qualquer tipo de dano resultante de sua participação nesta pesquisa.

O envio do questionário expressa a sua autorização em participar da pesquisa, porém, caso decida desistir, a qualquer momento, não sofrerá nenhum prejuízo. Caso envie o formulário e mude de ideia, basta enviar um email para a pesquisadora ([pesquisa.infancia.to@gmail.com](mailto:pesquisa.infancia.to@gmail.com)), solicitando a exclusão de suas informações.

Caso deseje uma cópia deste termo, ele está disponível para download neste link:

<https://cutt.ly/Ydk08qx>

O estudo trata de um projeto de mestrado desenvolvido no Programa de Pós-Graduação em Terapia Ocupacional da Universidade Federal de São Carlos intitulado "Participação de crianças em ocupações durante o período de distanciamento social na pandemia da COVID-19", pela terapeuta ocupacional Ana Cláudia Moron Betti, orientado pela Profa. Dra. Patrícia Carla de Souza Della Barba e com a colaboração da Profa. Dra. Débora Ribeiro da Silva Campos Folha.

A pesquisadora estará à disposição para qualquer esclarecimento que considere necessário pelo e-mail ([pesquisa.infancia.to@gmail.com](mailto:pesquisa.infancia.to@gmail.com)) ou pelo telefone (15)99184-9188.

Agradecemos pela sua colaboração!

1. Você concorda em participar desta pesquisa? \*

*Marcar apenas uma oval.*

Declaro que entendi os objetivos, riscos e benefícios de minha participação na pesquisa e concordo em participar.

Não concordo em participar.

Informações sobre a família

2. Em qual estado vocês moram? \*

*Marcar apenas uma oval.*

- Acre (AC)
- Alagoas (AL)
- Amapá (AP)
- Amazonas (AM)
- Bahia (BA)
- Ceará (CE)
- Distrito Federal (DF)
- Espírito Santo (ES)
- Goiás (GO)
- Maranhão (MA)
- Mato Grosso (MT)
- Mato Grosso do Sul (MS)
- Minas Gerais (MG)
- Pará (PA)
- Paraíba (PB)
- Paraná (PR)
- Pernambuco (PE)
- Piauí (PI)
- Rio de Janeiro (RJ)
- Rio Grande do Norte (RN)
- Rio Grande do Sul (RS)
- Rondônia (RO)
- Roraima (RR)
- Santa Catarina (SC)
- São Paulo (SP)
- Sergipe (SE)
- Tocantins (TO)

3. Em qual cidade vocês moram? \*

---

4. Qual seu grau de parentesco com a criança? \*

*Marcar apenas uma oval.*

- Mãe
- Pai
- Avô
- Avó
- Outro: \_\_\_\_\_

5. Quantas pessoas residem na sua casa? \*

*Marcar apenas uma oval.*

- 2
- 3
- 4
- 5
- 6
- 7
- 8
- 9
- 10
- Mais de 10

6. Além da criança, quem mora na casa? (Ex: Mãe, irmão e avó) \*

\_\_\_\_\_

7. Há alguma outra criança na casa? \*

*Marcar apenas uma oval.*

- Sim
- Não

8. Se houver, assinale a quantidade e a idade das outras crianças (No questionário falaremos sobre a "Criança 1")

*Marque todas que se aplicam.*

	Menos de 1 ano	1 a 3 anos	4 a 6 anos	6 a 8 anos	8 a 10 anos	10 a 12 anos
Criança 2	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Criança 3	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Criança 4	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Criança 5	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Criança 6	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Criança 7	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Criança 8	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Criança 9	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Criança 10	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

9. Selecione características sobre a sua casa \*

*Marque todas que se aplicam.*

- Casa  
 Apartamento  
 Casa de vila ou condomínio  
 Possui quintal ou espaço ao externo  
 Habitação em casa de cômodos  
 Possui chuveiro e vaso sanitário  
 Possui energia elétrica

Outro:  \_\_\_\_\_



10. A casa onde vocês moram é? \*

*Marcar apenas uma oval.*

- Própria (já paga)
- Própria (ainda pagando)
- Alugada
- Cedida por parentes
- Cedida por outras pessoas (amigos, vizinhos, empregadores)
- Outro: \_\_\_\_\_

11. Somando a renda das pessoas que moram com vocês, quanto é, aproximadamente, a renda familiar mensal? \*

*Marcar apenas uma oval.*

- Nenhuma renda.
- Até 1 salário mínimo (até R\$ 1.045,00).
- De 1 a 3 salários mínimos (de R\$ 1.045,01 até R\$ 3.135,00).
- De 3 a 6 salários mínimos (de R\$ 3.135,01 até R\$ 6.270,00).
- De 6 a 12 salários mínimos (de R\$ 6.270,01 até R\$ 12.540,00).
- Mais de 12 salários mínimos (mais de R\$ 12.540,01).
- Outro: \_\_\_\_\_

12. A família acessa algum recurso dos governos Municipal, Estadual ou Federal? \*

*Marcar apenas uma oval.*

- Sim
- Não

13. Se sim, qual?

*Marque todas que se aplicam.*

- Bolsa Família
- BPC
- Cesta Básica
- Auxílio emergencial

Outro:  \_\_\_\_\_

14. Qual a sua escolaridade? \*

*Marcar apenas uma oval.*

- Ensino Fundamental Incompleto
- Ensino Fundamental Completo
- Ensino Médio Incompleto
- Ensino Médio Completo
- Ensino Superior Incompleto
- Ensino Superior Completo
- Pós Graduação

15. Qual a sua condição de trabalho atual? \*

*Marcar apenas uma oval.*

- Trabalhando presencialmente
- Trabalhando em casa (com menor exigência)
- Trabalhando em casa (mesma exigência anterior)
- Trabalhando em casa (com maior exigência)
- Trabalhando em horário ou turnos reduzidos
- Desempregado
- Não exerce atividade remunerada

16. Você conta com ajuda de outras pessoas no cuidado com a criança nas atividades do dia a dia? (p, ex. preparar refeições, banho, auxiliar nas tarefas)

*Marcar apenas uma oval.*

- Não
- Sim, mas faço a maior parte
- Sim, as tarefas são divididas

17. Escreva aqui, caso considere algo importante sobre a sua família que não foi perguntado até agora

---

---

---

---

---

#### Informações sobre a criança

18. Qual a idade da criança? \*

*Marcar apenas uma oval.*

- 4 anos
- 5 anos
- 6 anos

19. Como você declara a criança quanto a raça e etnia? \*

---

20. Gênero \*

*Marcar apenas uma oval.*

Masculino

Feminino

Outro: \_\_\_\_\_

21. Possui alguma deficiência? \*

*Marcar apenas uma oval.*

Sim

Não

22. Se sim, qual?

*Marcar apenas uma oval.*

Deficiência física/motora

Deficiência Intelectual

Deficiência sensorial (visual, auditiva, múltipla)

Transtorno do Espectro do Autismo

Outro: \_\_\_\_\_

23. A criança estava matriculada em escola regular? \*

*Marcar apenas uma oval.*

Sim

Não

24. Se sim, qual?

*Marcar apenas uma oval.*

- Pública
- Particular
- Outro: \_\_\_\_\_

25. No período de distanciamento social, a criança está realizando atividades escolares? \*

*Marcar apenas uma oval.*

- Sim
- Não

26. Se sim, quais? (Escolha mais de uma opção, se necessário)

*Marque todas que se aplicam.*

- Aulas por vídeo
- Atividades online
- Atividades enviadas pela escola para fazer em livros ou cadernos
- Atividades criadas pelos pais

Outro:  \_\_\_\_\_

27. Desde quando a criança está em distanciamento social? \*

\_\_\_\_\_  
*Exemplo: 7 de janeiro de 2019*

28. A criança chegou a sair de casa alguma vez? \*

*Marcar apenas uma oval.*

- Sim
- Não

**Impactos  
gerais  
sobre as  
ocupações**

Queremos saber, de um modo geral, como você considera que o distanciamento social impactou as ocupações da sua criança. Nas próximas sessões, será possível explicar de forma mais detalhada.

31. Como você considera que as mudanças de rotina afetaram as ocupações da sua criança? \*

*Marcar apenas uma oval por linha.*

	Muitos ganhos	Alguns ganhos	Não observei impactos	Alguns desafios	Muitos desafios
Sono	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Alimentação	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Higiene (banho, lavar as mãos, escovar os dentes, pentear os cabelos)	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Uso de roupas (vestir-se, despir-se, meias, calçados,)	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Uso do banheiro	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Brincar	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Convivência e interação social	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Compreensão e comunicação	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Realização de atividades escolares	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Emoções e comportamentos	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

## Sono

Selecione quantas opções achar necessário. Que mudanças foram observadas em relação ao sono da criança?

## 32. Mudanças relacionadas ao sono \*

*Marque todas que se aplicam.*

- Não encontramos mudanças sobre este tema
- Sono excessivo
- Sono agitado
- Falta de sono
- Grandes mudanças de horário (indo dormir muito tarde ou muito cedo)
- Instabilidade no sono (acordando durante a noite)
- Passou a dormir na cama dos adultos
- Voltou a pedir mamadeira (se não usasse mais)
- Pesadelos
- Espaço físico (quarto compartilhado com outras pessoas)
- Melhora na qualidade do sono
- Maior independência para dormir (indo dormir sozinha, ou com menos apoio do adulto)

Outro:  \_\_\_\_\_

## Alimentação

Selecione quantas opções achar necessário. Que mudanças foram observadas em relação à alimentação da criança?

## 33. Mudanças relacionadas à alimentação \*

*Marque todas que se aplicam.*

- Não encontramos mudanças sobre este tema
  - Excesso de apetite
  - Falta de apetite
  - Recusa de alimentos que aceitava antes
  - Pedindo alimentos menos saudáveis
  - Falta de rotina nos horários das refeições
  - Diminuição da variedade de alimentos (criança aceitando menos)
  - Diminuição da variedade de alimentos (por dificuldades financeiras)
  - Diminuição da ingestão de água
  - Passou a comer assistindo televisão ou usando celular/tablet
  - Precisando de mais apoio do adulto (Ex: dar a comida na boca)
  - Usando mais mamadeira (ou voltando a usar)
  - Mudança na consistência dos alimentos (comia pedaços, está pedindo alimentos pastosos)
  - Melhora na qualidade da alimentação
  - Participação no preparo dos alimentos ou das refeições (colocar a mesa, ajudar na limpeza, etc)
  - Participação das refeições em família
  - Aceitação de alimentos novos
  - Maior independência (Comendo sozinho ou com menos apoio para segurar os talheres, levar o alimento à boca)
  - Deixou de usar mamadeira (ou diminuiu o uso)
  - Passou a usar copo ou caneca comum (sem bico)
  - Mudança na consistência dos alimentos (Ex: comia pastoso e passou a aceitar pedaços)
- Outro:  \_\_\_\_\_



## Higiene

Selecione quantas opções achar necessário. Que mudanças foram observadas em relação à higiene da criança? Inclui banho, lavar as mãos, escovar os dentes, pentear os cabelos

### 34. Mudanças relacionadas à higiene \*

*Marque todas que se aplicam.*

- Não encontramos mudança sobre este tema
- Passou a levar objetos na boca mais vezes
- Mudança de rotina nos horários do banho e escovação dos dentes
- Dificuldade para tomar banho
- Dificuldade para escovar os dentes
- Dificuldade para lavar as mãos
- Preocupação excessiva em lavar as mãos com frequência
- Passou a ser mais independente no banho
- Passou a aceitar mais o banho
- Passou a escovar os dentes de forma mais independente
- Passou a lavar as mãos de forma mais independente
- Maior atenção aos cuidados com a própria higiene

Outro:  \_\_\_\_\_

## Uso de roupas

Selecione quantas opções achar necessário. Que mudanças foram observadas em relação ao uso de roupas da criança? Inclui vestir-se, despir-se, meias, calçados, etc

### 35. Mudanças relacionadas ao uso de roupas

*Marque todas que se aplicam.*

- Não encontramos mudanças sobre este tema
- Passou a recusar usar meias
- Passou a recusar tênis
- Passou a recusar roupas íntimas
- Passou a demonstrar incômodo com algum tipo de tecido
- Recusa o uso da máscara
- Passou a vestir peças sozinho
- Começou a tentar vestir-se sozinho
- Aprendeu a fechar zíper ou botão ou dar nó ou laço
- Aprendeu a despir-se sozinho

Outro:  \_\_\_\_\_

**Uso do  
banheiro**

Selecione quantas opções achar necessário. Que mudanças foram observadas em relação ao uso do banheiro pela criança?

**36. Mudanças relacionadas ao uso do banheiro \***

*Marque todas que se aplicam.*

- Não encontramos mudanças sobre este tema
- Mudança no funcionamento do intestino
- Passou ou voltou a fazer xixi na cama
- Escape de xixi
- Irritação ou desconforto nos momentos de ir ao banheiro ou troca de fraldas
- Passou a cooperar na troca de fraldas
- Passou a sinalizar que a fralda está suja ou pedir para tirar as fraldas
- Passou a pedir para ir ao banheiro
- Deixou de usar fraldas para fazer xixi
- Deixou de usar fraldas para fazer cocô
- Aprendeu a "limpar-se" sozinho

Outro:  \_\_\_\_\_

**Brincar**

Selecione quantas opções achar necessário. Que mudanças foram observadas em relação ao brincar da criança?

## 37. Mudanças relacionados ao brincar \*

Marque todas que se aplicam.

- Não encontramos mudanças sobre este tema
  - Uso excessivo de aparelhos eletrônicos
  - Não consegue brincar sozinha
  - Pouca variação nas formas de brincar
  - Não aceita brincar junto com outra pessoa
  - Brinca sempre da mesma forma
  - Fica entediada com muita frequência
  - Falta de espaço para movimentar-se
  - Menor iniciativa para brincar
  - Agitação
  - Fica muito irritada quando precisa guardar um brinquedo
  - A casa possui pouco espaço interno para brincadeiras
  - A casa possui pouco espaço externo para brincadeiras
  - Os adultos tem dificuldades para brincar junto com a criança
  - Falta de brinquedos e materiais para variar as brincadeiras
  - Tem explorado e criado mais possibilidades na brincadeira (mais personagens, cenários, experiências)
  - Maior iniciativa e motivação para brincar
  - Maior organização para brincar
  - Conquistas em habilidades de movimento (aprendeu a pular, correr, pedalar, jogar bola)
  - Brincadeira de faz de conta mais elaborada (mais personagens, faz voz dos brinquedos, cria ambientes)
- Outro:  \_\_\_\_\_

Convivência e  
interação  
social

Selecione quantas opções achar necessário. Que mudanças foram observadas em relação à convivência e interação social da criança?

## 38. Mudanças relacionadas à convivência e interação social \*

*Marque todas que se aplicam.*

- Não encontramos mudanças sobre este tema
  - Dificuldade em brincar junto (aceitar outra pessoa na brincadeira)
  - Dificuldade em fazer tarefas
  - Aumento da preferência por estar sozinho
  - Sentindo falta de familiares ou pessoas com quem convivia (avós, tios, padrinhos, etc...)
  - Moram muitas pessoas em casa, o que dificulta a convivência
  - Moram poucas pessoas na casa, o que dificulta a convivência
  - Maior tempo e oportunidade para momentos em família
  - Maior busca da criança por interação com os adultos
  - Maior busca da criança por interação com outras crianças
- Outro:  \_\_\_\_\_

**Comunicação  
(compreensão e  
expressão):**

Selecione quantas opções achar necessário. Que mudanças foram observadas em relação à comunicação da criança?

## 39. Mudanças relacionadas à comunicação

*Marque todas que se aplicam.*

- Não encontramos mudanças sobre este tema
  - Maior irritação ou desconforto quando não consegue se comunicar
  - Aumento do número de palavras
  - Melhora na articulação da fala
  - Melhora na comunicação do que quer ou precisa (falando ou indicando)
  - Maior dificuldade em se comunicar
  - Compreende melhor as comandas
  - Responde/atende mais rápido quando chamada
  - Maior tempo para responder quando chamada
  - Melhora na reprodução de músicas e histórias
  - Faz mais perguntas sobre o que vê e ouve
  - Maior intenção em se comunicar, iniciando conversas
  - Mantem os diálogos por mais tempo
  - Fala mais sobre os seus sentimentos e os dos outros
- Outro:  \_\_\_\_\_

**Realização de  
atividades  
escolares**

Selecione quantas opções achar necessário. Que mudanças foram observadas em relação à realização de atividades escolares pela criança?

40. Mudanças relacionadas à realização de atividades escolares \*

*Marque todas que se aplicam.*

- Não encontramos mudanças sobre este tema
  - Falta de tempo dos adultos para acompanhar a crianças nas tarefas
  - Falta de habilidade (ou sensação de inabilidade) para auxiliar a criança nas tarefas
  - Dificuldade em manter a atenção
  - Falta de motivação ou interesse da criança
  - Nível de dificuldade das tarefas
  - Falta de espaço físico para a realização das tarefas propostas
  - Falta de materiais e recursos (ex: internet, computador) para a realização das tarefas propostas
  - Maior interesse da criança nas atividades escolares
  - Maior interesse por livros e brinquedos de escrever
  - Ganho em habilidades, conhecimentos
  - Envolvimento dos adultos nas atividades
  - Maior visibilidades das habilidades da criança (passou a mostrar mais o que sabe, ou os adultos passaram a perceber mais suas habilidades)
  - Fortalecimento de vínculos familiares
- Outro:  \_\_\_\_\_

41. Desafios (dos adultos ou do ambiente) na realização de atividades escolares \*

*Marque todas que se aplicam.*

- Não encontramos desafios sobre este tema
  - Falta de tempo para acompanhar a crianças nas tarefas
  - Falta de habilidade (ou sensação de inabilidade) para auxiliar a criança nas tarefas
  - Falta de espaço físico para a realização das tarefas propostas
  - Falta de materiais e recursos (ex: internet, computador) para a realização das tarefas propostas
- Outro:  \_\_\_\_\_

**Emoções e comportamentos**

Selecione quantas opções achar necessário. Que mudanças foram observadas em relação às emoções e comportamentos da criança?

**42. Mudanças relacionadas às emoções e comportamentos \***

*Marque todas que se aplicam.*

- Não encontramos mudanças sobre este tema
- Dificuldade em lidar com frustrações
- Dificuldade em aceitar regras e limites
- Dificuldade em esperar algo
- Dificuldade em acalmar-se
- Ansiedade
- Agressividade
- Agitação
- Medo
- Preocupação
- Birra
- Tristeza
- Apatia
- Falta de interesse ou motivação
- Falta de persistência nos desafios ou brincadeiras propostas
- Aumentou ou passou a chupar o dedo, morder a mão, morder a roupa
- Mais relaxada
- Menos ansiosa
- Mais interessada e motivada
- Mais criativa
- Mais solidária ou colaborativa
- Diminuiu ou parou de chupar o dedo, morder a mão, morder a roupa

Outro:  \_\_\_\_\_

## 43. SEUS desafios, como adulto, relacionados às emoções \*

*Marque todas que se aplicam.*

- Não encontrei desafios sobre este tema
- Falar sobre a pandemia com a criança
- Manter regras e limites
- Não ceder ou manejar comportamentos de birra
- Manter-se calmo
- Ansiedade
- Falar com a criança sobre sentimentos
- Ter paciência

Outro:  \_\_\_\_\_

**Estamos  
quase no  
final!**

Precisamos de mais algumas informações que vão nos ajudar a entender melhor como as pessoas estão conseguindo se fortalecer e buscando estratégias

## 44. Que estratégias vocês encontraram para enfrentar os desafios relacionados às ocupações neste período?

*Marque todas que se aplicam.*

- Tentar manter uma rotina com horários de sono, refeições e brincadeiras
- Flexibilizar o uso de eletrônicos (permitir que use mais)
- Deixar a rotina livre
- Diminuir o nível de exigência com a criança
- Realizar atividades artísticas e "bagunças" com a criança
- Aproximar o contato com a natureza (por exemplo, cuidar de uma planta, olhar para o céu, tomar sol por alguns minutos)
- Trabalhar respiração, ioga ou atividades semelhantes
- Apoiar a criança em todas as suas necessidades
- Buscar e oferecer desafios adequados para a criança
- Incentivar a criança a participar de tarefas de cuidado com a casa
- Incentivar a criança no preparo das refeições
- Incentivar a criança a ser mais independente

Outro:  \_\_\_\_\_

45. Com quem você tem contado para te apoiar emocionalmente neste momento?

\*

*Marque todas que se aplicam.*

- Não tenho nenhum apoio
- Familiares
- Amigos
- Profissionais (psicólogos, educadores, terapeutas)
- Redes sociais (perfis profissionais e de apoio)

Outro:  \_\_\_\_\_

46. Onde você tem buscado estratégias e informações sobre o desenvolvimento da sua criança? \*

*Marque todas que se aplicam.*

- Não busco
- Professores da criança
- Terapeutas da criança
- Amigos
- Televisão
- Sites
- Redes sociais (perfis profissionais)
- Redes sociais (grupos de pais)

Outro:  \_\_\_\_\_

**Última  
pergunta!**

Sabemos que o distanciamento social é vivenciado de formas muito diferentes por cada família e por isso é difícil resumir e compreender a fundo as experiências de vocês, por isso, aqui temos um espaço aberto

47. Em sua avaliação, de um modo geral, como este momento atual interferiu na participação da sua criança nas ocupações? \*

---

---

---

---

---



48. Comente aqui algo que você considere importante que não tenha sido abordado sobre os desafios e possibilidades vividos por vocês neste momento.

---

---

---

---

---

A sua participação foi muito importante para esta pesquisa!

Muito obrigada.

Caso deseje mais informações, entre em contato pelo email: [pesquisa.infancia.to@gmail.com](mailto:pesquisa.infancia.to@gmail.com)

Este conteúdo não foi criado nem aprovado pelo Google.

Google Formulários

## **APÊNDICE B - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido**

### **TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO**

#### **PARTICIPAÇÃO DE CRIANÇAS EM IDADE PRÉ-ESCOLAR NAS OCUPAÇÕES DURANTE O PERÍODO DE DISTANCIAMENTO SOCIAL NA PANDEMIA DA COVID-19**

Você e sua criança estão sendo convidados, como voluntários, a contribuir com um estudo científico sobre a participação de crianças em ocupações durante o período de distanciamento social.

Na Terapia Ocupacional, existe uma compreensão de que a criança se desenvolve à medida que participa e se envolve em ocupações, aprimorando habilidades e colocando-as em prática nas situações de vida diária. Estas ocupações estão relacionadas ao autocuidado, brincar e participar de atividades na escola. Sabendo das mudanças nessas ocupações em razão do distanciamento social, buscamos analisar os possíveis impactos no cotidiano de crianças de 4 a 6 anos.

Consideramos que este estudo trará benefícios para as crianças, pois proporcionará uma compreensão sobre os possíveis impactos do distanciamento social em seus cotidianos, suas participações em ocupações e como facilitá-las e desenvolvê-las, contribuindo também com estudos futuros sobre o tema.

A sua colaboração e a autorização para participação na pesquisa será respondendo a este questionário, que contém por volta de 50 questões, leva aproximadamente 10 minutos para ser respondido e contém questões sobre características gerais sobre a criança e sua família (condições de moradia, renda familiar, acesso a benefícios governamentais, escolaridade, condição de trabalho, características da criança) e mudanças encontradas por você em relação às ocupações da sua criança. Essas perguntas nos permitirão conhecer e analisar diferentes contextos e experiências vividas. Posteriormente, as respostas serão analisadas e discutidas com embasamento científico.

A resposta ao questionário não é obrigatória e você pode desistir a qualquer momento. Também não haverá nenhum custo e não receberá remuneração por respondê-lo.

Solicitamos sua autorização para apresentar os resultados deste estudo em eventos da área de saúde e educação, e divulgação do trabalho na área acadêmica. Caso os resultados sejam publicados, os nomes serão mantidos em sigilo absoluto.

Informamos que essa pesquisa oferece riscos de baixa intensidade, como cansaço ou constrangimento ao responder as questões. Havendo um ou mais desses riscos para o participante, serão de duração transitória, entretanto a pesquisadora se compromete em atentar-se à segurança e privacidade dos participantes, bem como para prevenir e/ou minimizar eventuais riscos, de acordo com os termos contidas na resolução CNS N°466/1, estando à disposição para responder quaisquer dúvidas. estando à disposição para responder quaisquer dúvidas. Você terá direito à indenização por qualquer tipo de dano resultante de sua participação nesta pesquisa.

O envio do questionário expressa a sua autorização em participar da pesquisa, porém, caso decida desistir, a qualquer momento, não sofrerá nenhum prejuízo. Caso envie o formulário e mude de ideia, basta enviar um email para a pesquisadora ([pesquisa.infancia.to@gmail.com](mailto:pesquisa.infancia.to@gmail.com)), solicitando a exclusão de suas informações.

O estudo trata de um projeto de mestrado desenvolvido no Programa de Pós-Graduação em Terapia Ocupacional da Universidade Federal de São Carlos intitulado "Participação de crianças em ocupações durante o período de distanciamento social na pandemia da COVID-19", pela terapeuta ocupacional Ana Claudia Moron Betti, orientado pela Profa. Dra. Patrícia Carla de Souza Della Barba e com a colaboração da Profa. Dra. Débora Ribeiro da Silva Campos Folha.

A pesquisadora estará à disposição para qualquer esclarecimento que considere necessário pelo e-mail ([pesquisa.infancia.to@gmail.com](mailto:pesquisa.infancia.to@gmail.com)) ou pelo telefone (15)99184-9188.

**Declaro que entendi os objetivos, riscos e benefícios de minha participação na pesquisa e concordo em participar. O pesquisador me informou que o projeto foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa em Seres Humanos da UFSCar que funciona na Pró-Reitoria de Pesquisa da Universidade Federal de São Carlos, localizada na Rodovia Washington Luiz, Km. 235 - Caixa Postal 676 - CEP 13.565-905 - São Carlos - SP – Brasil. Fone (16) 3351-9685. Endereço eletrônico: [cephumanos@ufscar.br](mailto:cephumanos@ufscar.br)**

Local e data: \_\_\_\_\_

Nome do Pesquisador: Ana Claudia Moron Betti

Assinatura do Pesquisador:



Nome do Participante: \_\_\_\_\_

Assinatura do Participante:

\_\_\_\_\_

## **ANEXOS**

### **ANEXO A - Aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos**



## PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

### DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

**Título da Pesquisa:** PARTICIPAÇÃO DE CRIANÇAS EM OCUPAÇÕES DURANTE O PERÍODO DE DISTANCIAMENTO SOCIAL NA PANDEMIA DA COVID-19

**Pesquisador:** ANA CLAUDIA MORON BETTI

**Área Temática:**

**Versão:** 4

**CAAE:** 32535220.2.0000.5504

**Instituição Proponente:** Departamento de Terapia Ocupacional

**Patrocinador Principal:** Financiamento Próprio

### DADOS DO PARECER

**Número do Parecer:** 4.178.385

#### Apresentação do Projeto:

Pesquisa de abordagem qualitativa de caráter descritivo, exploratório, transversal e de campo. A coleta de dados se dará por meio de questionário online, a ser respondido pelo cuidador principal da criança, e buscará informações sobre o contexto geral da criança como idade, se tem alguma deficiência, composição da família, condições socioeconômicas e ainda, na visão do responsável, questões sobre as possíveis mudanças na participação da criança em suas ocupações, antes do período de distanciamento e durante. O questionário foi desenvolvido com base nas grandes áreas da Medida de Engajamento, Independências e Relações Sociais, buscando identificar e qualificar os principais desafios e estratégias encontrados em cada ocupação desenvolvida pela criança nessa faixa etária, e foi respondido como piloto e avaliados pelo grupo de pesquisa: Terapia Ocupacional e Atenção Integral à Infância.

A divulgação será online, por link enviado em redes sociais e grupos de pesquisa.

Amostra de 200 cuidadores principais.

Hipótese: Supõe-se que as famílias estejam encontrando desafios e desenvolvendo estratégias para adequar suas rotinas e promover a participação das crianças nas ocupações, neste período.

#### Objetivo da Pesquisa:

Objetivo Primário:

**Endereço:** WASHINGTON LUIZ KM 235

**Bairro:** JARDIM GUANABARA

**UF:** SP

**Telefone:** (16)3351-9685

**Município:** SAO CARLOS

**CEP:** 13.565-905

**E-mail:** cephumanos@ufscar.br



Continuação do Parecer: 4.178.385

O presente estudo terá como objetivo geral analisar o impacto do distanciamento social na participação de crianças de 4 a 6 anos em suas ocupações.

Objetivo Secundário:

Investigar os principais impactos do distanciamento social, relacionados à rotina e às ocupações das crianças e discutir quais os recursos disponíveis para apoiar e promover a participação delas neste contexto.

**Avaliação dos Riscos e Benefícios:**

**Riscos:** Informamos que essa pesquisa oferece riscos de baixa magnitude, como cansaço ou constrangimento ao responder as questões. Havendo um ou mais desses riscos para o participante, serão de duração transitória, entretanto a pesquisadora se compromete em atentar-se à segurança e privacidade dos participantes, bem como se coloca à disposição para contato por email divulgado no início e ao final do questionário.

**Benefícios:** Consideramos que este estudo trará benefícios para as crianças pois proporcionará uma compreensão sobre os possíveis impactos do distanciamento social em seus cotidianos, suas participações em ocupações e como facilitá-las e desenvolvê-las, contribuindo também com estudos futuros sobre o tema.

**Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:**

Projeto de relevância social com temática voltada ao impacto da pandemia de COVID-19 na ocupação de crianças de 4 a 6 anos, embasado em referências teóricas que justificam objetivos e métodos utilizados. Apresenta questionário editado no Google Formulários.

**Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:**

Apresenta Folha de Rosto assinada pela pesquisadora Ana Cladia Moron Betti e pela Diretora de Centro Profa. Dra. Maria da Graça Gama Melão.

Apresenta cronograma de execução inadequado com início da coleta de dados em 29/06/2020 e requer adequações para início das coletas após aprovação por este Comitê.

Não apresenta instituições coparticipantes.

Responsáveis responderão ao questionário, não havendo participação da criança.

Pesquisadora optou por apresentar TCLEs com versões diferentes, uma versão a ser

**Endereço:** WASHINGTON LUIZ KM 235

**Bairro:** JARDIM GUANABARA

**UF:** SP

**Município:** SAO CARLOS

**CEP:** 13.565-905

**Telefone:** (16)3351-9685

**E-mail:** cephumanos@ufscar.br





Continuação do Parecer: 4.178.385

disponibilizada juntamente com o formulário de pesquisa e outra a ser salva pelos participantes.

No TCLE que será lido on-line para fornecimento do consentimento é possível fazer o download do TCLE do participante (documento nomeado QUESTIONARIOmodificado), porém o mesmo não será enviado e no TCLE a ser recebido não traz a informação de que o participante receberá uma via. As pesquisadoras, esclarecem que também fornecem o e-mail para contato em caso de dúvidas.

Os Termos são distintos, quanto às informações:

1) "Caso envie o formulário e mude de ideia, basta enviar um email para a pesquisadora, solicitando a exclusão de suas informações. Caso deseje uma cópia deste termo, ele está disponível para download neste link: [http://abre.ai/tcle\\_to\\_ocupacoes\\_infancia](http://abre.ai/tcle_to_ocupacoes_infancia)" que está presente apenas no TCLE que será lido pelo participante."

Estas informações estão disponíveis apenas no TCLE a ser lido pelo participante.

2) As informações do CEP: "Declaro que entendi os objetivos, riscos e benefícios de minha participação na pesquisa e concordo em participar. O pesquisador me informou que o projeto foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa em Seres Humanos da UFSCar que funciona na Pró-Reitoria de Pesquisa da Universidade Federal de São Carlos, localizada na Rodovia Washington Luiz, Km. 235 - Caixa Postal 676 - CEP 13.565-905 - São Carlos - SP – Brasil. Fone (16) 3351-9685. Endereço eletrônico: [cephumanos@ufscar.br](mailto:cephumanos@ufscar.br)" estão presentes apenas no TCLE a ser disponibilizado ao participante que fizer o download.

#### **Recomendações:**

As coletas de dados devem ter início apenas aprovação por este CEP. Projetos iniciados anteriormente a aprovação por este CEP serão não aprovados. Neste sentido, recomenda-se ajuste do cronograma para início das coletas apenas após aprovação.

#### **Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:**

Protocolo se encontra aprovado, porém requer ajustes finais antes do início das coletas:

1) Incluir no formulário do Questionário anteriormente a opção de assinalar a concordância, a informação: "Declaro que entendi os objetivos, riscos e benefícios de minha participação na pesquisa e concordo em participar".

2) Incluir a informação "Caso envie o formulário e mude de ideia, basta enviar um email para a pesquisadora, solicitando a exclusão de suas informações." no TCLE a ser disponibilizado aos participantes da pesquisa.

<b>Endereço:</b> WASHINGTON LUIZ KM 235	<b>CEP:</b> 13.565-905
<b>Bairro:</b> JARDIM GUANABARA	
<b>UF:</b> SP	<b>Município:</b> SAO CARLOS
<b>Telefone:</b> (16)3351-9685	<b>E-mail:</b> <a href="mailto:cephumanos@ufscar.br">cephumanos@ufscar.br</a>





Continuação do Parecer: 4.178.385

**Considerações Finais a critério do CEP:**

**Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:**

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_1563895.pdf	12/07/2020 20:04:29		Aceito
Recurso Anexado pelo Pesquisador	CARTAspostasaoparecer.pdf	12/07/2020 20:03:58	ANA CLAUDIA MORON BETTI	Aceito
Outros	QUESTIONARIOmodificado.pdf	12/07/2020 20:03:27	ANA CLAUDIA MORON BETTI	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLEmodificado.pdf	12/07/2020 19:13:02	ANA CLAUDIA MORON BETTI	Aceito
Folha de Rosto	folhaderosto_.pdf	27/05/2020 12:21:05	ANA CLAUDIA MORON BETTI	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	Projeto_covid19_ccas.pdf	27/05/2020 12:19:34	ANA CLAUDIA MORON BETTI	Aceito

**Situação do Parecer:**

Aprovado

**Necessita Apreciação da CONEP:**

Não

SAO CARLOS, 28 de Julho de 2020

---

**Assinado por:**  
**ADRIANA SANCHES GARCIA DE ARAUJO**  
 (Coordenador(a))

**Endereço:** WASHINGTON LUIZ KM 235

**Bairro:** JARDIM GUANABARA

**UF:** SP

**Telefone:** (16)3351-9685

**Município:** SAO CARLOS

**CEP:** 13.565-905

**E-mail:** cephumanos@ufscar.br